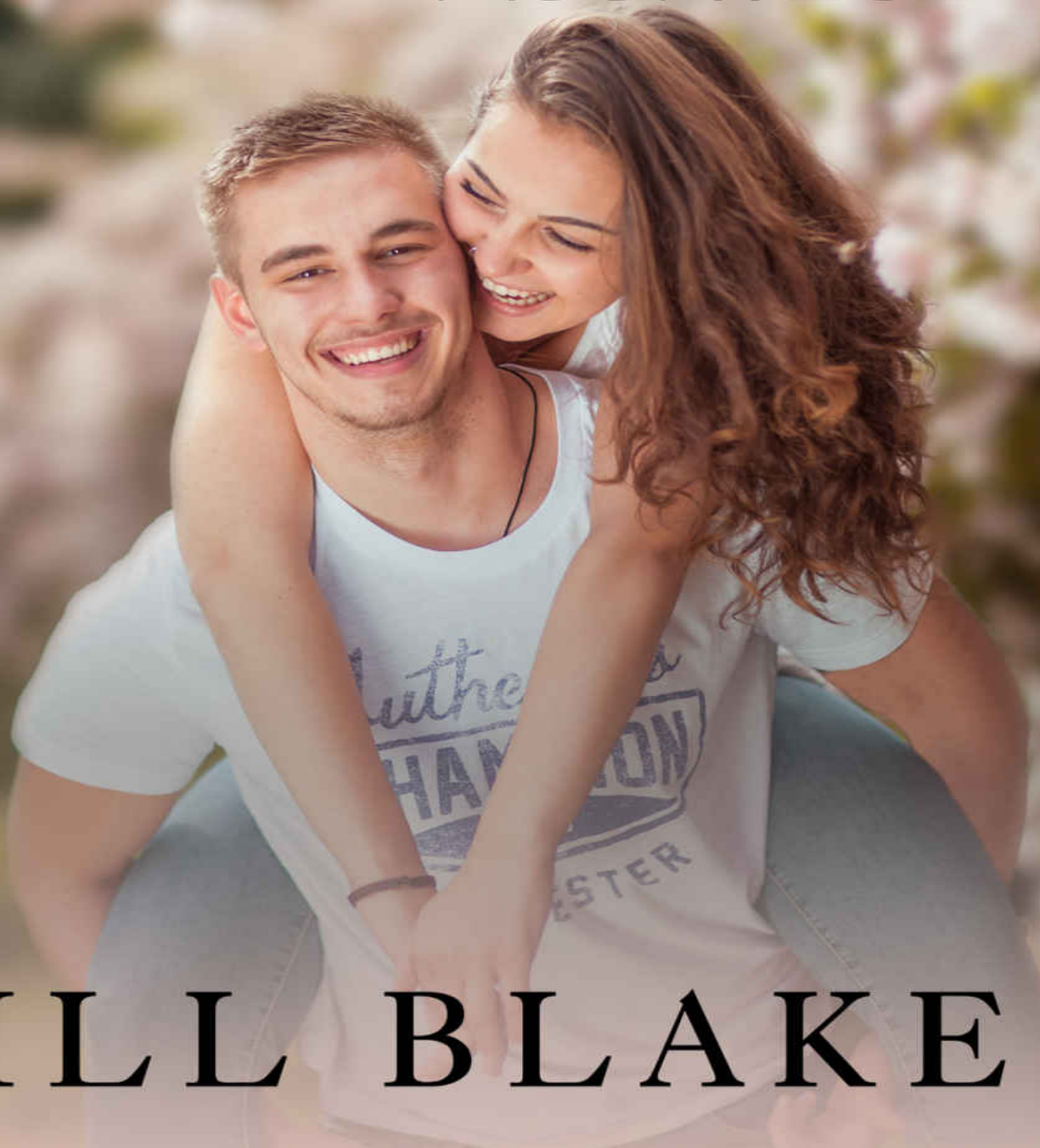


Bookmarks

QUANDO O

Amor

ACONTECE



JILL BLAKE



JILL BLAKE

QUANDO O

Amor
ACONTECE

Tradução:
Andréia Barboza

1ª edição
2020

Bookmarks

Sinopse

Becca Markham passou os últimos seis anos tentando agradar a todos. Agora é a sua vez. Ela deixa o namorado traidor e o emprego estressante como engenheira de software e decide transformar seu amor pela confeitaria de hobby a um trabalho em tempo integral.

Leo Kogan passou anos lutando para escapar de uma vida de pobreza. Primeiro na Rússia, depois nos EUA. Agora que é um cirurgião de sucesso, ele só precisa de uma coisa para completar seu sonho americano: a mulher perfeita. Mas passar de amigos para amantes é mais difícil do que imaginava.

Apesar da enorme atração, Becca e Leo não concordam... principalmente quando se trata de amor e dinheiro. Ela está procurando sexo sem compromisso e ele quer uma parceira para a vida toda. Ela está apostando seu futuro em um novo negócio e ele é obcecado por segurança financeira.

O amor pode unir duas pessoas obstinadas... ou suas diferenças irão separá-las?

Título Original: *Sweet Indulgence*
Copyright © 2016 por Jill Blake
Copyright da tradução © 2020 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Andréia Barboza
Preparação de texto: Luizyana Poletto
Diagramação: Andréia Barboza
Imagens de capa/miolo: @ **piolka** / **depositphoto**

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.

Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark

Índice

[Sinopse](#)

[Créditos](#)

[Glossário russo – português](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

Glossário russo – português

Chort poberi – Droga

Chto sluchilos – o que houve?

Do svad'biy zazhivyyot – idiomático: Você vai viver, vai ficar tudo bem
| literal: vai curar antes do seu casamento.

egoist – egoísta, homem arrogante

Kakoe der'mo – Que merda

Komsomolets – Membro do *Komsomol*, uma organização juvenil comunista da antiga União Soviética. A associação era ostensivamente voluntária, mas os jovens que optavam por não participar pagavam um preço alto pelo não-conformismo: eles tinham acesso negado ao ensino superior e efetivamente perdiam as oportunidades de progressão na carreira.

Ne pugai' yeyo – Não a assute

Nuzhna pomosch? – Precisa de ajuda?

Ti' chto, s'uma soshla? – Você está louco? | Literal: O que te fez perder a cabeça?

Vedi sebya - Comporte-se

zlotka – termo carinhoso | literal: garota de ouro.

Mesmo do outro lado da sala, separados por uma multidão barulhenta, Leo podia encontrá-la. Ele passou quatro anos estudando o perfil de Becca e memorizando suas feições. Os olhos azuis acinzentados eram emoldurados por linhas de expressão e cílios longos. Os cabelos bagunçados, que caíam no meio das costas e ostentavam meia dúzia de tons castanhos, estavam iluminados pelo sol. O corpo de uma atleta, com braços tonificados, pernas longas e seios perfeitos que encaixavam nas mãos.

Não que ele já tivesse conseguido testar.

Desde o momento em que se conheceram, pouco depois de Leo ter se mudado para Los Angeles para se juntar ao grupo de clínica ortopédica, Becca estava com outra pessoa. Um colega de Leo. Um homem tão indigno que Leo continuava esperando que um dia ela reconhecesse esse fato e terminasse com o cretino.

Mas o amor era cego.

Então ele permaneceu distante, só assistindo. Esperando Becca recuperar o juízo e ver o que estava bem à sua frente. A única coisa que o impediu de forçar a questão foi a noção de que ninguém jamais agradecia a quem dava as más notícias. Além disso, Becca era leal, mas não era boba. Em algum momento, ela veria a verdade. E seria nesse momento que Leo apareceria, pronto para confortá-la.

— E aí? — sua amiga Anna perguntou há alguns anos. Ele deveria saber que não podia confiar nela, especialmente considerando que também era amiga de Becca. — Vocês vão viver felizes para sempre?

— Por que não? — Ele ignorou o insulto a sua inteligência e bebeu o que devia ter sido a quarta ou quinta dose de vodca. Perdeu a conta depois de um tempo. Assim como havia perdido a noção do motivo da comemoração. Em vez de focar nas últimas conquistas de Anna – a oferta de uma vaga no departamento de matemática da universidade – Leo, de alguma forma, deixou seus pensamentos vagarem e sua discrição desaparecer. Droga. Havia uma razão para raramente beber. Para alguém que tinha quase um metro e noventa, sua capacidade de ingerir álcool era praticamente inexistente.

Anna tirou a garrafa de Grey Goose do seu alcance.

— Relacionamentos de rebote nunca dão certo.
— Como sabe? — ele rebateu. — Já tentou alguma vez?
— Não — ela disse. — Mas não preciso bater a cabeça contra uma parede para saber que vai doer.

No dia seguinte, Anna o apresentou a outra amiga: uma professora adjunta com quem namorou por um tempo. Terminaram pelo mesmo motivo que a maioria dos seus relacionamentos terminava: sexo e amizade não eram suficientes, mas eram as únicas coisas que ele estava disposto a oferecer. Pelo menos, para qualquer pessoa que não fosse Becca.

Leo suspirou e tomou outro gole do chá gelado. O calor e o barulho estavam começando a atingi-lo. Muita gente agasalhada em um espaço pequeno. O administrador responsável pela reserva do local da reunião devia ter subestimado a participação, provavelmente imaginando que poucos se incomodariam em aparecer em um fim de semana com feriado.

Mas sendo quatro de julho ou não, comida e bebida de graça sempre chamavam atenção. Especialmente para médicos recém-formados que entravam no primeiro ano de residência. E a equipe precisava de pouco incentivo para comemorar algo às custas do departamento.

O corpo clínico é que precisava ser estimulado a comparecer. Na semana passada, o departamento de ortopedia enviou um aviso, lembrando a todos da festa anual de “boas-vindas à residência”. Outro e-mail incentivou os médicos a trazerem convidados, algo que raramente era permitido nesta era de corte de custos e aumento do escrutínio do governo.

Então aqui estava ele, se apresentando ao serviço como um bom *Komsomolets* – um dos membros do *Komsomol*, a organização juvenil comunista da antiga União Soviética. Assim como à reunião, a associação à organização era *ostensivamente* voluntária, mas quem optava por não participar pagava um preço alto pelo não-conformismo: o acesso ao ensino superior era negado e efetivamente perdiam as oportunidades de progressão na carreira. A segunda consequência se aplicava a sua situação atual. O comunismo podia estar morto em algumas áreas do mundo, mas seus princípios de voluntariado obrigatório estavam bem vivos no departamento de ortopedia.

A porta do pátio se abriu, deixando entrar uma onda de calor. Leo olhou por cima do ombro e ficou rígido.

— Oi, John.

O homem que entrou fez uma pausa enquanto enfiava a camisa para dentro da calça.

— Ah — ele respondeu, olhando para cima. — Oi.

A porta se abriu novamente. Uma loira conhecida, com raízes escuras e seios exagerados, se encostou ao lado de John. Em vez do uniforme e crachá do hospital, ela usava um minivestido que deixava pouco para a imaginação.

A mulher passou uma unha pintada de rosa no braço dele.

— Te vejo depois?

John olhou na sua direção.

— Claro. — Ele se afastou e olhou ao redor da sala. — Depois.

Leo quase sentiu pena da moça. Por que as mulheres eram tão otárias com homens que as tratavam mal? Por outro lado, essa mulher em particular não era exatamente inocente. Ela trabalhava no departamento há tempo suficiente para saber que John tinha namorada.

O sorriso da mulher vacilou quando o notou parado ali.

— Dr. Kogan. Oi. Sinto muito, eu só... hum... com licença...

Ela se afastou rapidamente.

— Detesto quando elas ficam grudentas — John falou. — Basta uma trepada, e elas acham que você lhes deve alguma coisa.

Leo tensionou a mandíbula. O que Becca via neste troglodita?

John ajustou o colarinho.

— Você não vai dar importância demais a isso, vai?

— Isso o quê? — Leo murmurou. — O fato de você estar traindo a Becca? Ou por estar assediando sexualmente a equipe?

— Do que está falando? — John desviou o olhar para Leo. — Foi tudo consensual.

Ele não negou a traição. Filho da puta presunçoso.

— Qualquer dia desses — Leo falou —, você vai nos fazer ser processado.

John acenou, descartando a ideia.

— Não seja idiota, Kogan. Ela estava praticamente implorando por mim. E se ela disser o contrário, em quem você acha que a administração vai acreditar? Em mim ou em uma vadia que mal terminou o ensino médio e que atende telefones para ganhar a vida?

Leo estremeceu. Ele não ouvia esse tipo de porcaria misógina desde a faculdade.

— Se você está tão ansioso para sair com qualquer uma, por que se preocupar em ter uma namorada? — perguntou.

John deu de ombros.

— Rebecca não me dá muito trabalho. Ela não é muito criativa na cama, mas compensa de outras maneiras. Cozinha divinamente. Cuida da casa. E o pai dela é podre de rico. Isso, rapaz, compensa muitas coisas.

Os dedos de Leo se fecharam na palma da mão. Foi preciso uma tremenda força de vontade para não dar um soco no nariz do cara. Violência não resolveria nada. Talvez um dia desses, Leo pudesse se esquecer disso, mas não hoje, não com a sala cheia de colegas testemunhando e Becca...

Olhou ao redor, em direção ao último lugar que a viu. Ela estava com várias esposas de ortopedistas, assentindo e sorrindo para algo que uma delas dizia. E então ela olhou para ele e, por um segundo, Leo sentiu o barulho, o calor e a multidão diminuir.

— Acha que ainda tem comida? — John perguntou, trazendo-o de volta à terra.

Leo respirou fundo.

— Sim — disse, acenando com a cabeça em direção à mesa de bebidas. — A mesa de comida fica por ali.

Becca colocou três colheres de sopa de geleia de framboesa sem sementes em uma tigela de merengue. Trabalhou devagar, cortando o meio dos picos brilhantes e depois passando a espátula, jogando-os de volta para o lado da tigela. Mergulhou, deslizou e girou, os movimentos eram tão suaves e graciosos quanto os de uma bailarina.

Ela podia sentir a tensão diminuindo a cada movimento. Sua respiração desacelerou e seu pulso acalmou. A ansiedade da vida cotidiana de ter que manter um ritmo alucinante apenas para evitar ficar para trás, desapareceu.

Ela adorava fazer doces. Adorava o ritual de medir a farinha e o açúcar, acrescentando uma pitada de sal e fermento em pó, e amassar a massa. Adorava transformar um punhado de ingredientes comuns em algo que trazia prazer a cada garfada. Mas, acima de tudo, adorava o efeito calmante, quase meditativo, de estar na cozinha cercada pelos cheiros doces da infância.

Ao fundo, as vozes de Pavarotti e Freni se entrelaçavam no ato de abertura de *La Bohème*. Becca cantarolava enquanto colocava o merengue em um saco de confeitaria e decorava delicadas rosetas em uma assadeira forrada com papel manteiga.

O telefone tocou enquanto misturava creme e chocolate para fazer um recheio de ganache.

— Bom trabalho — o chefe disse assim que Becca atendeu. — Mas agora o cliente deseja uma funcionalidade adicional. Espero que você não tenha planejado nada para este fim de semana.

— Você está brincando. — Ela se encostou no balcão. — Fiquei acordada a noite toda escrevendo o código para o último ajuste que eles queriam.

— Sabe que seu trabalho não é das nove às cinco, garota. Preciso dar o que eles querem. Me entregue na segunda. — Ele desligou.

Ótimo. Se esforçou muito, esperando que tivesse terminado o projeto. Aquilo já havia consumido mais do seu tempo do que qualquer outra coisa em que já trabalhou antes. Considerando que ela ingressou na empresa logo

após a faculdade, há mais de dez anos, e não era raro ter jornadas de dezesseis a dezoito horas de trabalho, isso significava muito.

Ela se viu imaginando mais uma vez se as vantagens de seu trabalho compensavam as demandas. Claro, podia trabalhar em casa. E sim, seu salário lhe dava mais conforto e independência do que muitos dos seus colegas desfrutavam. Mas se ela nunca tinha tempo de tirar proveito dessas coisas, realmente valia a pena as horas brutais e o estresse determinado pelo prazo curto?

Estava ansiosa para passar um fim de semana tranquilo com John. Entre os horários de trabalho dos dois, raramente se viam nos últimos tempos, apesar de morarem juntos e dividirem a mesma cama. Era para ser a oportunidade de se reconectarem, apenas os dois. Sem qualquer obrigação de trabalho disfarçada de eventos sociais. Nada de maratonas de trabalho a noite toda para cumprir um prazo absurdo.

Droga.

O timer do forno tocou.

Talvez as modificações que o cliente queria fossem rápidas e fáceis de fazer. Algumas teclas, uma linha extra ou duas de código...

Uma garota sempre podia sonhar.

Suspirou e pegou uma luva de forno.

Seis horas depois, Becca se recostou na cadeira, com os olhos muito turvos para se concentrar na tela do computador. Sua última xícara de café estava praticamente intocada ao lado do teclado. Pegou a caneca, mas mudou de ideia quando seu estômago se rebelou ao pensar em mais cafeína.

O que realmente precisava era dormir. Mas ir para a cama agora significaria ficar acordada a noite toda de novo e exausta demais pela manhã para ser produtiva. Ela ainda tinha um dia inteiro de programação a fazer. Isso supondo que não houvesse *bugs* para resolver.

Se levantou e se espreguiçou. Talvez um banho quente e uma rápida ida ao hospital a animassem. Alguns minutos roubados com John entre as consultas não compensaria o fim de semana perdido, mas era melhor que nada. Os merengues seriam o seu ingresso: uma caixa para o sala da equipe e outra para o posto de enfermagem da unidade de atendimento pós anestésica.

No hospital, Becca pegou o crachá de visitante no balcão da segurança e subiu as escadas. Uma das enfermeiras da ortopedia estava na sala de descanso quando ela entrou. A mulher pareceu surpresa ao vê-la.

Becca levantou a sacola de guloseimas como um talismã.

— Fiz isso hoje. Receita nova.

Foi o suficiente para a mágica acontecer. Outra enfermeira logo se juntou a elas, seguida por um dos funcionários do andar.

— Posso verificar de novo — a recepcionista falou depois de devorar o segundo merengue. — Mas tenho certeza de que o dr. Hunter não estava na escala de cirurgia hoje.

Becca fez uma careta.

— Eu podia jurar que estava...

A enfermeira balançou a cabeça.

— Sinto muito, querida. Também não o vi.

— Talvez ele esteja na clínica — a outra enfermeira sugeriu.

Não estava.

A mulher que a informou desse fato era nova e Becca não reconheceu seu nome ou fisionomia.

— A Patty está? — Becca perguntou, esperando que a recepcionista com quem estava acostumada soubesse o paradeiro de John. Mas, aparentemente, ele não era o único que havia sumido do departamento.

— Não, senhora — a substituta falou. — A Patty está de folga. Quer deixar uma mensagem ou há algo em que eu possa ajudá-la?

Becca piscou. Atrás dela, alguém tossiu. Um fluxo constante de conversa em espanhol se misturava com o barulho suave da água de um aquário no canto.

— Senhora — a mulher na mesa a chamou —, se quiser se sentar, posso ver se o dr. Kogan pode lhe atender. Ele é o único aqui esta tarde.

— Ah. Não, tudo bem. — Becca se afastou do balcão e olhou ao redor da sala de espera lotada. E agora?

O som de um telefone tocando a tirou do transe. Claro. Procurou o iPhone e começou a digitar.

Onde você está?

Um minuto se passou. Então dois. Talvez tivesse acontecido um acidente. Mas, nesse caso, será que ninguém teria se preocupado por John

não aparecer no trabalho?

A sensação de desconforto que a acompanhou o dia inteiro aumentou. Passou por várias telas até encontrar o aplicativo de GPS que instalou na última vez que John perdeu o telefone. Antes que pudesse digitar a senha, uma porta interna se abriu e uma médica assistente de uniforme verde-oliva chamou sua atenção e a fez levantar a cabeça.

— Becca? Achei mesmo que era você. O que está fazendo aqui?

Becca levou alguns segundos para lembrar o nome da mulher.

— Alma — falou. — Oi.

— Isso é para nós? — Os olhos da mulher focaram na sacola pendurada no pulso de Becca.

— O quê? — Becca olhou para baixo. A segunda caixa de merengues. As que ela se esqueceu de deixar na unidade de atendimento pós anestésica, porque estava com pressa de chegar à clínica. — Sim. — Guardou o telefone no bolso e ofereceu a sacola a Alma. — Aqui.

Uma voz profunda a interrompeu.

— Alma...? Preciso de uma tala no quarto dois.

— O dever me chama — Alma sussurrou. — Pode seguir lá para os fundos. Você sabe onde fica a cozinha.

Ela desapareceu no corredor. Becca caminhou devagar. Largou a sacola na pequena cozinha e estava saindo quando a porta da sala de exames se abriu e uma figura alta, de jaleco branco entrou em seu caminho.

— Opa! — Ele segurou seu braço bem a tempo de impedi-la de cair. — Becca! Você está bem?

Ela ignorou a sensação de formigamento em seu braço. E a tontura? Provavelmente era só privação do sono. E ansiedade. Sim, tinha que ser isso.

Ele inclinou um pouco a cabeça e franziu as sobrancelhas loiras escuras. Observou a expressão dela, que inspirou seu cheiro: algo pungente como frutas cítricas misturado com sabonete de hospital.

— Becca?

— Sim — respondeu. — Estou bem, Leo. Pode deixar.

Sentiu como se uma eternidade se passasse antes que ele assentisse e a soltasse. Ela estremeceu, esfregando o braço no local onde seus dedos a tocaram.

— O que está fazendo aqui? — perguntou.

Ela estava começando a odiar essa pergunta.

— Procurando pelo John.
O olhar de Leo se aguçou.
— Ele não está no hospital?
— Não. — Ela mordeu o lábio. — Tem alguma ideia de onde ele possa estar?

Leo hesitou.

— Não.

— Você me diria se tivesse?

Ele se mexeu e limpou a garganta.

— Talvez.

— Leo...

A porta da sala de exames se abriu.

— Está liberado — Alma falou, conduzindo um paciente de muletas.

Leo e Becca se afastaram.

— Sinto muito — ele disse, baixando a voz. — Preciso voltar. Talvez você deva ligar para Anna...

Por que ele sugeriria isso?

A sensação de mal estar na boca do estômago se espalhou. Ela respirou fundo e observou as costas largas de Leo enquanto ele caminhava pelo corredor, empurrava a porta da sala de exames e desaparecia lá dentro.

Seu celular vibrou. Ela o pegou e teve que ler a mensagem de John duas vezes, porque as palavras ficaram embaçadas.

Ocupado trabalhando. Prestes a iniciar outro atendimento. O que houve?

De alguma forma, ela chegou em casa e aguentou o resto do dia.

Era quase meia-noite quando ouviu a chave de John na porta. Ela não ficou surpresa. Ele havia mandado uma mensagem avisando-a sobre uma fasciotomia de emergência que precisava fazer em um paciente com síndrome compartimental.

Foi quando ela verificou o GPS e confirmou o que já sabia: John não estava no trabalho. Ele não estava nem perto de lá. O sinal indicava um resort de luxo a cerca de cinquenta quilômetros a nordeste do hospital. Pesquisou o lugar na internet. Silencioso, discreto, situado em meio a nove hectares de jardins luxuosos. Parecia um refúgio perfeito da cidade e a diária custava a partir de trezentos dólares.

E pensar que de manhã, ela estava preocupada com o trabalho atrapalhar seus planos para o fim de semana!

A porta da frente se abriu. John acendeu as luzes e ficou paralisado.

— Rebecca. Por que você está sentada aqui no escuro?

Ela piscou como se estivesse acordando de um sonho.

— Oi, John — ela falou. — Como foi o trabalho?

Aquele fenômeno climático em que toda a costa ficava nublada deixava o clima melancólico. Um denso nevoeiro pairava sobre a baía de Santa Monica, apesar de já estarem em meados de julho. Mais algumas horas e esquentaria, mas, por enquanto, a temperatura se mantinha baixa e os turistas, à distância. E combinava perfeitamente com o humor de Becca.

Sua respiração ficou presa e seus músculos queimaram enquanto ela pisava na areia. Anna a acompanhou. A amiga parecia mais preocupada que o habitual esta manhã. Provavelmente, elaborando alguma prova matemática brilhante. Ela já havia alcançado mais sucesso na carreira do que a maioria dos acadêmicos jamais poderia esperar, mas não era do tipo que se apoiava nos louros.

Às vezes, Becca brincava por ela ter alcançado um posto tão alto muito jovem. Mas a realidade é que ela invejava o desejo e a autoconfiança de Anna, seu entusiasmo inabalável e a convicção profunda de que trabalhar com matemática era o que ela nasceu para fazer.

Becca já havia se sentido assim quanto ao próprio trabalho? Ou por algo na vida?

Programação foi a escolha de carreira do pai para ela, que a seguiu. Por que não? Era um trabalho estável, que pagava bem e oferecia excelentes benefícios. Ela não era um gênio como Anna, e não tinha um desejo ardente de fazer qualquer outra coisa. Mas depois de dez anos, ela começou a se perguntar se havia se subestimado.

Independentemente do que os livros de autoajuda alegassem, sorrir e fingir que estava tudo certo com o mundo não mudava seu problema. Ela não estava feliz. Não estava feliz no trabalho e nem no relacionamento.

Estava vivendo à deriva e provavelmente continuaria a fazê-lo se não fosse pelo desastre da noite anterior com John.

Eles não discutiram o que aconteceu. John alegou cansaço e a própria Becca havia ficado cerca de quarenta horas sem dormir.

Hoje, ela o pegou de saída.

— Sinto muito, baby — ele falou, balançando as chaves. — Tive que trocar de plantão com um dos outros médicos. Ele teve uma emergência familiar. Vou te compensar no próximo fim de semana. Prometo.

Isso lhe deu tempo para pensar. Era incrível as lembranças que um dia e uma noite inteiros de meditação poderiam trazer. Memórias de outras inconsistências explicadas de forma rápida ou deixadas de lado voltaram à tona. E junto com elas, a percepção crescente de que as coisas não estavam boas entre os dois há algum tempo. Nada gritante como este último fiasco. Era mais como o gotejamento constante de uma torneira vazando. O fato de não se lembrar de seu aniversário ou de um jantar marcado com bastante antecedência. A falta de atenção ao que ela estava dizendo, graças a distrações como uma mensagem de texto recebida, uma jogada em especial na ESPN ou uma mulher andando de salto alto e minissaia. Algumas críticas aqui, um comentário depreciativo ali. *Não conseguiu se maquiar? Ou, qual a sobremesa? Mylanta?*, perguntava, se referindo ao antiácido.

Talvez ela estivesse muito perto do problema para reconhecê-lo. Talvez seu desejo de amar superasse os sentimentos feridos. Ou talvez tenha sido uma simples inércia, resultado da complacência gerada por ser metade de uma dupla em uma sociedade onde ser parte de um casal ainda era um status a se aspirar.

Mas agora... sentia que estava enxergando pela primeira vez em anos.

Depois de voltar para casa da sua corrida de sábado de manhã com Anna, Becca tomou um banho rápido e ligou o computador.

O fim de semana inteiro se estendeu diante dela. Horas e horas a ocupar. E ela as ocuparia. Afinal, ainda tinha trabalho a fazer e prazos a cumprir.

Além disso, chorar era inútil. Isso não mudaria a situação, atrasaria o relógio, nem restabeleceria uma relação de confiança quebrada. Então ela se recusou a chorar.

Essa determinação durou até a noite de sábado quando encontrou Anna novamente, desta vez para tomar uma bebida.

A segunda margarita foi a responsável pelos acontecimentos.

— Acho que o John está saindo com alguém — disse e imediatamente explodiu em lágrimas.

Até aquele momento, ainda havia a possibilidade de fingir. Mas uma vez ditas, as palavras ganharam vida própria. Não conseguiu recuperá-las ou ignorar as repercussões.

Deixou a história escapar: sua visita ao hospital, ao consultório, as mentiras, a evidência da traição de John.

Quando finalmente acabou, Becca se encostou na cadeira.

— O que vou fazer? — sussurrou.

— Vai superar — Anna falou, estendendo a mão sobre a mesa para segurar a da amiga.

— Nem sei quem ela é — Becca falou. — Ou há quanto tempo isso vem acontecendo.

Em vez de responder, Anna fez sinal para a garçonete trazer uma nova rodada.

Uma sensação de mal-estar, que não tinha nada a ver com o álcool, se instalou no estômago de Becca.

— Ah, Deus — murmurou. — Você sabia, não é? Quem é ela? Como você pôde não me contar?

Anna estremeceu.

— Não tenho ideia de quem é.

— Mas você sabia que ele estava me traindo.

— Eu suspeitava — Anna disse. — Mas não tinha nenhuma prova.

— Por que não me contou?

A garçonete trouxe as bebidas. Anna esperou até que ela estivesse fora de alcance antes de responder com outra pergunta.

— Você teria acreditado em mim?

— Sim — Becca disse e depois suspirou. — Talvez.

— Sinto muito.

Os olhos de Becca se encheram de lágrimas novamente.

— Você acha que havia outras?

— Como assim?

— Outras mulheres.

Mais uma vez, a hesitação.

O rosto de Becca se contorceu.

— Sou tão idiota. Não posso acreditar... ah, caramba. — Respirou fundo quando outro pensamento lhe ocorreu. — E se ele não tiver usado preservativo? E se eu tiver uma doença horrível porque ele me traiu?

Anna fez uma careta.

— Ele é médico. Tenho certeza de que foi cuidadoso.

— Como pode saber? Você não tem como saber disso a menos que... ah, Deus, você não. Por favor, me diga que você não...

— *Ti' chto, s'uma soshla?* — A voz de Anna se elevou ao perguntar se ela estava louca em sua língua materna. — Jamais faria isso Você é a minha melhor amiga, Bec. Como pôde pensar isso?

— Sinto muito. — Becca engoliu metade da bebida. — Não sei mais em quem confiar. Estamos juntos há seis anos. Seis anos. Isso deveria significar algo, certo? Como ele pôde simplesmente jogar nossa história fora? O que há de errado comigo que fez com que ele saísse por aí e...

— Não há nada de errado com você — Anna disse com ferocidade. — *Ele* é quem tem um problema. É *ele* quem não conseguiu manter as calças fechadas. Você não fez nada de errado.

— Então por que...?

— Porque ele é um idiota — Anna falou. — Você vai ficar muito melhor sem ele.

A amiga estava certa. Claro que estava.

Mas então ela titubeou, a dúvida aumentou e não importava o quanto bebesse, Becca não conseguia abafar os pensamentos que continuavam girando em sua cabeça.

Poderia ter prestado mais atenção. Poderia ter tentado mais, usado roupas mais sensuais, sido mais aventureira na cama. Essas coisas teriam feito diferença? Ou ela estava tão acostumada a dar desculpas por John e a internalizar a culpa que, mesmo agora, sabendo que ele mentiu e traiu, ainda sentia que a culpa era sua?

— Vamos — Anna falou. — Vamos para casa.

— Não. — Becca encolheu os ombros. — Não posso. Não assim. Por favor.

— Tudo bem, Bec — Anna a acalmou. — Você pode ficar no antigo quarto da Klara. Ela não vai se importar.

— Tem certeza? — Becca perguntou. Klara era a irmã mais nova de Anna. — Onde ela vai dormir?

— Ela está em São Francisco, lembra?

— Ah. Certo. — Estava se lembrando. A decisão de Klara de abandonar a faculdade e se mudar para São Francisco ainda era um ponto doloroso para Anna, embora ultimamente ela parecesse mais resignada do que chateada. Becca se levantou e cambaleou. — Talvez eu deva ir para São Francisco — disse. — Recomeçar. Casa nova. Emprego novo. Tudo... novo.

— Claro, Bec. — Anna a pegou pelo braço e a guiou em direção à saída. — Mas amanhã, tá?

Na manhã seguinte, San Francisco era a coisa mais distante da mente de Becca.

Tudo doía. A cabeça, os olhos e todos os músculos do seu corpo. Anna fez sons compreensivos e ofereceu café, quatro ibuprofenos e torradas para ajudar com os medicamentos. Esse cuidado, combinado a um banho quente, a fez se sentir quase humana.

— Aqui, experimente isso. — A amiga lhe ofereceu algumas roupas limpas.

Anna era sete centímetros mais baixa e usava um tamanho a mais que o seu. Graças a Deus pelas calças de ioga e camisetas de algodão.

— Tudo bem se eu devolvê-las na semana que vem?

— Claro — Anna respondeu. — Qual é o plano para hoje?

Becca passou os dedos pelo cabelo, fez um rabo de cavalo e o prendeu com um elástico. A única coisa positiva de todas aquelas horas que passou pensando em John foi ter conseguido terminar o programa que seu chefe queria. Tudo o que restava era clicar em *enviar* assim que chegasse em casa. E então... o que faria?

Preparar algum doce? Se afogar em um pote de *Ben & Jerry's*? Se torturar com comédias românticas na Netflix que se assemelhavam tanto à sua vida quanto creme de leite condensado com bagel velho?

Não, não e não.

Não ia mais chafurdar. Estava cansada de fazer o papel de namorada desvalorizada. Cheia de trabalhar horas insanas em um emprego do qual estava pronta para admitir que odiava.

Mas o que fazer? E onde? Não podia ficar no apartamento que dividia com John. O aluguel estava em seu nome. Mas se realmente fosse fazer isso, precisava de um lugar para si. Onde não houvesse lembranças ruins e emoções negativas. Algo pequeno e modesto, mas com um forno decente e muito espaço no balcão.

— Olá — Anna acenou com a mão na frente do rosto de Becca. — Para onde você foi?

Becca suspirou.

— Ainda não fui a lugar nenhum. Meu carro ainda está no bar?

— Espero que sim.

— Engraçadinha. — Becca embalou suas roupas sujas e as colocou na bolsa. — Pode me dar uma carona até lá?

Anna hesitou.

— Tem certeza? Pode ficar aqui o tempo que quiser. Há muito espaço.
Becca piscou para afastar uma nova rodada de lágrimas.

— Obrigada, Anna. Mas preciso resolver as coisas.

Anna assentiu. Ela olhou na direção de Becca várias vezes durante a viagem, mas não disse nada até estacionar atrás do seu carro.

— Se quiser companhia...

— Obrigada — respondeu, estendendo a mão sobre o console central para apertar a da amiga. — Eu te aviso. Mas por enquanto, estou bem.

Tudo bem, talvez tenha sido exagero. Mas Becca preferia pensar nisso como uma declaração de intenções. Saiu do carro e pegou as chaves. Hora de começar a fazer planos.

Eva, amiga de Becca, era uma daquelas pessoas que parecia conhecer todo mundo. Designer gráfico que recentemente se autodenominou consultora de marketing, Eva tinha um smartphone cheio de contatos para qualquer ocasião. Quando Becca ligou perguntando se ela conhecia bons corretores de imóveis, sua resposta foi imediata.

— A irmã do Max — ela respondeu. — Max era o marido de Eva. — O nome dela é Nina, e eu a conheço desde sempre. Espere um segundo, vou mandar uma mensagem para ela.

Na pausa que se seguiu, Becca olhou ao redor da sala, com sua miscelânea de móveis e prateleiras repletas de livros e lembranças que ela e John haviam acumulado ao longo dos anos. Quanto tempo levaria para separar os fios entrelaçados das suas vidas?

Seu celular tocou.

— Pronto — Eva falou. — Enviei seu contato. Você e John estão querendo se mudar?

Becca hesitou. Ela meio que esperava a pergunta. Infelizmente, não teve tempo para preparar uma resposta educada e descompromissada que satisfaria a curiosidade de Eva sem transmitir o fato de que o relacionamento havia terminado.

Talvez John não merecesse essa cortesia. Mas depois de seis anos juntos, Becca sentiu que deveria conversar com ele antes de anunciar a separação para o resto do mundo. Já era ruim o suficiente ter se deixado levar e contado toda a história para sua melhor amiga. O único fator de redenção, era que podia contar com a discrição de Anna. E embora gostasse de Eva, a amizade ainda era nova demais para qualquer confissão.

Por outro lado, Eva era bem rápida em absorver as coisas. Foi um dos fatores que a tornou tão bem-sucedida em um campo que atraía forte concorrência. Não dizer nada poderia ser interpretado como uma declaração em si.

Becca esfregou a têmpora, onde sua cabeça continuava doendo.

— Só estou procurando por algo pequeno — disse. — Para alugar, a princípio. Acha que a Nina tem uma relação de imóveis?

— Com certeza. — Eva assegurou após uma breve pausa. — Ligue para ela, tenho certeza de que ela terá algo para lhe mostrar.

Ela ligou. O melhor de tudo era que a moça estava livre naquela tarde.

— Por que não passo para te pegar? — ela perguntou depois de verificar onde Becca morava. — É mais fácil irmos em um carro só, principalmente porque vamos a vários lugares.

Nina não estava exagerando. Eles examinaram apartamentos de Brentwood e Santa Mônica a Venice e Marina del Rey.

— Quando você precisa se mudar? — Nina perguntou enquanto se dirigiam para o sul, em direção a Playa Vista.

— Quanto mais cedo, melhor — disse Becca.

John estava de plantão o fim de semana inteiro e seu horário de trabalho durante a semana normalmente era das seis ou sete da manhã às sete ou oito da noite. Quando chegava em casa, muitas vezes estava cansado demais para fazer qualquer coisa além de comer e assistir ao noticiário ou a um jogo na ESPN. Se conseguisse finalizar tudo no decorrer da semana, não sabia quando finalmente teriam a chance de se sentar e conversar.

Enquanto isso, Becca poderia começar a preparar as bases para um futuro sem ele. Encontrar um lugar para morar era o primeiro passo.

— Sem problemas — Nina falou, estacionando em um condomínio novo, construído ao redor de um parque que parecia se estender por quilômetros. Ciclistas, corredores e casais com carrinhos de bebês pontilhavam o caminho pavimentado ao longo do parque. — Este lugar tem inúmeros imóveis para alugar e todas as comodidades que você poderia desejar a uma curta distância de carro. Vamos dar uma olhada.

Uma hora depois, Becca saiu da imobiliária com um contrato de aluguel e as chaves na mão. Ficou parada por um momento nos degraus que levavam à rua, piscando ao sol do fim da tarde.

— Não acredito em como isso foi fácil.

Nina sorriu.

— Ter um bom crédito ajuda.

— Foi o que aconteceu? — Os lábios de Becca se curvaram em um sorriso relutante. — Achei que você era o motivo. O gerente parecia não tirar os olhos de... você sabe. — Gesticulou de forma vaga na direção dos seios de Nina.

A corretora riu e destrancou o carro.

— A amamentação sempre faz isso.

— Ah. — Becca afivelou o cinto de segurança. — Quantos filhos você tem?

— Dois. Connor, de nove, e Kevin, que tem três meses.

Becca lhe deu uma segunda olhada.

— Uau. Você está ótima para alguém que acabou de ter um bebê. Quero dizer, você está ótima, ponto final. Eu nunca teria imaginado... — ela se interrompeu. — Certo. Bom, vou calar a boca agora.

Nina riu.

— Obrigada pelo elogio.

— Sinto muito por te manter na rua por tanto tempo — Becca falou. — Especialmente em um domingo. Você deve estar ansiosa para voltar para casa.

— Não se preocupe. O Connor está em um acampamento com o pai. E a Eva está cuidando do Kevin. Deixei uma mamadeira para ele. — Ela olhou para o relógio do painel. — Apesar de que... está quase na hora de outra mamada. Você se importa se pararmos na Eva antes de eu te deixar?

O tráfego estava leve. Em vinte minutos, Nina parou no meio-fio. Eva as recebeu na porta com uma criança chorando aninhada em seu peito.

— Graças a Deus — Eva falou. — Ele estava começando a ficar irritadiço.

— Me desculpe. — Nina entrou para pegar o filho. — Vou alimentá-lo enquanto vocês conversam.

Ela foi em direção às escadas.

Becca olhou para a barriga de Eva.

— Você está...?

— Sim. — Eva riu e fez sinal para Becca entrar. — Sete meses agora. A última vez que te vi, não estava aparecendo ainda.

— Parabéns — Becca falou. Para alguém que nunca pensou muito em ter filhos, a não ser de uma maneira abstrata – *um dia, talvez, em um futuro distante* – estar cercada por toda essa evidência de fertilidade era um pouco desconcertante. Ela procurou algo para dizer. Nada lhe veio à cabeça, exceto a frase que costumava falar em anúncios de casamentos. — Você deve estar animada.

— Estamos — Eva falou. — Pelo menos, Max e eu estamos. Não tenho tanta certeza quanto ao Ben. Ter que dividir a atenção depois de ser filho único por nove anos deve ser difícil.

— Acho que sim. — Como filha única, dividir atenção não foi algo com que Becca já se preocupou. Ela duvidava que isso fosse um grande problema no futuro, já que estava com trinta e dois anos, saindo de um relacionamento fracassado e suas perspectivas para a maternidade estavam diminuindo mais rápido que os dados enviados por um cabo de fibra óptica.

— Como foi? — Eva perguntou, liderando o caminho em direção à sala de estar. — Encontrou algo?

— Sim.

— Isso é ótimo! Viu, eu te disse que a Nina era a melhor. Deveríamos sair e comemorar.

— Não sei...

— Se não por você, então por mim. Preciso de uma noite de garotas. E tenho certeza de que a Nina sente o mesmo. Nada muito longe. Algumas bebidas, um pouco de comida gordurosa. O que me diz?

Becca olhou para ela.

— Você quer *beber*?

— Claro. Algo frutado e sem álcool. E quero tanto comer batatas fritas que você não acreditaria. O que acha de irmos esta noite?

Becca balançou a cabeça.

— Eu não estava planejando...

— Está tudo bem — Eva falou. — Deixe tudo comigo. Vou ligar para minha irmã, Angie, para ver se ela pode ficar de babá. Confie em mim, será divertido.

Antes que Becca pudesse protestar, um movimento do outro lado da sala chamou sua atenção.

Uma figura alta se levantou do sofá. Olhos verdes familiares franziram nos cantos quando um sorriso lento se espalhou por seus lábios. Becca prendeu a respiração. O que Leo estava fazendo aqui?

— Becca. — Ele se aproximou e se inclinou para beijar sua bochecha.

Ela corou e deu um passo para trás. Sua pele formigava onde os lábios dele a tocaram. O que havia de errado com ela? E o que havia de errado com *ele*? Leo nunca agiu com tanta familiaridade antes. Claro, ele era amigo de infância de Anna — ela ouviu a história várias vezes para saber o quanto eles eram próximos na Rússia e como Anna estava feliz por tê-lo por perto novamente depois de quase duas décadas de afastamento.

Mas ele também era colega de John. O homem que testemunhou sua humilhação há apenas dois dias, quando ela parou na clínica em busca do

namorado desaparecido. Em retrospecto, ela percebeu que Leo, assim como Anna, deviam saber o que estava acontecendo. Caso contrário, por que ele teria sido tão solícito com ela durante sua visita?

— Você parece estar bem — ele falou, observando-a com uma concentração que ela achou enervante.

Ela deu outro passo para trás.

— Obrigada.

Ela já teve dias melhores e sua aparência devia refletir isso. Estava sem maquiagem. Usava a mesma calça de ioga que pegou emprestada de Anna naquela manhã, apesar de ter trocado a camiseta larga por uma preta fina e um cardigã folgado. Passou os dedos pelos cabelos, que em algum momento desta tarde haviam se soltado do rabo de cavalo bagunçado pelo vento.

— O que está fazendo aqui? — perguntou.

— Max e eu jogamos na mesma liga de hóquei — ele respondeu. — Temos um jogo hoje à noite. Estou esperando que ele desça para que possamos ir.

— Ah. — Olhou para Eva, que assistia à interação deles com espanto. — Não sabia que Max jogava hóquei.

Eva piscou.

— Sim, bem, ele parou por um tempo. Mas agora que a perna está curada, voltou a jogar. Alguns domingos por mês em El Segundo. Ele, o Leo e vários outros médicos do hospital se encontram e descarregam a agressividade no gelo.

— Legal — Becca falou. — Também é bastante conveniente ter seu próprio médico ortopedista na equipe.

— Mal não faz — Eva concordou. — Quer beber alguma coisa antes de irmos? Não? E você, Leo?

— Estou bem, obrigado — ele disse

— Bem, tudo bem — Eva falou. — Por que vocês não se sentam e relaxam? Sabem onde fica a cozinha se mudarem de ideia. Vou ver porque o Max está demorando.

— Sem pressa — Leo avisou. — Ele mencionou algo sobre Rick Riordan e os Heróis do Olimpo.

— Imaginei. — Eva foi até a escada. — É o ritual para Ben dormir. Eles se revezam na leitura. Não tenho certeza de quem está gostando mais da série, Ben ou Max. — Ela fez uma pausa e olhou para trás. — Me dê

alguns minutos, Becca. Vou ligar para a Angie e quero ouvir tudo sobre esse novo apartamento que você encontrou.

No silêncio após a saída de Eva, Becca examinou as opções de lugares para se sentar, consciente do olhar atento de Leo. Estava quente aqui? Ela tirou o casaco e o jogou no encosto de uma poltrona, depois se acomodou nas almofadas macias. Leo se sentou no sofá.

— Então — ele disse —, apartamento novo?

— Sim.

— O que há de errado com o antigo?

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Leo e John trabalhavam juntos, lembrou a si mesma mais uma vez. Ela e Leo não deveriam ter essa conversa, pelo menos até que ela tivesse resolvido as coisas com o próprio John. Mas o namorado não estava aqui e Leo estava, e seus olhos seguiam cada movimento dela. Mordeu o lábio. Estava imaginando, ou os olhos dele estavam mais escuros?

— Não há nada errado — falou — É só que...

— O quê? — Leo questionou.

Ela suspirou.

— O John está lá.

— Ah. Ele voltou para casa.

— Sim.

Leo bateu um dedo na calça de brim.

— Ele te disse onde esteve?

— Não. Ainda não chegamos a essa conversa.

Leo franziu o cenho e se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. O espaço entre eles encolheu. Se ela esticasse a mão, seria capaz de tocá-lo. O pensamento fez seu pulso disparar.

Louca. Era o *Leo*. Claro, ele era lindo e ela teria que ser cega para não notar. Mas até agora, esse fato foi registrado apenas de passagem. Como se fazia com uma bela obra de arte ou um magnífico pôr do sol sobre o Pacífico.

Se ela pensava nele, era como parte de um cenário: como parte do seu mundo graças às suas conexões em comum, mas certamente não como uma figura central. Ao longo dos anos, se acostumou a vê-lo quando passava pelo hospital ou pela clínica com os doces que fazia e em vários eventos sociais organizados por Anna ou pelo departamento de ortopedia.

O que tornava essa súbita consciência física dele completamente inexplicável. No entanto, lá estava. Ela respirou fundo, sentiu o peito expandir e a fricção do tecido sobre a pele sensível dos seios.

Pela primeira vez desde que entrou na sala, o olhar dele deixou seu rosto e fez uma rápida observação em seu corpo, permanecendo nas áreas expostas da pele.

— Está preocupada com a reação dele?

Ela franziu a testa. Esteve tão concentrada em sua própria raiva e depois nos passos concretos que precisava tomar para construir sua vida pós-John, que mal pensou no que o ex poderia dizer ou fazer quando finalmente apresentasse sua decisão. *Tinha* motivos para se preocupar?

Seu silêncio deve ter durado muito, porque a expressão de Leo ficou mais sombria.

— Se ele lhe causar algum problema...

— Isso não vai acontecer — falou com mais segurança do que sentia.

— Mas se acontecer...

— Vou lidar com as coisas. — Ela se aproximou e tocou o antebraço de Leo. Os músculos eram duros e inflexíveis. — Vou ficar bem, Leo.

Ele a observou como se estivesse avaliando sua sinceridade, depois assentiu. Ela se viu relutante em soltá-lo. Ele deve ter sentido o mesmo, porque quando ela começou a se afastar, sua mão cobriu a dela, a palma quente fornecendo pressão suficiente para mantê-la onde estava.

— Quando você planeja se mudar?

Ela olhou para as mãos unidas.

— Assim que eu conseguir organizar tudo.

— Precisa de ajuda?

— Obrigada, mas não.

— Tem certeza? — perguntou. — Sou bastante útil quando se trata de coisas assim. Sou mais forte do que pareço.

A declaração arrancou uma risada dela. Ele parecia muito forte. A camisa polo não conseguia disfarçar os ombros poderosos e o peito largo, nem a impressionante ondulação dos ombros e braços. Duvidava de que praticar hóquei duas vezes por mês fosse responsável por esse físico. Onde ele encontrava tempo para se exercitar?

— Vou manter isso em mente — respondeu.

— Tem meu telefone?

— Tenho certeza de que o John... — ela se interrompeu. Seis anos de hábito. Provavelmente precisaria de um exorcismo para se livrar de todos os hábitos irritantes que acumulou ao longo do relacionamento e que agora não eram mais necessários.

— Me dê seu celular — ele pediu.

— Por quê?

— Dois segundos — ele disse. — Vou salvar meu número. Só por precaução.

Era mais fácil ceder do que discutir. Ela se afastou e pegou o aparelho no bolso do cardigã.

— Aqui.

Ele digitou rapidamente. Sem movimentos desastrados ou desperdiçados. De forma espontânea, pensamentos sobre o que mais ele poderia fazer com aqueles dedos lhe vieram à mente. *Ah...*

O som de um toque desconhecido a trouxe de volta ao presente.

— Me desculpe — ele falou, tirando o telefone do próprio bolso e o silenciando. — Só estou verificando se está funcionando.

Suas mãos roçaram na dela quando ele devolveu o iPhone. O barulho de passos descendo as escadas provocou uma nova onda de ansiedade em Becca.

— Por favor, não comente nada disso com o John — ela falou. — Prefiro que ele saiba por mim.

Seus lábios se apertaram, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Max entrou na sala carregando uma grande bolsa preta de equipamentos esportivos e um taco de hóquei.

— Me desculpe pela demora — ele falou. — Oi, Becca. Ouvi dizer que você está comemorando. Parabéns pela nova conquista.

Ela abriu um sorriso.

— Obrigada.

Eva se juntou a eles.

— Tudo certo — falou. — A Angie estará aqui em breve. A Nina está quase terminando de alimentar o Kevin. Temos cerca de três horas para agirmos de forma selvagem.

Max colocou seu equipamento no chão e abraçou a esposa.

— Mas não selvagem demais — ele grunhiu. Se inclinando para um beijo que pareceu aumentar a temperatura da sala em alguns graus.

Becca desviou o olhar para lhes dar um pouco de privacidade e encontrou Leo observando-a com os olhos escuros e atentos. Seu rosto ficou quente e a respiração ficou presa na garganta. Ele olhou para sua boca e, instintivamente, ela umedeceu os lábios. O gesto pareceu ter um efeito elétrico nele. Suas narinas dilataram. Um músculo em sua mandíbula se contraiu. E então, de repente, ele desviou o olhar e sua expressão se fechou.

O que...?

Ele se levantou com a graça fluida de um atleta nato e se dirigiu para a porta, onde Max e Eva ainda estavam muito envolvidos para prestar atenção nele.

— Vamos lá, pessoal. — Ele limpou a garganta. — Parem com isso. Temos um jogo, se lembram?

Max levantou a cabeça.

— Você está com inveja, irmão.

Leo bufou e pegou a bolsa de Max.

— Te encontro no carro. Eva, foi um prazer, como sempre. — Ele olhou de volta para Becca. — Me dê notícias.

Max colocou o taco de hóquei no ombro e deu um último beijo nos lábios de sua esposa.

— Fique longe de problemas.

— Pode deixar — Eva falou, piscando para Becca.

A porta da frente se fechou e Eva sorriu.

— Hora da festa.

A viagem para El Segundo levava trinta minutos em um bom dia. Apesar de ser domingo à noite, este não era um dia bom. Um acidente de grandes proporções atrapalhou o tráfego da 405 sentido sul, dando a Leo tempo de sobra para refletir sobre a revelação mais recente de Becca.

Ela estava livre. Finalmente. A conversa que ela insistia em ter com o futuro ex era apenas uma formalidade. Claro, ainda havia uma pequena possibilidade de eles voltarem a ficar juntos. Mas Leo duvidava que ela deixasse isso acontecer. Quando Becca esteve na clínica na sexta-feira passada, ficou claro que ela havia pegado John mentindo, e era o tipo de mentira que indicava grandes problemas. Pelo que ela disse — ou não disse — hoje à noite, o filho da puta nem sabia o quanto havia estragado tudo. Ou talvez ele fosse arrogante demais para se importar. De qualquer maneira, o relacionamento estava praticamente terminado.

Ainda que o primeiro instinto de Leo fosse tentar investir, a lembrança das palavras de advertência de Anna o fez conter a impaciência. Ele podia fantasiar sobre Becca há anos, mas ela precisava de tempo para se recuperar. Não seria fácil descobrir o quanto ele poderia avançar ou com que rapidez poderia se aproximar sem afastá-la, mas estava pronto para o desafio. A solução era desenvolver o que eles já tinham.

A atração física já existia. Viu sua resposta esta noite, o brilho da consciência quando se tocaram, a mudança na respiração quando seus olhos se encontraram. No final, ele teve que recuar, ou poderia ter feito algo impetuoso como puxá-la para um beijo que rivalizaria com o que Max havia dado em sua esposa.

E isso teria sido um erro. Teria sido excessivo e precipitado.

O que ele precisava era de uma desculpa para passar um tempo com ela. Ofereceu ajuda com a mudança, mas parecia que ela não planejava aceitar. Talvez ele pudesse pedir a Anna para arranjar alguma coisa. Ou Eva...

Ele olhou para Max pelo canto do olho.

— Eva não assiste aos nossos jogos há algum tempo.

Max desviou o olhar do telefone, onde estava lendo suas mensagens.

— Ela diz que já me recuperei o suficiente para me defender.

— Agora que você mencionou, ela ficou meio superprotetora durante um tempo.

Max deu de ombros.

— Você não me viu reclamar.

— Acho que não. — Leo bateu o polegar no volante. — É bom ter uma mulher assim ao seu lado.

— A Eva é única, mano. E, sim, tenho sorte por ela ter concordado em me aceitar.

Eles avançaram mais alguns metros com o carro.

— Você acha que ela pode pensar em vir na semana que vem? — Leo perguntou. — Talvez com uma amiga?

Max levantou uma sobrancelha.

— Você quer que minha esposa te arranje alguém?

— Não — Leo falou. — Não exatamente.

— Certo. Então o que *exatamente* você quer que a Eva faça?

— Que ela traga a Becca para o jogo semana que vem.

Max começou a rir.

— Não importa — Leo tensionou o maxilar. — Esqueça que eu disse isso.

— Não, não... — Max conseguiu controlar a risada. — Vamos fazer de conta que estamos no ensino médio. Você pede ao seu amigo, que sou eu, que fale com a amiga da Becca, também conhecida como Eva, para saber se a Becca gosta de você. Estou certo?

— Às vezes você é um idiota — Leo murmurou.

— Ei, não sou eu quem está tendo problemas para convidar a garota para sair.

— Não é tão simples assim. — Leo parou um momento para mudar de faixa. — Você conhece o John Hunter?

— Ele é o especialista em ombro do seu grupo, certo? Aquele que está sempre *pegando* as enfermeiras da emergência quando que está de plantão.

— Sim. A Becca namorou com ele nos últimos seis anos.

— Não brinca. — Max estremeceu. — Sinto muito. Eu não sabia.

— Acabou. — Leo pisou no freio quando o carro da frente parou de forma abrupta. — Finalmente.

Max o analisou sob a luz do entardecer.

— É por isso que ela precisa de um apartamento novo?

— Sim.

— Seis anos é muito tempo.
— Acredite em mim — Leo falou. — Eu sei.
— Caramba. Não me diga que você tem uma queda por ela esse tempo todo.
— Só me mudei para cá há quatro anos.
— Mas você já namorou outras mulheres — Max comentou. — Não namorou? Quero dizer, não é como se você tivesse passado quatro anos sem...
— Eu namorei — Leo falou.
— Que bom. Fico feliz em ouvir isso. Túnel do carpo pode ser uma chatice, especialmente para um cirurgião.
Leo resmungou.
— Já falei que você é um idiota?
Max assentiu.
— Vou conversar com a Eva hoje à noite.
— Obrigado. Te devo uma.
— Não estou prometendo nada. A Becca ainda tem que concordar.
O tráfego começou a fluir novamente. Leo pisou no acelerador.
— Estou otimista.
— Quatro anos — Max comentou, balançando a cabeça. — Acho que você deve estar mesmo. Merda. Bem-vindo de volta à sétima série.

O telefone de Becca tocou logo depois que ela chegou em casa, se deparando com o apartamento escuro. As chaves de John ainda não estavam na gaveta.

Você está bem?

Ela sorriu, sentindo um calor nada habitual atingir seu peito. Respondeu:

Tudo bem. O jogo foi bom?

Leo respondeu imediatamente.

3 gols + 0 lesões = sucesso. Como foi a saída com as garotas?

Muito mais divertida que o previsto. Elas acabaram indo a um restaurante novo, gerenciado por um dos primeiros clientes de Eva – um chef que veio cumprimentá-las como se fizessem parte da realeza e as acomodou na melhor mesa da casa. Eva e Nina mantiveram a conversa fluindo com histórias alegres sobre as travessuras de seus filhos e a insanidade da vida no Westside de Los Angeles. Mesmo sem álcool – o que Becca recusou, graças à lembrança muito vívida da ressaca desta manhã – ela conseguiu deixar de lado suas preocupações por algumas horas e escapar da nuvem de sentimentos ruins que parecia ter se estabelecido sobre ela nos últimos dias.

Ela tirou o cardigã e foi para o quarto, digitando enquanto seguia:

Ótima. Obg por se preocupar. Vou para a cama agora.

Desta vez, a resposta levou mais tempo. Ela estava prestes a desistir de esperar e desligar o telefone quando ele tocou com uma mensagem recebida.

Bons sonhos. Ligue se precisar de mim. A qualquer momento.

Uau. Com certeza, ele não quis dizer isso da maneira que parecia.

Ela relembrou sua expressão mais cedo, quando se encararam durante a exibição de Eva e Max.

Faminto. Era assim que parecia. Como se ela fosse um sundae com calda quente, chantilly e cobertura de amaretto e ele tivesse acabado de sair de um jejum de sete dias.

Lentamente, ela tirou as roupas, as jogou no cesto de roupa suja e depois entrou no chuveiro. O vapor preencheu o ambiente, embaçando o vidro. Foi para debaixo da água, sentindo os suaves aromas de lavanda e sálvia.

Em vez de acalmá-la, a espuma parecia sensibilizar sua pele. Seus mamilos intumesceram e ela tremeu enquanto os dedos deslizavam sobre as costelas, descendo pela barriga e seguindo pela sua intimidade. Com o coração batendo forte, ela imaginou aqueles intensos olhos verdes. Observando-a de forma voraz.

Ela se esticou, deixando a água cair em cascata pelas costas enquanto os dedos alcançavam sua umidade e se acariciava lentamente. Fechando os

olhos, ela imaginou que o dedo não era o seu, mas o dele. Grosso e forte, pressionando, circulando, acariciando-a em um delírio de necessidade.

Ela ofegou.

A porta do banheiro se abriu.

— Oi — John falou. — Vai demorar muito?

A fantasia murchou mais rápido que um suflê retirado do forno cedo demais.

Ela abriu os olhos e seus dedos afrouxaram antes de afastá-los.

— Não — respondeu, pigarreando. — Não, estou quase terminando.

Outro minuto sob o jato quente ajudou a dissipar os tremores residuais que ainda percorriam seu corpo. Desligou a água e saiu do box, se envolvendo em uma toalha grossa de banho.

A porta do quarto estava aberta. Ela mal conseguia distinguir a silhueta de John no escuro. Ele estava ao lado da cômoda, esvaziando os bolsos do paletó e, em seguida, colocou-o sobre uma cadeira próxima.

— É todo seu — ela falou.

— Já era hora. — Ele passou por ela com apenas um olhar, arrancando as roupas.

Ela foi para o closet.

— Achei que você ainda estava de plantão.

— Estou. — John falou. — Acalmou nas últimas horas. Pedi ao residente que enviasse uma mensagem se precisasse de mim. Ei, pode fechar a porta? Está ficando frio aqui.

Ela cerrou os dentes. Típico. Não pensou em fechá-la enquanto ela estava no chuveiro. Um novo ressentimento brotou em seu peito. Ficou tentada a ignorar o pedido. Mas qual era o objetivo em brigar por algo tão irrelevante quando havia uma questão muito maior a ser resolvida?

Amanhã, ela pensou, fechando a porta. O amanhã chegaria em breve. Vestiu uma camiseta antiga e seu moletom mais desgastado, escovou e trançou os cabelos e se deitou na cama.

Seu último pensamento antes de adormecer foi em um par de olhos verdes e lábios sedutores. *Ligue para mim*, eles sussurravam. *A qualquer momento*.

Três dias se passaram antes que ela e John conseguissem conversar.

Eram seis e meia da manhã e ele estava saindo para o trabalho quando notou as caixas. Becca já estava acordada há uma hora, examinando os armários da cozinha. Ao decidir o que levar e o que deixar para trás, sua lógica era simples: se tivesse a ver com seu trabalho de programação ou seu hobby na cozinha, era seu. Itens como roupas e objetos pessoais, bem como qualquer coisa que antecedia John, também eram.

— O que está acontecendo? — John perguntou.

Ela terminou de embrulhar uma travessa no jornal e a colocou na caixa de pratos já guardados.

— Estou indo embora.

— *O quê?*

Ela olhou para ele.

— Você não estava trabalhando na sexta-feira.

— Sim, e daí?

Ela estava preparada para uma variedade de respostas, mas não para um desrespeito tão flagrante. Ele realmente acreditava que poderia descartar suas preocupações com tanta facilidade e isso seria o fim? Ela cortou uma tira de fita adesiva para preparar outra caixa.

— Onde você estava?

— É disso que se trata? — Ele teve a ousadia de rir. — Você está brava porque tirei uma tarde de folga sem te contar?

— Você *mentiu* para mim.

— Olha — ele falou. — Eu precisava de um tempo, tá? Tenho trabalhado muito. Você não sabe como é.

— Sério? Você acha que eu fico sentada o dia todo mexendo os polegares?

— Bem, não...

— Trabalho longas horas e fins de semana, assim como você — ela respondeu. — E você não me vê me esgueirando por aí, trepando com qualquer mulher como forma de aliviar o estresse, não é?

Ele arregalou os olhos. Por seu uso não costumeiro de palavrões ou pelo fato de ela tê-lo acusado de traição?

John se recuperou do ataque rapidamente.

— Ei, se você quer se relacionar com outra mulher, não vou te impedir — ele falou. — Na verdade, eu não me importaria de assistir.

Ela ignorou o sorriso dele.

— Só por curiosidade, quem era ela?

— Na sexta-feira passada, você quer dizer?

Seus dedos paralisaram conforme pegava outro prato. Suas palavras deram mais respostas do que ela estava procurando.

— Sexta-feira. Claro — disse, se forçando a continuar com a tarefa. — Vamos começar com a sexta-feira.

— Por que você está fazendo isso, Rebecca? Foi só sexo. Não significou nada. — Ele abandonou a postura casual e se aproximou. — Vamos, querida, não seja assim. Você sabe que te amo.

— Eu não sou sua querida. — Ela se afastou do abraço dele. — E você não conhece o significado da palavra amor. Se conhecesse, não estaria trepando com outras mulheres e dando desculpas esfarrapadas quanto a isso.

— Rebecca...

— Não! — Ela deu um passo para trás. — Estou cansada de aguentar suas porcarias. A única coisa que quero saber é se devo me preocupar com DSTs.

Isso chamou sua atenção. Ele parou e semicerrou os olhos.

— Jesus Cristo, você acha que eu me colocaria em risco assim?

Sua resposta lhe deu um pouco de alívio. Não a incomodou que a preocupação dele parecesse ser só com a própria saúde. Ela ainda planejava fazer exames, mas pelo menos não precisaria ficar acordada durante a noite, preocupada com os resultados.

Seu telefone tocou naquele momento e os dois olharam para o balcão onde o aparelho estava.

John estava mais perto. Ele o pegou e olhou para a tela, depois fez uma careta.

— Você está escondendo coisas de mim.

— Do que está falando? — Ela se aproximou e estendeu a mão. — Me dê o telefone.

— Uh-uh. — Ele levantou o celular. — Não até você explicar por que Leo Kogan está te enviando mensagens.

Ela piscou.

— Leo?

Não havia motivo para ela se sentir culpada. Era John quem estava traindo. Quem podia saber por quanto tempo e com quantas mulheres? Alguns dias de trocas de mensagens entre amigos não era nada comparado àquilo. Mesmo que algumas dessas mensagens beirassem a paquera.

Ela ainda estava corada de prazer, lembrando da mensagem que havia visto ao acordar ontem:

Vi o nascer do sol enquanto corria. Pensei em você. Como estão as coisas?

— Estou esperando — John falou, sua expressão se fechando.

Becca enrijeceu a coluna.

— Sabe de uma coisa? Você pode continuar esperando. Não lhe devo nenhuma explicação. Não fiz nada para me envergonhar. A única coisa que lamento é o tempo que levei para descobrir quem você realmente é. Se soubesse desde o início, não teria perdido seis anos da minha vida com você!

Ela pegou uma grande tigela de metal do balcão e a empurrou contra ele. John se inclinou, abaixando as mãos, e Becca pegou o telefone dele.

A tigela caiu no chão. Com o rosto contorcido de raiva, John a chutou e avançou sobre ela.

— Sua vadia...

— Não. Pare com isso. — Ela deu um pulo e correu pela ilha da cozinha até que ela ficasse como uma barreira entre eles. Seu coração batia freneticamente. — Fique longe de mim.

Ele continuou a se mover, flexionando os dedos lentamente na lateral do corpo.

— Eu te subestimei. — Ela olhou para trás, medindo a distância até a porta. — Você estava transando com ele esse tempo todo?

— Não. — Ela se afastou. — Por favor...

— Por favor, o quê? — ele grunhiu. — Devo ignorar o fato de que você me fez de bobo?

— Não fiz nada. Juro que não. — Ela procurou o controle de volume na lateral do telefone e o abaixou completamente, depois reajustou o aperto até o polegar se apoiar no botão iniciar. Um toque e ela ativaria a Siri para ligar para a emergência. Respirou fundo e parou de recuar.

— Eu até te perdoo por *me* fazer de boba.

— É mesmo? — Ele fez uma pausa. — Qual é a pegadinha?

— Não há pegadinha — ela falou, cruzando os dedos mentalmente. *Continue falando.* — Só quero acabar com isso. Nós dois seguiremos

caminhos separados. Você terá seu espaço de volta e a liberdade de fazer o que quiser, com quem quiser. Tudo bem?

— E se a única pessoa que eu quiser for você?

Ela balançou a cabeça.

— Não faça isso, John. Nós dois sabemos que não é verdade, caso contrário, não estaríamos tendo essa conversa. Que tal nos comportarmos como adultos? Você me deixa terminar de arrumar minhas coisas e amanhã estou fora da sua vida. O mais tardar sexta-feira.

Ele deu outro passo.

— Aposto que posso convencê-la a ficar.

— Não — ela falou, dando mais um passo para trás para manter a distância entre eles. — Sério, John. Acabou.

Ele semicerrou os olhos e parou. Os segundos se estenderam. Nenhum dos dois moveu um músculo. Só havia o som da respiração deles. E então, finalmente, ele assentiu.

— Faça como quiser — ele falou. — Estou saindo.

Ela contornou a ilha, mantendo-a entre eles enquanto ele pegava a carteira, as chaves e se dirigia até a porta.

— Quando você estará de volta? — ela perguntou com cautela.

— Preocupada que eu possa mudar de ideia?

— Só quero saber o que esperar.

Ele fez uma careta.

— Você queria dois dias? É o que vai ter. Deixe as chaves na mesa da cozinha quando terminar.

— Obrigada. — Ela o viu sair. Só quando a porta se fechou e ela ouviu o trinco da fechadura, percebeu que ainda estava tremendo.

Uma das vantagens de morar em uma cidade grande era que qualquer que fosse o trabalho, sempre havia alguém disposto a fazê-lo pelo preço certo.

Após o confronto com John, Becca teve medo de ficar sozinha no apartamento. Claro, ele prometeu lhe dar o tempo e o espaço que ela precisava para terminar de arrumar suas coisas e sair. Mas considerando o quando ele havia se provado confiável em outros assuntos, ela não queria arriscar.

Se lembrou da oferta de Leo e considerou ligar para ele. Mas estavam no meio da semana e ele estava ocupado com pacientes, dando aula e quaisquer outras responsabilidades que tivesse.

Felizmente, Eva a ajudou, indicando dois caras que estavam começando seu próprio negócio de mudanças e ansiosos para ganhar um extra por um trabalho urgente. Eles embalaram tudo e fizeram a mudança até o fim do dia.

O processo de desarrumar as caixas levou mais tempo. Ela contratou os serviços de água, luz e Internet no início da semana, o que lhe permitiu comprar o restante das coisas que precisava online. Uma cama nova com entrega rápida, alguns móveis básicos da IKEA, uma pequena mesa de jantar e cadeiras. Estante, lâmpadas e um guarda-roupas com espelho para o quarto.

— Quando tudo será entregue? — Anna perguntou enquanto andava de cômodo em cômodo no sábado de manhã. Elas terminaram a corrida matinal, tomaram um café da manhã e agora estavam se preparando para enfrentar a difícil tarefa de organizar a nova cozinha de Becca.

— Nas próximas semanas — Becca respondeu. Ainda bem que seu novo apartamento tinha os principais aparelhos já instalados, além de uma despensa e muitos armários.

Na hora do almoço, Eva apareceu com comida chinesa e presentes de boas-vindas que incluíam um grande vaso de plantas, velas perfumadas e várias almofadas coloridas.

— Almofada nunca é demais.

A tarde assumiu uma vibração comemorativa enquanto as mulheres trabalhavam juntas desempacotando as coisas. Só houve um momento embaraçoso, imediatamente após Becca realizar as apresentações.

Eva olhou a moça duas vezes.

— Você me parece familiar — ela disse a Anna. — Sinto que nos conhecemos.

Anna se ocupou em juntar os materiais descartados de embalagem e colocá-los em uma sacola.

— Santa Monica não é tão grande. Talvez tenhamos nos encontrado em algum momento.

Becca entrou na conversa.

— Vocês não vão acreditar em como o mundo é pequeno — ela disse. — Adivinha quem eu vi na casa da Eva no fim de semana?

Anna olhou para ela.

— Quem?

— O Leo.

— O *meu* Leo? — Anna perguntou.

Becca resistiu ao desejo de apontar que Leo não pertencia a Anna. Eles eram amigos, com certeza, mas só isso. Pelo que Becca sabia, eles nunca se envolveram romanticamente — um fato pelo qual ficava profundamente agradecida, mesmo sabendo que seus sentimentos eram completamente irracionais. Especialmente porque ela não estava interessada em se envolver com Leo ou qualquer outro homem. Tinha acabado sair de um relacionamento. Mergulhar de cabeça em outro seria muito idiota. E, apesar do fato de sua autoconfiança ter sofrido muito com suas escolhas de carreira e vida amorosa, ela não era idiota.

Afastando sua irritação, Becca disse:

— O marido da Eva e o Leo jogam hóquei juntos.

— Mundo pequeno — Anna concordou.

Eva arregalou os olhos.

— Espere — disse. — Agora me lembro de onde eu te vi. A *Santa Monica Magazine* fez uma grande divulgação sobre você e Ethan Talbot. Vocês estão namorando, não estão? Meu Deus, não acredito. Metade das mães da turma do meu filho mataria para trocar de lugar com você. Tenho certeza de que você ouve isso o tempo todo... — Ela se interrompeu ao ver os sinais frenéticos de Becca para parar.

Anna passou a dobrar caixas de papelão vazias.

— Na verdade, não — ela respondeu. — Bec, quer que eu leve isso para a lixeira agora ou mais tarde?

— Farei isso mais tarde — Becca respondeu. — Que tal fazer uma pausa e comer, agora que encontramos os pratos?

Elas esquentaram a comida e juntaram várias caixas para formar uma mesa improvisada. Em pouco tempo, Anna e Eva estavam rindo e conversando como velhas amigas. Becca mordeu a carne Szechuan e permitiu que seus pensamentos vagassem.

Era estranho estar recomeçando nesta fase da vida. Em poucos dias, ela passou de um relacionamento de longo prazo para solteira. E agora, estava pensando em mudar de carreira da programação de computadores para... não sabia o quê. Ela conhecia todos os argumentos contra esse movimento. Desistir de um emprego seguro nesta economia, sem outro em vista ou fonte garantida de renda? Ela tinha que ser louca para considerar isso.

Mas se havia algum momento para loucura, era aquele. Não tinha ninguém a quem responder e ninguém dependia dela para ter apoio financeiro. Dez anos de vida frugal enquanto trabalhava em um emprego bem remunerado significavam que ela tinha economias suficientes para se manter por um bom tempo, embora esperasse não demorar muito para descobrir o que queria fazer pelo resto da vida.

— O que acha, Becca? — Eva perguntou, olhando para ela com expectativa.

— Desculpe — Becca falou, retornando à conversa. — Qual foi a pergunta mesmo?

— Max tem um jogo de hóquei amanhã à noite. Fiquei imaginando se você queria vir comigo e assistir.

— Hóquei? — ela repetiu.

— Sim. Você sabe... bater no disco, marcar, derrubar o oponente com um taco. Derrubar é acidental, é claro, já que a liga tem uma regra de tolerância zero para empurrões no gelo.

Anna riu.

— Vá sim, Bec. Parece divertido. Eu iria se não tivesse um prazo a cumprir.

— Outro? — Becca perguntou. — Achei que você tivesse acabado de enviar um trabalho.

— Isso foi no mês passado. Este é para uma conferência diferente e ainda tenho que escrever o resumo.

— E aí, vamos? — Eva perguntou.

Por que não? Não era como se ela tivesse algo mais urgente a fazer além de desempacotar as caixas.

E se Max ia jogar, Leo também iria. Ela o veria em ação. Um sentimento de antecipação a atravessou.

— Claro — respondeu. — Eu adoraria ir.

A pista estava tão fria que Becca podia ver sua respiração enquanto caminhava pelas arquibancadas. O jeans skinny, a blusa de gola alta preta com um suéter fino e as botas altas de couro preto podiam deixá-la bonita, mas eram claramente mais adequadas para a temperatura noturna de meados de julho no sul da Califórnia do que o clima subártico dentro da arena de hóquei.

— Eu deveria ter te avisado para trazer uma jaqueta — Eva falou, abraçando-a. — Podemos subir e assistir do bar. É mais quente lá, e eles têm chocolate quente. Está com fome?

— Na verdade, não. Mas chocolate quente é uma boa.

Eva liderou o caminho.

— Você não se importa se eu pedir algo, não é? Estou com fome o tempo todo ultimamente e a batata frita daqui é ótima. Teve dificuldade de encontrar o lugar?

— Não — Becca respondeu. — O GPS é uma coisa incrível.

Elas se acomodaram em uma mesa perto das enormes janelas de vidro que ofereciam uma visão panorâmica da pista lá embaixo. O garçom mal teve a chance de pegar os pedidos quando o telefone de Eva tocou.

— Desculpe — ela falou. — Isso só vai demorar um minuto.

Becca colocou as mãos congeladas sob os braços cruzados, pressionando as palmas contra as costelas. Seguiu o progresso da Zamboni, a máquina que se movia pelo gelo como um caracol gigante, deixando um rastro brilhante.

Eva encerrou a ligação no momento em que os jogadores estavam na posição correta para o confronto.

— Sinto muito por isso — ela falou e se recostou para abrir o zíper da jaqueta. — Tem uma sessão de fotos para capas de livros marcada para amanhã e uma das modelos acabou de ser internada na reabilitação. Passei o dia correndo atrás de uma substituta.

— Conseguiu?

— Veremos. O melhor que consegui até agora foi um talvez. Ela prometeu me ligar mais tarde com uma resposta definitiva. Espero não ter que reagendar a sessão.

O disco caiu e Becca se inclinou para mais perto do vidro enquanto os jogadores lutavam pelo controle, passando o disco para frente e para trás com velocidade e ferocidade impressionantes. As camisas identificavam cada jogador pelo nome e número, mas mesmo sem isso, Becca teria reconhecido Leo, apesar do uniforme e do capacete volumosos. Ele não era o maior jogador, mas era o mais rápido, atravessando o gelo e atirando o disco entre os patins de seus oponentes com tanta rapidez que marcou o primeiro gol em poucos minutos.

Becca sorriu e olhou para a amiga.

— Viu aquilo?

— Sim. — Eva riu. — Muito emocionante, não é?

O pedido delas chegou. Enquanto Eva comia a batata frita, Becca colocou as mãos ao redor da caneca de chocolate quente e ficou de olho no jogo.

Durante o intervalo, ela voltou à conversa anterior com Eva.

— Não sabia que você fazia fotos.

Eva franziu a testa.

— Está se referindo à sessão? — Ao ver o aceno de Becca, ela balançou a cabeça. — Ah, não sou a fotógrafa. Só faço os arranjos. Monto um pacote com base no que o escritor deseja e depois me certifico de que todo mundo apareça na hora certa e faça seu trabalho. Essa é uma área promissora.

— Fazer capas de livros?

— Publicação independente — Eva explicou. — A participação no mercado de livros publicados de forma independente, especialmente os e-books, continua crescendo. O que, por sua vez, aumenta a demanda por serviços de suporte como edição, design de capa, marketing de rede social. Tem sido uma benção para freelancers como eu. Especialmente porque criei

um site que reúne todos os meus serviços. Os autores podem pedir o que precisam ou adquirir pacotes variados com desconto.

— E você faz tudo isso sozinha?

— Organização e gerenciamento, sim. E um pouco do design gráfico. Mas o resto? É demais para uma pessoa. Terceirizo a maior parte — ela bateu a ponta do dedo no telefone — e o resto, faço online.

— Você parece gostar.

— Sim — Eva respondeu, olhando para a pista onde o jogo estava sendo retomado. — Tive sorte desta vez.

Becca não tinha certeza de quanto do sucesso e da felicidade de Eva poderia ser atribuído à sorte em oposição à determinação e ao trabalho duro. Sem mencionar a capacidade de reconhecer uma tendência e descobrir como usá-la a seu favor.

Outro gol, desta vez feito por Max, fez com que as duas aplaudissem.

— Eles são incríveis, não são? — Eva perguntou.

— Sim.

Eva apoiou a mão na barriga crescente.

— É engraçado dizer isso agora, mas eu não gostava do Max.

Assustada com a mudança na conversa, Becca olhou para ela.

— É verdade. — Eva assentiu. — Achei que ele era mulherengo como meu primeiro marido.

Como John. Mas, felizmente, Eva não fez nenhuma referência ao ex de Becca, que permaneceu em silêncio.

Eva voltou sua atenção para o jogo.

— Não é fácil recomeçar. Às vezes, você se esquece de que ainda existem príncipes encantados por aí.

— É verdade. — Becca olhou para Leo, que tinha acabado de recuperar o disco do time adversário e o passou para Max.

— Ele é um cara legal — Eva falou.

O goleiro bloqueou o jogada, e Becca suspirou.

— Espero que seja — ela respondeu. — Considerando que você se casou com ele e estão prestes a ter um bebê.

— Estava me referindo ao Leo.

Becca esperou até o segundo intervalo para responder.

— A Anna te colocou nisso?

— O que você quer dizer?

— Que foi tão sutil quanto uma bigorna na cabeça.

Eva riu.

— Me desculpe.

— De qualquer forma, não estou no mercado. Minha vida está meio bagunçada agora.

— Bem, pelo menos você tem um apartamento novo — Eva apontou.

— Esse é um bom começo. Tem saúde. Um ótimo trabalho. Bons amigos...

Bem, três itens de quatro não era ruim.

— Ainda assim, não estou no mercado — ela falou.

Foi só mais tarde, depois que o jogo terminou e os homens tomaram banho, trocaram de roupa e se juntaram a Becca e Eva no bar, que ela pensou novamente nessas palavras.

Embora fosse verdade que ela estava numa encruzilhada e não estava em posição de fazer planos ou assumir compromissos de longo prazo até saber o que seria da sua vida e futuro, isso não significava que não poderia se divertir nesse meio tempo.

Ela não estava planejando evitar a companhia de amigos. Não importava se esses amigos eram homens ou mulheres.

E nesta época em que relacionamentos casuais eram comuns, por que não poderia se entregar a um prazer puramente físico e sem amarras? Especialmente porque a relação séria não tinha dado certo. Onde estava escrito que uma mulher tinha que avaliar todos os homens com quem dormia para o papel de possível parceiro na vida? Desde que ambas as partes entendessem as regras e limitações desde o início, não havia mal algum em ter sexo satisfatório, seguro e consensual.

— Estive pensando — Leo falou enquanto comia um hambúrguer enorme.

Max gemeu.

— De novo, não.

Eva deu uma cotovelada nas costelas do marido.

— Comporte-se.

— Preciso de um pouco de incentivo — Max disse a ela, se inclinando para um beijo.

— Vamos lá, pessoal — Leo disse com um suspiro teatral. — Vamos manter as coisas decentes. Alguns de nós estão comendo.

Eles se separaram, e Eva empurrou o que restava das batatas fritas para Max.

Ele sorriu e as devorou junto com o sanduíche de frango Santa Fé que havia pedido.

Leo limpou os dedos em um guardanapo.

— Sério, estamos perdendo uma grande oportunidade aqui.

— Ah, é mesmo? — Max tomou um gole da sua cerveja Hefeweizen.
— Qual é o seu esquema brilhante desta semana?

— Simples — Leo falou. — Devemos distribuir nossos cartões de visita. Especialmente depois do jogo. Temos um médico de emergência, um ortopedista, um médico de família, um cardiologista e um dentista na equipe. Todas as áreas estão cobertas. O que acha Eva? Você é a profissional de marketing aqui.

— Claro — Eva concordou. — Vocês estavam jogando contra o Eagles Legal hoje, não é? Você dá a eles seu cartão de visita, assim eles sabem quem processar por lesão corporal.

Leo estremeceu.

— Certo, talvez não.

— Além do mais — Max riu — tenho trabalho suficiente no pronto-socorro.

— Falando nisso... — Eva olhou para o relógio. — Você trabalha no turno da noite, não é? Temos que ir.

— Certo. — Max fez sinal para o garçom. — Me deixe pagar, então iremos.

— Deixa comigo. — Leo se levantou e entregou o cartão de crédito ao garçom. Em seguida, apertou a mão de Max com firmeza. — Bom jogo. Eva, obrigada por vir nos assistir jogar.

Max ajudou Eva a se levantar.

— Achei que te daríamos carona, cara.

— Tudo bem — Leo falou. — Vou pegar um táxi ou chamar um Uber.

Becca empurrou a cadeira para trás e ficou de pé também. Mesmo de botas com salto de sete centímetros, teve que inclinar a cabeça para olhar para Leo.

— Posso te dar uma carona — falou.

O sorriso dele a aqueceu até a ponta dos dedos dos pés.

— Obrigado.

Eles se despediram e, em seguida, Eva e Max foram embora, deixando Becca sozinha com Leo.

Ela esfregou as mãos nos braços, mais por nervosismo do que pela temperatura ambiente.

— Aqui — Leo falou, tirando o casaco esportivo e colocando sobre seus ombros. — Vamos tirar você daqui e te aquecer o mais rápido possível.

— Obrigada. — Ela puxou o casaco para mais perto e inspirou o perfume de frutas cítricas e sândalo. Um leve tremor a percorreu enquanto o observava curvado sobre a mesa para assinar o recibo do cartão de crédito. O movimento ajustou a camisa contra os músculos definidos da parte superior das costas. Ela se perguntou como ele reagiria se ela esticasse a mão e a passasse pela sua coluna e tirasse sua camiseta para que pudesse explorar sua pele nua.

Ele se endireitou e a pegou olhando.

— Pronta?

Ela piscou e exalou lentamente.

— Sim.

— Muito bem. — Ele pegou a bolsa com os materiais de jogo e o taco. — Depois de você.

Eles desceram para o estacionamento em silêncio. Ocorreu-lhe que apesar de todas as conexões compartilhadas, dos pontos em que suas vidas se cruzaram nos últimos anos, das histórias que ela ouviu de Anna e várias outras pessoas no hospital e na clínica, ela ainda sabia pouco sobre Leo . Não tinha ideia de onde ele morava. E o que, além da medicina e do hóquei, ele gostava de fazer. E se estava envolvido com alguém.

O último pensamento fez seu estômago dar um nó.

Com certeza, se Leo estivesse em um relacionamento, Anna teria mencionado. E Eva não teria tentado bancar a casamenteira hoje à noite.

Ele é um cara legal, Eva havia dito. Um cara legal não olhava para uma mulher da maneira como Leo olhou para Becca na semana passada – do jeito que estava olhando para ela agora, como se quisesse lambê-la por inteiro – se estivesse namorando com alguém. Certo?

— Aqui estamos. — Ela destrancou o Prius e tirou o casaco. — Obrigada pelo empréstimo.

— De nada — Leo falou enquanto guardava seu equipamento no porta-malas.

Ela saiu do estacionamento.

— Para onde?

— Marina del Rey — ele respondeu. — Se você for para o norte em Sepulveda, podemos pegar a Lincoln até o fim. Moro na Admiralty Way.

A dez minutos de carro do seu novo apartamento. Ela arquivou isso para referência futura.

— Como você foi parar em Marina?

Ele deu de ombros.

— Sempre quis morar perto da água. Quando vim para cá para fazer a entrevista, Anna me mostrou o lugar e eu me apaixonei. É a coisa mais incrível do mundo: poder olhar pela janela e ver o oceano.

Ela o olhou.

— Isso parece bastante idílico.

— E você? — ele perguntou. — Como é a sua casa nova?

— Bem, não fica perto da água. Mas é tranquilo e tem muita vegetação.

— Você não teve problemas ao se mudar?

Ela hesitou. Ele estava perguntando sobre a mecânica da mudança ou sobre o rompimento dela com John? Quatro dias se passaram desde que ela tinha deixado a antiga chave para trás... e até agora, nem uma palavra. Após o último confronto, ela meio que esperava algum tipo de situação desagradável. O silêncio era definitivamente melhor. Quanto mais durava, mais tranquila ela se sentia de que John não causaria nenhum problema. O que significava que ela poderia seguir em frente com sua vida.

— Becca?

— Nenhum problema — respondeu.

Ele a conduziu pela Marina, onde centenas de luzes refletiam a água escura, iluminando a noite.

— É aqui — ele falou, apontando para um dos vários arranha-céus de luxo que se elevavam sobre a Marina.

Ela parou no caminho semicircular na frente do prédio.

— É bonito.

— Obrigado pela carona. — Ele desafivelou o cinto de segurança.

Becca prendeu a respiração. Leo iria convidá-la para entrar? Ela aceitaria se ele a convidasse?

Ele hesitou.

— Você vai ficar bem indo para casa sozinha?

Ela não tinha motivos para se decepcionar. Isso nem era um encontro. Deveria estar aliviada por Leo não estar fazendo nenhuma suposição.

Assentiu.

— Claro.

Ele olhou para o saguão iluminado.

— Olha, sei que o momento não é ótimo e não quero te pressionar para algo que você não está pronta. Mas se não disser isso agora, posso acabar me arrependendo...

Ele fez uma pausa e, por um momento, Becca teve medo de que ele estivesse pensando duas vezes. Mas então ele se remexeu e se virou de frente para ela.

— A primeira vez que te vi — ele falou — foi no apartamento da Anna. Eu tinha acabado de me mudar para Los Angeles e houve alguns atrasos no credenciamento do hospital, então eu ainda não tinha começado a trabalhar. Além da Anna e da irmã dela, eu não conhecia uma alma aqui. Ela deu uma festa para me apresentar às pessoas.

— Eu me lembro.

— Cheguei um pouco atrasado e você abriu a porta. Você usava um vestido leve com bordados prateados que parecia algo saído das noites árabes. Achei que você era a mulher mais linda que eu já tinha visto.

— Ah...

— Então você sorriu, e eu vi essa covinha bem aqui... — Ele roçou o dedo em sua bochecha.

Becca estremeceu com a carícia leve.

— Anna te afastou para ajudar com a comida. Havia algumas crianças correndo e uma delas deve ter derrubado uma tigela da mesa. Foi uma bagunça. Havia batatas fritas com salsa em todos os lugares. Uma mulher começou a fazer uma cena, repreendendo as crianças e dizendo que elas tinham arruinado o vestido dela. Você entrou, a acalmou e conseguiu fazer com que todas as crianças ajudassem na limpeza, transformando-a em um jogo.

— Tinha me esquecido dessa parte. — Becca sorriu.

Leo se inclinou para mais perto e baixou a voz até se tornar quase inaudível, em um tom íntimo e confidencial.

— Perguntei para Anna a seu respeito.

— Perguntou? Ela nunca me disse.

— Não estou surpreso. Ela me disse que você não estava disponível. Que eu deveria recuar. — Leo emoldurou a bochecha dela com a palma da

mão, passando o polegar sobre o lábio inferior em um toque lânguido e hipnotizante. — Você não vai me dizer para recuar agora... vai?

— Não... — Ela viu a boca de Leo se aproximar em câmera lenta. Os lábios dele eram macios contra os seus. Suas pálpebras se fecharam. Ele engoliu o suspiro dela, sugando a respiração e qualquer pensamento de resistência que viesse.

— Becca...

Ele lhe deu outro beijo que sugou sua alma. Ela se aproximou, segurando a camisa dele — tanto para se manter apoiada em meio ao turbilhão de sensações que a rodeavam quanto para impedi-lo de se afastar.

Os músculos de Leo ficaram tensos e, em seguida, ele se afastou, deixando-a desequilibrada e formigando.

— Vamos devagar com as coisas — ele murmurou, soltando gentilmente os dedos dela da sua camisa.

Devagar? Ela abriu os olhos e franziu a testa. *Quem precisava ir devagar?*

Mas antes que ela pudesse encontrar as palavras para protestar, ele a soltou e abriu a porta do passageiro.

— Começo cedo na sala de cirurgia amanhã. Vou pegar as coisas no porta-malas e subir. Boa noite, Becca.

Ele saiu. A luz interna acendeu. Ela ouviu o porta-malas abrir e fechar. Observou Leo caminhar em direção ao prédio e desaparecer lá dentro.

Por vários minutos, ela continuou sentada sem se mexer. Então ligou o carro e foi para casa.

O telefone de Leo tocou.

Com o reflexo de inúmeras noites de plantão, ele estendeu a mão para pegá-lo e atendeu com os olhos ainda fechados.

— Leo Kogan.

— Leo. — A voz do irmão parecia muito alegre para... Leo abriu um olho para verificar o relógio de cabeceira – cinco da manhã. Mas em Moscou, o fuso estava dez horas à frente. — Desculpe, eu te acordei? Posso ligar depois.

Tarde demais. O sonho já estava desaparecendo. Becca, vestindo nada além de luar e um sorriso sedutor, se dissolveu no ar frio do amanhecer.

Ele se virou na cama e gemeu. Por mais que amasse o garoto, Vladislav podia ser um pé no saco.

— O que houve, Vlad?

— Estou comprando passagens — Vlad respondeu. — Meu voo será na sexta-feira e chego no aeroporto de Los Angeles por volta das sete da noite.

— Esta sexta? — Leo esfregou os olhos. — Em cima da hora, não?

— É por isso que estou ligando para avisar.

Leo suspirou.

— Presumo que você vai ficar aqui.

— Onde mais?

Ah, a impetuosidade e a auto absorção da juventude. Leo não conseguia se lembrar de ser tão jovem e despreocupado — mas a imigração tendia a forçar uma pessoa a crescer rapidamente. Ele deixou sua juventude para trás aos quinze anos.

— Vou alugar um carro no aeroporto — Vlad falou. — Portanto, não se preocupe em ir me buscar.

— Obrigado — Leo respondeu, seco. Talvez a mãe dele estivesse certa e o senso de direito de Vlad tivesse menos a ver com a idade e mais com a maneira como ele cresceu, cercado por uma riqueza obscena. Muito longe da existência pessoal de Leo antes de terminar a residência. — Quanto tempo você está planejando ficar?

— Ainda não sei.

Algo no tom de Vlad colocou Leo em alerta.

— Você não está com nenhum problema, está?

— Não. — Houve uma breve pausa e o baixo murmúrio de vozes ao fundo. — Ouça, Leo, podemos conversar quando eu chegar aí?

— Claro.

— Tudo bem então. Te vejo na sexta-feira. — Ele desligou.

Leo se sentou devagar e acendeu a luz. Que *timing* péssimo. Quatro anos esperando para que Becca finalmente estivesse livre e agora Vlad queria fazer uma visita sem prazo para terminar? *Chort poberi*. Droga.

Ele suspirou e olhou para o relógio. Era tarde demais para voltar a dormir. Poderia correr.

Enquanto vestia as roupas e amarrava o cadarço do tênis, os pensamentos de Leo retornaram – como havia acontecido repetidamente nos últimos dias – ao beijo de domingo à noite. O suspiro suave de Becca quando eles se separaram quase o matou. Se imaginou passando as mãos ao redor da cintura dela e puxando-a para seu colo. Unindo seus lábios. Respirando-a. Devorando-a.

Droga. Ter Vlad aqui o obrigaria a colocar um freio em seus planos. Ficou um pouco tentado a pegar o telefone e dizer a Vlad que o *Airbnb* tinha uns lugares bem legais em Los Angeles.

Mas não importava o que mais estivesse acontecendo na vida de Leo, a família vinha sempre primeiro. Se o irmão mais novo precisava de alguém para ouvi-lo ou de um lugar para ficar, a porta de Leo estava aberta.

E se Leo e Becca chegassem ao ponto de precisar de mais privacidade, eles poderiam ir para a casa dela.

Com esse pensamento feliz, Leo fechou o casaco, ajeitou os fones de ouvido e partiu pela ciclovía que ia até o oceano.

Quando não estava trabalhando em casa, Becca costumava aparecer no escritório para participar de reuniões de equipe e conversar com seus colegas.

Em uma cultura que favorecia jovens e homens, ela era a mais diferente: há anos na área da computação, pelo menos uma geração mais velha que seus colegas desenvolvedores de software e única mulher — isso sem contar com a chefe de recursos humanos e as duas assistentes administrativas da empresa. Becca suspeitava que também era o único membro original da equipe da *startup* que não comia e respirava código.

Agora, ela se sentia mais desapegada que nunca. Mesmo respondendo a e-mails e trabalhando em pequenos projetos, codificando, escrevendo documentação, testando e corrigindo bugs, ela via seus pensamentos vagarem. Ainda não sabia o que queria fazer ou onde queria estar daqui cinco anos — ou mesmo daqui cinco meses. A única coisa que sabia era que seu futuro não era ali.

Demorou quase uma semana para escrever sua carta de demissão e ter coragem de entregá-la.

Seu chefe, um homem magro que costumava usar camisetas de banda de rock vintage e tênis Converse, se recostou na mesa e cruzou os braços.

— Você recebeu uma oferta melhor? — perguntou. — Porque tenho certeza de que podemos cobri-la.

— Não, Steve. — Ela se mexeu na cadeira. — Está na hora de seguir em frente.

— Para fazer o quê? — ele questionou. — Está planejando abrir a própria *startup*? Voltar a estudar? Você não está doente, está? Ou grávida?

Ela piscou. Antes que pudesse responder, Steve passou a mão pelos cabelos desgrehados.

— Não importa — ele disse. — Não é da minha conta. Mas... se você estiver e precisar de um tempo de folga...

— Obrigada, Steve, mas não.

Ele suspirou.

— Duas semanas, é? Não consigo te convencer a ficar um mês? Talvez dois?

Ela se levantou e sorriu.

— Vou sentir sua falta.

— Sim. — Ele limpou a garganta. — Você precisar falar com a Wendy no RH para resolver sua documentação.

— Obrigada.

E foi isso.

Becca saiu da sala e olhou para as dezenas de programadores debruçados sobre os computadores, com os olhos fixos nas telas e os dedos voando nos teclados.

Ela poderia sentir falta de Steve e de alguns de seus colegas. Mas disso — a panela de pressão de produzir e testar inúmeras resmas de código — ela definitivamente não sentiria falta.

Becca estava tirando o quarto lote de biscoitos do forno quando a mãe ligou.

Ela parecia diferente. Na verdade, parecia estar chorando.

— O que há de errado? — Becca perguntou, alarmada. — Você está bem?

— Sim. — Houve uma pequena pausa. — Seu pai...

Becca colocou a bandeja no balcão mais próximo e tirou a luva.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, não. Bem, não exatamente — a mãe respondeu. A declaração não convenceu Becca, que começou a ficar apreensiva. — Estava pensando...

— Sobre?

— Becca... — Novamente aquela hesitação. — Posso passar por aí?

— Certo. Quando?

— Pode ser agora?

Becca olhou para a cozinha, tentando estimar quanto tempo levaria para limpá-la. Todas as superfícies exibiam evidências da sua compulsão por cozinhar: prateleiras de biscoitos esfriando, tigelas e espátulas na pia, a batedeira KitchenAid com a borda ainda presa e coberta com massa seca,

sacos abertos de farinha e açúcar mascavo e gotas de chocolate meio amargo sobre a bancada.

Desligou e foi trabalhar. Quinze, vinte minutos no máximo, era tudo o que precisava. O trajeto da casa dos pais em Westwood levaria bem mais que isso.

Mas não contava que a mãe estivesse do lado de fora. Menos de um minuto se passou antes que a campainha tocassem.

— Mãe. Uau, você já está aqui. Que rápido. Entre. — Becca a conduziu pela sala quase vazia e foi para a sala de jantar, onde tinha montado a mesa nova com as cadeiras no dia anterior.

A mãe se sentou.

— Está cozinhando algo?

— Biscoitos de chocolate com macadâmia — Becca respondeu. — Quer um pouco?

— Talvez mais tarde.

Becca fez uma careta. A única vez que viu Susan Markham recusar biscoitos recém saídos do forno foi quando ela estava de dieta. Ou machucada.

Observou o rosto da mãe. Não estava machucada, o que era um alívio. Mas parecia um pouco mais magra. E muito mais velha. Havia sulcos profundos entre as sobrancelhas e ao redor da boca. Os pés de galinha que Becca não conseguia se lembrar de ter visto há algumas semanas, agora se destacavam nos cantos dos olhos da mãe.

— O que está acontecendo, mãe?

Susan olhou ao redor, evitando o rosto de Becca.

— Eu gosto da sua casa nova.

— Obrigada.

— Se não der muito trabalho, posso tomar uma xícara de chá?

Becca se levantou para ferver um pouco de água.

— Camomila, certo?

— Sim, obrigada.

Vários minutos depois, Susan pousou a xícara na mesa e se recostou na cadeira.

— Como é a sensação de viver sozinha de novo?

— Ainda estou me acostumando — Becca respondeu. — Mas é bom. Libertador.

— Fico feliz em ouvir isso.

— É mesmo. Achei que você e o meu pai queriam que eu me casasse com o John.

— Talvez seu pai quisesse. — Susan fez uma careta. — Particularmente, eu nunca gostei dele.

— Ah. — Becca nunca ouviu a mãe expressar uma opinião que contradissesse a do pai. Richard Markham era o porta-voz enquanto a esposa ficava quieta ao fundo. — Você nunca disse nada.

— Acho que não. — Ela dobrou o saquinho de chá ao meio duas vezes. — Voltei a estudar. Estou fazendo os pré-requisitos para entrar em uma especialização de terapia familiar.

Becca piscou com a surpresa. A expressão de expectativa da mãe a fez sorrir.

— Isso é ótimo.

— Economizei algum dinheiro — Susan falou. — Fui muito prudente com as despesas domésticas, especialmente nos últimos anos.

— Ah, mãe. — Becca estendeu a mão para segurar a mão da mãe. Como era triste quase não ter independência. O único dinheiro que ela se sentia à vontade para usar era o que conseguiu desviar do orçamento doméstico.

Claro, isso era normal para os mais velhos. Mas a mãe cresceu nas décadas de 1960 e 1970. Gloria Steinem, Erica Jong e todas as feministas que seguiram não haviam derrubado as barreiras que mantinham as mulheres dependentes e até aprisionadas — econômica, social e fisicamente — pelos homens em suas vidas? Dada a situação da mãe, obviamente não.

— Tem sido difícil — Susan comentou. — Ela olhou para a cozinha. — Sempre lutei com meu peso, você sabe.

Becca assentiu, imaginando quanto tempo a mãe planejava passar de um tópico aleatório para outro até chegar ao motivo de sua visita.

— A vida toda — Susan continuou. — Tentei de tudo. Atkins, Paleo, a Zona, South Beach, NutriSystem, Vigilantes do Peso. Pode dizer o nome da dieta que já fiz.

Isso era verdade. Quando criança, Becca temia voltar para casa e encontrar mais uma das “proibições” da mãe. Tudo que estivesse na lista de alimentos proibidos, independentemente da dieta da moda que Susan estivesse seguindo naquela semana em particular, seria jogado no lixo.

E depois havia ciclos de punição, alternando com a compulsão. Susan diminuía alguns números, mas o peso inevitavelmente aumentava quando

ela voltava aos velhos hábitos alimentares — até que ela recuperasse tudo o que havia perdido e muito mais.

Ver o que a mãe passava fazia Becca ficar ainda mais determinada a não cair nos mesmos padrões. Ela adorava fazer doces, era verdade, mas quase não comia o que fazia, preferindo doar em vez de se arriscar a exagerar durante um momento de fraqueza. E era uma grande devota de esportes. Quando estudava, ela jogava futebol, muito antes de se tornar “o” esporte de escolha. Hoje em dia ela corria, andava de bicicleta, caminhava, fazia ioga e pilates.

Sua mãe devia ter lido sua mente.

— Entrei para uma academia — falou. — Tem uma na faculdade comunitária e os alunos podem usá-la gratuitamente caso se matriculem em uma das aulas de ginástica. Foi o que fiz.

— Que bom — Becca falou. — Mas por que a faculdade comunitária? Achei que você teria acesso livre às instalações da universidade através do meu pai.

— Estou deixando seu pai.

— *O quê?*

Susan assentiu e levantou o queixo.

— Meus pais, depois o seu pai, todos me diziam que eu nunca encontraria mais ninguém, tendo a minha aparência. Que ninguém mais me amaria...

— Sinto muito. — Becca puxou uma caixa de lenços para mais perto e passou um braço ao redor dos ombros da mãe. — Você sabe que eu te amo, não é? E sempre vou te amar. E quem não consegue ver a pessoa incrível que você é, ou é cego ou idiota.

Susan pegou um lenço de papel para limpar os olhos e o nariz.

— Obrigada, querida. — Ela deu um tapinha na mão de Becca. — Tenho sorte de ter você. E você está certa. Vou ficar bem.

— Claro que vai. — Becca havia lhe dito isso muitas vezes no passado. Mas a mãe nunca escutava.

Seu pai pode não ser perfeito, Susan dizia – o eufemismo do século –, *mas o que eu faria sem ele?*

Aparentemente, depois de trinta e cinco anos, ela estava disposta a descobrir.

— O fato é que não preciso de um homem para me amar. Eu mesma preciso me amar. Preciso começar a viver para mim.

— Com certeza — Becca concordou, se encostando na cadeira.
Susan sorriu.

— Estou muito orgulhosa de você por assumir o controle da sua vida assim. Não há motivo para eu não fazer o mesmo.

Becca se contorceu, se sentindo uma fraude. Era verdade que ela finalmente tinha deixado John. Em retrospectiva, deveria ter dado esse passo há muito tempo. Tal mãe, tal filha, ela supôs.

Mas Becca também estava quase ficando desempregada e não fazia ideia do que queria fazer da vida. Não era exatamente o exemplo de assumir o controle.

— Bem — falou, afastando as próprias dúvidas sobre o futuro. — Como você planeja fazer isso? Conversou com um advogado?

— Ainda não. — Susan torceu o lenço na mão. — Mas tenho pensado nisso. E então hoje eu... fui embora.

— Definitivamente?

— Sim — Susan suspirou. — Em definitivo. Eu não pretendia que acontecesse dessa maneira. Mas você sabe como seu pai fica. A menor coisa pode desencadear uma tormenta.

— O que foi dessa vez?

Susan enrolou o lenço de papel e o jogou na caneca vazia.

— Há um grupo de estudos da turma de psicologia do desenvolvimento que se reúne toda semana — ela falou. — Seu pai geralmente joga golfe neste mesmo horário, então não tem sido um problema. Hoje, o jogo foi cancelado.

— E...?

— Ele não sabia sobre o grupo de estudo. Eu estava saindo, e ele me perguntou para onde eu estava indo. Eu disse. Ele não acreditou em mim. Disse que eu era velha demais para estudar. Que eu devia estar saindo para me encontrar com alguém, não para estudar. — Ela fez uma pausa para respirar. — Ele me fala há anos que ninguém me quer e agora, de repente, está me acusando de traição. Que. *Eu*. O. Estou. *Traindo*.

Becca engoliu em seco. A indignação da mãe era por causa da acusação? Pela inconsistência do pai em dizer a Susan que ninguém a desejaria e depois a acusar de infidelidade? Ou foi por ter descoberto que ele era o traidor no relacionamento?

Todas aquelas alunas de graduação e secretárias, um desfile infinito delas, rindo, sussurrando, arrumando os cabelos ou abotoando as blusas

antes de sair do escritório dele depois do almoço. Becca testemunhou tudo isso nas poucas vezes em que visitou o pai no campus. Ele também não era muito discreto. Pelo menos, não antes da universidade adotar políticas de assédio sexual rigorosas. Depois disso... quem sabia? O pai também podia ter ignorado essas regras, pensando que não se aplicavam a ele.

Ao contrário da amiga de Becca, Anna, cujos sucesso inicial não lhe subiu à cabeça, seu pai se considerava melhor que todos os outros. Intocável. Tudo por causa de um único *software* que ele conseguiu patentear, transformar em uma *startup* e vender por milhões antes da explosão da bolha das empresas *pontocom*. Ele se tornou insuportável desde então.

Susan pegou outro lenço de papel.

— Ele me proibiu de ir. Essas foram suas palavras exatas. *Se você for, é melhor não voltar.*

Becca podia imaginar a cena. O pai gritando, com a veia na têmpora latejando. Ela testemunhou isso com bastante frequência quando criança, a escalada de raiva que surgia do nada, mas tinha o poder de sacudir a casa inteira.

— O que você fez?

— Eu fui.

Becca olhou para a mãe.

— Uau — ela finalmente disse. — Parabéns.

Os ombros de Susan caíram.

— Mas agora, aqui estou eu. Com nada além da roupa do corpo, uma mochila cheia de livros e minha bolsa.

— Bem, se você está realmente falando sério sobre não voltar...

— É claro que estou — Susan respondeu. — Vivi sob o domínio dele por trinta e cinco anos. Ele é um valentão e não aguento mais. Estou assumindo o controle da minha vida, da mesma maneira que você fez.

Becca deixou a fala da mãe pra lá. Melhor focar nos aspectos positivos.

— A Califórnia é um estado que defende o direito a propriedade comunitária — ressaltou. — Se você está falando de divórcio, tem direito a metade de todos os ativos. Isso não é exatamente “nada”.

— Não sei. Seu pai sempre administrou o dinheiro. Ele não ficará feliz em abrir mão de qualquer coisa.

— Não se preocupe, mãe, vamos resolver. Enquanto isso, você precisará de um lugar para ficar. — Ela se levantou para limpar a mesa. — Tenho um quarto extra. Ainda não tenho muitos móveis, mas está arrumado. Você pode dormir na minha cama hoje à noite...

— Mas onde você vai dormir?

— No outro quarto. Tenho um saco de dormir muito confortável. Já encomendei móveis... devem chegar em breve.

— Tem certeza? — Susan se juntou a ela na cozinha. — Não quero te atrapalhar.

— Você não vai atrapalhar — Becca falou. — Quer que eu vá até lá e pegue algumas das suas coisas?

— Ah, não. Não quero deixar seu pai mais irritado. — Susan começou a lavar a louça na pia. — Talvez eu deva ligar e dizer a ele que estou bem. Assim a polícia não vai aparecer aqui no meio da noite...

Becca pegou um grande recipiente de plástico e um rolo de papel vegetal.

— Tenho certeza de que eles esperariam até de manhã.

Susan ignorou a tentativa de humor.

— Talvez eu vá na segunda-feira, quando ele não estiver lá.

— Posso ir com você, se quiser.

— Você não precisa ir para o trabalho?

Becca terminou de transferir o primeiro lote de biscoitos refrigerados e começou o segundo.

— Posso trabalhar de casa.

— Nesse caso, obrigada.

O tremor em sua voz chamou a atenção de Becca.

— Você vai ficar bem, mãe. — Ela abandonou os biscoitos para dar um abraço na mulher mais velha. — Nós duas vamos.

Só mais tarde, deitada no chão em um saco de dormir que usou em inúmeras viagens de acampamento na faculdade, Becca sentiu a própria ansiedade retornar. Ela havia tomado a decisão certa em deixar o emprego sem um plano B? Era tarde demais para desfazer a demissão? E se tivesse que sustentar a si mesma e à mãe por um tempo? Quem podia saber quanto tempo levaria para chegarem a um acordo de divórcio? E se o pai decidisse dificultar as coisas? Se era ele quem controlava as finanças da família, ele poderia até tentar negar à esposa o acesso a quaisquer recursos e informações que ela precisasse para um acordo justo.

Becca podia ouvir a mãe se movendo no quarto principal. Provavelmente com tanta dificuldade para dormir quanto ela.

Se virou de lado. Dessa perspectiva, ela podia olhar pela janela, observando os galhos balançando do lado de fora em direção ao contorno nebuloso da lua.

Será que Leo estava deitado na cama olhando o céu noturno também?

Não o via há seis dias, quando ele a pegou de surpresa com aquele beijo. Eles trocaram mensagens, até conversaram uma vez ao telefone, mas não fizeram planos de se encontrar.

Como ela foi inocente ao achar que poderia envolvê-lo em um relacionamento casual. A realidade era mais problemática. Depois de seis anos se relacionando com a mesma pessoa, sentiu que suas habilidades sociais haviam se atrofiado, pelo menos quando se tratava de lidar com o sexo oposto. O namoro era como uma dança em constante mudança, os passos evoluindo para padrões cada vez mais intrincados, e ela ainda estava presa no começo, tentando descobrir o ritmo básico.

Inconscientemente, ela podia estar esperando Leo tomar a iniciativa. E por que não, considerando os olhares famintos que ele lhe deu e aquele beijo que lhe consumiu por completo?

Claro, ela podia ter dado o primeiro passo. Poderia ter ligado. Tê-lo chamado para jantar. Ou, melhor ainda, se oferecido para cozinhar para ele e o convidado para passar a noite. Mas quando chegou o momento, ela simplesmente não conseguiu. Então sublimou seus desejos, se concentrando nas minúcias da vida cotidiana: desempacotando, fazendo listas de itens que ainda precisava comprar e cozinhando.

Também respondendo da mesma forma às mensagens de texto engraçadas e às vezes charmosas que ele enviava.

Até a noite passada, quando seu telefone ficou subitamente silencioso. Ela verificou se a bateria não tinha acabado. Não, ainda estava com setenta por cento. Leo estaria de plantão? Ou – ela engoliu em seco – em um encontro com outra mulher? Beijando alguém do jeito que a beijou há menos de uma semana?

Talvez ela tivesse interpretado mal o interesse dele.

Na manhã seguinte, ela enviou um convite:

Interessado em um passeio de bicicleta?

Leo respondeu:

Posso deixar para uma próxima?

Nenhuma explicação ou contraoferta.

Claro, Becca escreveu.

Agora, a bola estava na quadra dele.

Depois da troca de mensagens, ela foi para sua corrida de sábado com Anna, quase não segurando o impulso de perguntar à amiga se ela sabia o que Leo ia fazer neste fim de semana. Enquanto o sol aquecia suas costas e seu coração batia acelerado para acompanhar os pés, os pensamentos de Becca voltavam a cada interação, dissecando cada palavra e gesto. No final, tudo o que conseguiu foi se sentir mais frustrada.

Então, depois de voltar para casa e tomar banho, Becca pegou sua KitchenAid e quaisquer ingredientes que tivesse à mão, bateu a manteiga com açúcar e baunilha, adicionou ovos, picou nozes, misturou farinha, fermento em pó, bicarbonato de sódio e chocolate. Colocou várias bandejas no forno até todo o apartamento ficar cheirando à biscoitos recém assados.

Pena que ela não conseguiu transformar o hobby em uma carreira. Era boa nisso, e adorava criar e aperfeiçoar novas receitas. Mas transformar isso em uma empresa financeiramente viável, especialmente em uma cidade que já estava super saturada com todos os tipos de delícias culinárias? Era uma péssima ideia.

A chegada da mãe a afastou temporariamente de todo o resto. Mas agora, deitada no escuro, Becca não pôde deixar de pensar e se preocupar.

Adormeceu com uma mão segurando a cabeça e a outra, o telefone silencioso.

— O laço está apertando — Vlad declarou. — É só uma questão de tempo até perdermos tudo.

— O que você quer dizer? — Leo perguntou.

Estavam caminhando pela beira do mar, com a areia molhada e fria sob os pés. Gaivotas voavam no céu. As crianças riam e gritavam, correndo na água rasa enquanto os pais as observavam das toalhas de praia espalhadas nas proximidades.

Vlad olhou para a água, acompanhando o progresso de vários veleiros que navegavam em direção à Catalina.

— Você acompanha o que está acontecendo em casa?

— É difícil não acompanhar — Leo falou. Embora para ele, a Rússia não fosse a sua casa há quase vinte anos. — É como assistir a um acidente de trem com Putin no controle.

— É pior. — Vlad pegou um pedaço de madeira e o jogou de volta no mar. — Ele quer desfazer todas as reformas das últimas décadas. Voltar no tempo e recuperar a “glória” do império soviético.

— O Ocidente não vai apoiar essa atitude.

— A Europa está atolada em suas próprias crises — Vlad comentou. — E os EUA não estão levantando um dedo para detê-lo. Segundo seu ilustre presidente, não é do interesse nacional. *Kakoe der'mo. Que merda.* Qualquer pessoa com metade do cérebro pode ver que isso é besteira.

Leo suspirou.

— Podemos discutir política o dia todo, Vlad. Mas não foi por isso que você veio, não é?

Vlad enfiou as mãos nos bolsos da frente do jeans.

— Estou preocupado. Com todos nós. Nosso pai entrou no processo, criticando Putin por ter derrubado as sanções ocidentais. Não estou contestando que Putin é responsável ou que as sanções estão prejudicando nossa economia. Mas dizer isso em voz alta e em público? É procurar problemas.

— Você acha que o coroa está em perigo?

O pai deles não era velho. Tinha quase sessenta anos, com a resistência de um homem de trinta — pelo menos de acordo com as entrevistas que as

ex-namoradas deram à imprensa russa. Mas para Leo, ele sempre foi uma figura sem nome e sem rosto, alguém que concedeu o DNA e seguiu em frente.

Só depois de Leo terminar a faculdade que realmente descobriu quem era o pai. Essa descoberta o levou a outra, ainda mais chocante: ele não era filho único. Tinha dois meios-irmãos e uma meia-irmã, todos nascidos de mães diferentes. Era o mais velho e o único que não havia experimentado os benefícios do nome, presença e riqueza de Boris Snezhinsky. O que, dada a descrição de Vlad da situação, provavelmente foi algo bom.

— Acho que todos somos alvos ambulantes — Vlad comentou. — Nosso pai, Dima e Mila — seus outros meios-irmãos — e eu.

Leo olhou por cima do ombro para o homem enorme que estava ali.

— É por isso que *ele* está aqui?

Quando Vlad telefonou para falar sobre a visita, não mencionou que chegaria com um guarda-costas, e que ele ficaria acampado no sofá de Leo.

— Ordens do nosso pai. — Vlad fez uma careta. — Ele acha que se você jogar dinheiro suficiente em um problema, ele irá desaparecer.

— Mas você não concorda com ele.

— Putin está derrubando toda a oposição. Seja político, empresário ou jornalista... não importa. Quem se atreve a criticá-lo, acaba morto ou preso. — Vlad baixou a voz. — Se lembra do que aconteceu com o Berezovsky? Ele não se enforcou, foi morto. Litvinenko? Envenenado por polônio. Andrei Kozlov, Anna Politkovskaya, Boris Nemtsov – todos mortos a tiros. Khodorkovsky teve sorte de sair com dez anos de trabalho duro.

Leo digeriu a avaliação sombria de seu irmão.

— Então qual é a solução?

Vlad deu de ombros.

— Você quer dizer, além de ficar fora da política, manter a cabeça baixa e cuidar da minha própria vida?

— Sim — Leo respondeu. — Além disso.

Vlad diminuiu a velocidade e depois parou. Seu cão de guarda seguiu os movimentos, mantendo uma distância discreta entre eles.

— Imigração.

— O quê?

Vlad assentiu.

— Quero vir para os EUA e abrir caminho para Dima e Mila também, se eles decidirem se juntar a mim.

— E o coroa?

— Ele já disse que não vai fazer isso. Tem muitos interesses comerciais em casa. E ele acha que é invencível. Mas não se importaria de ter alguém em quem pudesse confiar procurando maneiras de investir dinheiro no exterior. — Ele sorriu sem humor. — É melhor tirar proveito do meu diploma da Wharton.

Leo o observou. O garoto de quem ele se lembrava não era tão cínico. Ele era brilhante, ansioso, cheio de grandes ideias e mal continha sua energia. Agora, seus olhos estavam mais duros. Sua mandíbula estava mais firme. O corpo também havia mudado. Os membros magros se tornaram musculosos e os ombros e o peito eram largos o suficiente para fazer com que um possível atacante pensasse duas vezes antes de dar o primeiro passo.

— Não estou por dentro de todas as regras atuais — Leo falou. — Mas posso arranjar um advogado de imigração e procurar saber.

Vlad acenou e começou a andar novamente.

— Tenho um advogado. O que eu preciso é de uma oportunidade de investimento.

Leo o acompanhou.

— Como isso vai te ajudar?

— O governo dos EUA quer atrair grandes investidores para ajudar a impulsionar a economia e criar empregos. Como incentivo, estão oferecendo *green cards* para quem investe um milhão de dólares ou mais. Só precisamos disponibilizar o dinheiro e mostrar um plano de negócios que crie pelo menos dez empregos.

— Só isso?

Vlad levantou uma sobrancelha com o tom de Leo.

— Bem, acredito que haja algum tipo de verificação de antecedentes. Você sabe, para rastrear traficantes de drogas e terroristas.

Leo balançou a cabeça, mas não fez mais comentários. Vlad não merecia seu sarcasmo. O irmão podia ser produto de uma educação privilegiada e, como resultado, alheio à maneira como as pessoas reais viviam, mas ele não era responsável pelas dificuldades que Leo e a mãe enfrentaram ao imigrar, há duas décadas.

De toda forma, isso tudo estava no passado. A mãe de Leo conseguiu encontrar um emprego que colocasse comida na mesa e um teto para os dois. Leo se esforçou para se dedicar à universidade e à residência médica.

Hoje em dia, os dois estavam indo muito bem. A mãe de Leo morava em uma casa confortável nos arredores da Filadélfia e a hipoteca estava paga graças ao dinheiro extra que Leo havia ganhado com um segundo trabalho em um centro de trauma durante a residência. E, embora o próprio Leo tivesse vivido de forma simples em comparação com alguns de seus colegas, trabalhou duro e ficou atento às oportunidades para diversificar seu portfólio financeiro. Seus filhos nunca teriam que lutar como ele e a mãe naqueles primeiros anos.

— Então — Vlad falou — se você conhecer alguém que esteja iniciando uma atividade e precisa de financiamento...

— Não de imediato — Leo comentou. — Eu teria que pensar a respeito.

Ele não tinha muitas relações nesse tipo de ambiente.

Embora sua amiga Anna estivesse namorando um cara que trabalhava com capital de risco do Vale do Silício. Leo não conhecia o cara, mas se o relacionamento se tornasse sério, era provável que eles se cruzassem.

E a esposa de Max, Eva, administrava algum tipo de negócio de marketing. Talvez ela conhecesse alguém que estivesse começando um negócio e precisasse de investidor.

E a Becca? Ela trabalhava em uma *startup* de software. Talvez a empresa dela pudesse ajudar. Ou talvez ela soubesse de alguém.

Com certeza seria uma desculpa para ligar para ela. Desde a chegada de Vlad, há duas noites, Leo não teve tempo nem oportunidade de pensar, muito menos organizar outro encontro com ela. Não que sair para um bar depois de jogar hóquei realmente se qualificasse como um encontro. Especialmente quando a coisa toda foi combinada por amigos em comum que estavam junto deles o tempo todo. A única coisa remotamente parecida com um encontro era o beijo de boa noite.

Se ele fechasse os olhos, ainda podia sentir os lábios dela contra os seus. Podia praticamente provar o calor da sua boca e o deslizar da sua língua.

— Você vem?

A voz de Vlad a vários metros de distância afastou Leo de seus pensamentos. Ainda bem. Uma praia pública na manhã de domingo não era exatamente o lugar mais apropriado para ficar excitado. Especialmente quando não havia perspectiva de alívio à vista.

Leo respirou fundo, desejando que sua excitação diminuísse. Hoje. Ele tiraria um tempo para ligar para Becca hoje. Empolgado com esse pensamento, se juntou a Vlad na longa jornada de volta ao carro.

O celular de Becca tocou enquanto ela dirigia.

— Becca. — A voz de Leo soou através do sistema de alto-falantes do carro de forma tão clara como se ele estivesse sentado ao seu lado.

— Leo. Oi. — Seu coração deu um pequeno salto.

— Como você está?

— Ah... — Um Porsche vermelho a interrompeu, e ela pisou no freio para evitar uma colisão. — Droga.

— Estou ligando em um momento ruim?

O motorista do carro de trás enfiou a mão na buzina, mas conseguiu parar antes de bater nela.

— Me desculpe — ela falou, ligando a seta do carro e virando à direita em uma rua lateral. O SUV passou buzinando. — Estou no carro.

— Posso ligar depois.

— Não, tudo bem. Estou com as mãos livres.

— Da direção ou do telefone?

Ela riu.

— Do telefone. Você está no viva-voz.

— Não quero te distrair enquanto você estiver dirigindo.

— Estou prestes a estacionar. Só um instante. — Ela parou em uma vaga e tirou o telefone do viva-voz. — Agora eu posso falar.

— Que bom. Onde você está?

— Abade Kinney. Aqui tem uma loja de colchões e estou precisando de uma cama nova.

Por um momento, ele não respondeu. Em seguida, limpou a garganta.

— Quer ajuda para escolher?

Ela se imaginou caminhando pela loja, testando a firmeza e a elasticidade de cada cama, se deitando nelas enquanto Leo observava com um olhar caloroso, provocando um arrepio em sua pele. Ela o imaginou debruçado sobre ela, com as mãos sobre o travesseiro de ambos os lados da cabeça, o joelho apoiado entre suas pernas abertas. E quando sua boca começou a descer em direção à dela, a fantasia se partiu em uma explosão de rap saindo das janelas abertas de um carro que passava.

— Becca? — A voz dele retumbou em seu ouvido, arrepiando seus braços.

Era a abertura perfeita. Fechou os olhos e cruzou os dedos mentalmente para que ele não risse ou a rejeitasse.

— Você poderia me ajudar a testá-la depois de entregue.

Sua respiração acelerada a deixou saber que ele tinha entendido exatamente o que ela estava falando.

— Eu adoraria — ele falou com voz grave. — A qualquer momento.

Ela apertou as coxas, como se isso ajudasse a aliviar a dor entre elas. E então ela gemeu, percebendo que o convite que havia feito, e ele havia aceitado, era prematuro.

A razão pela qual ela precisava da cama era porque sua mãe estava com ela. E não apenas por uma ou duas noites, mas pelo tempo que levasse para ela se orientar e descobrir como ficariam suas finanças até o divórcio.

— Ouça, Leo... — ela se interrompeu. Ela não conseguiu, não se forçou a retirar o que havia dito. Nas últimas duas semanas, a ideia de ficar nua com ele se tornou uma obsessão.

Quanto tempo tinha se passado desde que ela realmente apreciou ser abraçada por um homem? Seu relacionamento com John tinha azedado muito antes de terminarem. Não conseguia se lembrar da última vez em que tiveram intimidade. Em algum momento após irem morar juntos, o sexo se tornou um ato superficial e não uma expressão de amor ou desejo. John não parecia se importar se ela chegava ao clímax ou se estava se divertindo.

Ela não podia imaginar Leo sendo tão egoísta ou desatento. A maneira como ele olhava para ela... ficou excitada só de pensar nisso.

Mas talvez fosse da natureza dos relacionamentos começar cheio de paixão e depois murchar lentamente. Antes de John, ela só teve alguns namoricos. Não tinha muita experiência para comparar.

E procurar respostas em outras pessoas não ajudava. Seus pais obviamente não eram um bom exemplo. Da mesma forma, muitos dos amigos deles estavam divorciados ou no segundo, terceiro ou até quarto casamento.

Entre seu próprio círculo de amigos, a maioria dos casais felizes que ela conhecia não estavam juntos há tempo suficiente para o brilho da lua de mel ter desaparecido. Eva e Max eram um exemplo disso. Eles não conseguiam tirar as mãos um do outro, mas o relacionamento deles só tinha um ano.

Talvez a chave fosse manter as coisas leves e pular fora ao primeiro sinal de problema. Por que não? Os homens faziam isso o tempo todo.

Tudo o que ela precisava era de um parceiro disposto – e Leo parecia mais do que disposto.

O momento oportuno e o local, no entanto, poderiam ser mais difíceis de organizar. Seu apartamento estava fora dos limites, pelo menos no futuro próximo, já que não teria esse tipo de experiência enquanto a mãe dormia do outro lado de uma parede muito fina.

Mas Leo tinha um apartamento.

Ela olhou para o relógio.

— É quase uma. Já almoçou?

— Ainda não. Tem algo em mente?

Ela tinha que depilar as pernas. E aplicar maquiagem – pelo menos algo mais que o protetor solar e o batom que estava usando agora. Ela poderia parar no supermercado a caminho da casa de Leo, comprar salada pronta, queijo, uvas e uma garrafa de vinho. Ah, e não podia se esquecer de comprar preservativos.

Ela teria tempo de fazer tudo isso antes do almoço? Hoje?

Estava louca?

Antes que pudesse fazer a oferta, Leo disse:

— Espere um segundo. — Ela ouviu um murmúrio de conversa, abafado demais para entender as palavras. Com quem ele estava falando? Menos de um minuto depois, ele estava de volta. — Quanto tempo você leva para terminar de fazer compras?

— Não sei — respondeu. — Acho que uns vinte ou trinta minutos.

— Sério?

— Talvez até menos.

— Ah, Becca, onde você esteve a minha vida toda?

— Bem aqui, em Los Angeles — ela respondeu.

Ele riu.

— Tem muitos restaurantes em Abbot Kinney. Vou ligar para ver o que tem disponível. Eu te mando o nome do lugar e o endereço.

— Vamos almoçar?

— A menos que você estivesse planejando levar a cama para casa agora...

— Ah, não. Não exatamente.

— Tudo bem então. Te vejo em meia hora.

Eles estavam sentados embaixo de um guarda-sol no pátio dos fundos de um restaurante rústico que oferecia as principais novidades em refeições orgânicas.

— Como foi seu passeio de bicicleta? — Leo perguntou, se servindo de uma fatia de pizza de cogumelos e queijo de cabra.

Levou um momento para ela identificar a referência: o convite casual que tinha feito no dia anterior e que ele recusou.

— Acabei não indo.

— Por que não?

Ela suspirou e voltou sua atenção para a comida.

— A minha mãe apareceu.

— Ah. Bem, isso definitivamente tem prioridade. Vocês são próximas?

— Um pouco. — Becca cortou a berinjela grelhada em pedaços pequenos. — Ela está passando por uma fase difícil agora.

— Sinto muito — Leo falou. — Quer falar sobre isso?

Becca deu de ombros.

— Ela deixou meu pai e foi morar comigo.

— Foi morar com você — ele repetiu. — De forma permanente?

— Espero que não. Quero dizer, eu a amo e, é claro, quero ajudá-la, mas é meio estranho ter trinta e dois anos e ainda morar com a mãe.

— Nem brinca. — Sua risada se transformou em uma gargalhada.

Ela fez uma careta.

— Não é tão engraçado.

— Você tem razão — ele falou, ainda sorrindo. — Só que o momento é impecável. Meu irmão chegou na sexta-feira. Então, agora nós dois temos visitas.

— Ah. — Isso explicava a conversa que ela tinha ouvido ao telefone. O alívio deu lugar à decepção. Todos os seus adoráveis planos de seduzir Leo pareceram evaporar antes de serem totalmente formados. — Não sabia que você tinha um irmão.

— Temos o mesmo pai, mas mães diferentes. É uma longa história. — Ele pegou outra fatia de pizza. — De qualquer forma, Vlad e seu guarda-costas praticamente tomaram conta do meu apartamento.

— Guarda-costas? — Becca arqueou a sobrancelha. — Por que o seu irmão precisa de um guarda-costas?

— Nosso pai está ocupado fazendo inimigos na Rússia. Não sei se a segurança extra é realmente necessária. Vlad parece achar que não. Mas não custa ser cauteloso.

— O que seu pai faz?

Leo limpou os dedos em um guardanapo e tomou um longo gole de água antes de responder.

— Ele é um homem de negócios.

Um *homem de negócios* que precisava contratar guarda-costas para a família? Ou ele era extremamente rico ou... visões de John Gotti e Lucky Luciano, dois famosos mafiosos, passaram pela sua cabeça. Ela estava quase com medo de perguntar. No final, a curiosidade venceu.

— Em que tipo de negócio ele trabalha?

— Importação-exportação. Indústria. Imóveis. — Os olhos de Leo se voltaram para as pessoas que ocupavam as mesas próximas. — Quanto você sabe sobre a economia pós-União Soviética?

— Bem pouco.

— Certo. Me deixe te dar uma versão resumida. — Ele apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou para mais perto, com os olhos focados diretamente em Becca. — Quando a União Soviética entrou em colapso, em meados dos anos de 1990, o governo russo privatizou os bens do Estado. Foi uma batalha campal, com vários empresários experientes e não muito exigentes lutando pelo controle de praticamente todos os setores. No momento em que a poeira baixou, esses chamados “oligarcas” administravam o país em tudo, exceto no nome.

Ele parou e olhou ao redor novamente, como se quisesse se assegurar de que ninguém mais estava ouvindo. Quando recomeçou a falar, ele baixou tanto a voz, que Becca teve que se inclinar para mais perto para ouvi-lo.

— Na última década, mais ou menos — ele falou —, Putin vem consolidando o poder. A princípio, os oligarcas estavam no caminho. Eles não sabiam com quem estavam lidando. Talvez eles tenham se esquecido ou desconsiderado o fato de ele ser ex-membro da KGB. Mas *ele* com certeza não esqueceu suas raízes. Começou a pegá-los, um por um, assumindo o controle de suas propriedades, fazendo todo tipo de acusações mentirosas. Peculato, lavagem de dinheiro, roubo de propriedade do governo, entre outras. Ele conseguiu baixar a bola de alguns. Outros, ele conduziu ao exílio, mandou prender ou foram mortos. Os poucos que permanecem, como o meu pai, obviamente estão preocupados com a segurança.

— Uau. Você cresceu no meio de tudo isso?

Ele balançou a cabeça.

— Eu, não. Mas o Vlad, sim. Ele mora com nosso pai em Moscou, pelo menos parte do tempo.

— Onde ele fica no resto do tempo?

Leo deu de ombros.

— No exterior. Ele passou os últimos dois anos na Filadélfia fazendo MBA. E antes disso, estive no Reino Unido por três anos estudando na London School of Economics.

— Uau. Parece um garoto inteligente.

— Ele é.

— E quanto a você?

— Ah, sou muito inteligente também.

Ela riu.

— Isso eu sei. Mas quis dizer onde você cresceu?

O sorriso dele desapareceu.

— Também em Moscou. Com minha mãe e avós. Minha mãe era pediatra, o que era um cargo relativamente baixo no polo econômico da Rússia. Ela passou por algumas situações difíceis e imaginou que haveria melhores oportunidades e mais estabilidade aqui nos EUA. Fizemos parte da última grande onda de imigração russa para os Estados Unidos.

— Quantos anos você tinha?

— Quinze. Eu não falava nada de inglês. Nenhum de nós falava. Mas aprendemos. Minha mãe acabou indo trabalhar como técnica de laboratório para sustentar a família. Ela não teve tempo nem dinheiro para continuar os estudos na área da medicina. — Ao ver a expressão confusa de Becca, ele explicou. — Há uma série de exames que os estrangeiros graduados em medicina precisam fazer antes de conseguirem autorização para trabalhar, além de ter que refazer a residência para conseguir a certificação do conselho. Não era uma opção, dada a nossa situação.

— Então ela nunca mais voltou a trabalhar como médica?

— Não — Leo falou. — Ela basicamente sacrificou sua carreira para que eu pudesse ter a minha. Graças ao seu trabalho no laboratório de microbiologia de Penn, tive a chance de cursar a faculdade de medicina. Se não fosse por sua determinação e encorajamento, provavelmente não estaria onde estou hoje. Não é fácil entrar em ortopedia, mas é o melhor e mais gratificante campo da medicina. É uma área que sofre um pouco de

preconceito, mas não consigo me imaginar fazendo outra coisa. E o salário também não é ruim.

Becca sorriu.

— Sua mãe parece uma mulher extraordinária.

— Ela é — Leo confirmou. — Acho que você vai gostar dela.

Becca deixou o comentário passar. As chances de ela encontrar a mãe de Leo eram quase nulas, especialmente considerando o fato de que elas moravam em costas opostas.

— Então, agora seu irmão está aqui em Los Angeles. Você sabe quais são os planos dele?

— Seu visto é válido por seis meses, assim ele tem algum tempo para decidir.

— Você acha que ele irá passar os seis meses inteiros na sua casa?

A expressão de Leo ficou triste.

— Não sei. No momento, ele está procurando oportunidades de investimento. Ele tem a impressão de que o Westside é o novo Vale do Silício.

— Ele está certo — Becca falou. — Existem cerca de quinhentas *startups* de tecnologia na área. E todos os figurões têm escritórios aqui: Google, Yahoo, Oracle. Eles estão chamando de Praia do Silício.

— Você conhece alguma *startup* menor que esteja procurando por... como vocês chamam isso? Investidor anjo?

— De quanto dinheiro estamos falando?

— Cerca de um milhão. Talvez mais. Não entramos em detalhes.

— Posso me informar. — Embora Becca estivesse oficialmente saindo dos negócios, ela ainda podia usar alguns contatos que fez ao longo dos anos. O que a fez lembrar que ela e Leo tinham uma amiga em comum que provavelmente poderia ajudar mais nesse momento. — Já conversou com a Anna? Tenho certeza de que ela tem alguns colegas do departamento de ciência da computação que podem estar interessados.

— Boa ideia. — Ele terminou a pizza. — Sobremesa?

Becca verificou a hora.

— Obrigada, mas acho que devo voltar.

Se ela e Leo tivessem acabado de fazer mais do que almoçar, Becca teria ligado para a mãe para avisá-la que planejava ficar mais tempo fora. Mas dada a situação atual, não havia motivo para telefonar e levantar questionamentos.

Leo a acompanhou até o carro.

— Há outro jogo de hóquei na semana que vem. Quer vir?

— Eu adoraria. — Não fazia sentido bancar a tímida. Ela o queria, e parecia que a atração era mútua. O único obstáculo para satisfazer o desejo era a falta de privacidade.

Agendar um quarto de hotel com antecedência seria muito grosseiro? Ela poderia justificar uma despesa tão frívola, considerando seu futuro financeiro incerto?

Ela destrancou o carro.

— Obrigada pelo almoço.

— O prazer foi meu. — Ele tocou seus lábios com um beijo que terminou rápido demais. — Pegue você antes do jogo.

Na segunda-feira, Becca acompanhou a mãe a Westwood para ajudá-la a arrumar algumas das coisas que Susan havia deixado para trás.

— É bom que seu pai ainda não tenha trocado as fechaduras.

Becca olhou para a mãe.

— Você estava esperando que ele fizesse isso?

Susan deu de ombros.

— Conhecendo-o, isso não vai ser fácil. Ele provavelmente vai brigar comigo por cada coisinha.

— Metade da casa é sua, mãe. Ele trocando as fechaduras ou não.

— Você tem razão — Susan falou com os lábios firmes. — Vou precisar de um bom advogado para garantir que seu pai entenda isso também.

Enquanto trabalhavam lado a lado, enchendo várias malas com roupas e itens pessoais, Becca se perguntou mais uma vez se todos os relacionamentos estavam fadados ao fracasso. O amor romântico parecia um ideal ilusório, até antiquado, especialmente em uma cultura que tratava o sexo de forma casual e tornava o divórcio tão simples.

Hoje em dia, ela nem podia passar por uma fila de caixas de supermercado sem encarar manchetes de revistas de fofoca que anunciavam a separação de mais um casal.

Mas isso não estava restrito à celebridades. Outro dia, ela ficou chocada ao ver a foto de Anna na capa de uma revista ao lado de uma foto de Ethan Talbot usando smoking e a frase *Será que eles vão durar?*

Pobre Anna. Ela estava tendo bastante dificuldade para namorar com um homem cujo estilo de vida e crenças eram completamente diferentes das dela.

Mas a questão subjacente — a natureza transitória dos relacionamentos — era real e assustadora e algo que Becca percebeu que nunca havia realmente enfrentado até agora.

Como foi fácil se enterrar no trabalho e ignorar o fato de que ela e seu parceiro de seis anos não compartilhavam o mesmo entendimento sobre o que um futuro envolvia. Seu fracasso em reconhecer os sinais de infidelidade a fez questionar tudo, inclusive seu próprio julgamento.

Será que, de alguma forma, ela buscava por homens como o pai, ainda que inconscientemente? Homens cujos egos descontrolados e desdém pelas regras sociais os tornavam propensos à infidelidade? Ou todo homem estava sujeito às mesmas fraquezas, dada a tentação e oportunidade suficientes?

Não que isso importasse neste momento. Pelo menos, não para Becca. Ela não estava interessada em mais nenhum envolvimento a longo prazo. Amizade, sim. Sexo, com certeza. Ela ainda tinha grandes esperanças nesse ponto com Leo.

Mas amor eterno? De jeito nenhum. Isso era para meninas que brincavam de bonecas e ainda acreditavam em contos de fadas. Não para uma mulher de trinta e dois anos que tinha mais o que fazer com seu tempo. Como descobrir o que faria com a sua carreira.

O que ela poderia fazer que fosse tanto gratificante quanto financeiramente recompensador? Seus pensamentos voltaram à ideia maluca que ela já havia rejeitado há alguns dias.

Mas quem precisava de outra confeitaria?

Além disso, a sobrecarga seria gigantesca. Ela precisaria alugar um espaço comercial que pudesse acomodar uma cozinha e uma loja, conseguir as autorizações e documentações necessárias, elaborar um plano de negócios, investir em equipamentos e nos custos iniciais, contratar alguém para lidar com os clientes, com marketing e folha de pagamento e impostos. O grande número de tarefas e escopo de responsabilidades, bem como os custos associados a essa empresa, mesmo que realizados em pequena escala, lhe provocaram dor de cabeça.

A única pequena empresária de sucesso que ela conhecia era Eva. Mas os negócios dela eram baseados na Internet. Além de um escritório em casa, ela não precisava de um espaço físico, portanto, quaisquer custos iniciais e de transporte que tivesse deveriam ser muito baixos.

O mesmo princípio poderia funcionar para uma confeitaria? Talvez algo baseado em casa, com um site para atender a clientes online? Talvez já tivesse um grande número de confeitarias desse tipo.

Ela teria que oferecer algo único para se destacar da multidão.

— Becca, querida, pode pegar isso?

Elas estavam na cozinha depois de passarem por cada quarto em uma busca metódica por itens que Susan alegava que não poderia viver sem.

Ainda bem que Becca não havia se livrado de todas as caixas que esvaziou recentemente. Estavam sendo muito úteis agora.

Enquanto ajudava a mãe a levar uma vida inteira de tesouros sentimentais para o carro, Becca refletiu sobre o que poderia fazer para diferenciar seus produtos de todo o resto do mercado.

— Mãe?

— Sim, querida?

— O que você gostaria de comprar em uma confeitaria, mas geralmente não consegue encontrar?

— Não faço ideia — Susan falou. — O que é?

— Isso não é um enigma. Estou fazendo uma pergunta séria.

Susan fez uma pausa no processo de reposicionar uma caixa para abrir mais espaço no porta-malas.

— Estou de dieta, Becca. Esse não é o melhor momento para fazer compras de doces e bolos.

— Bem. Imagine que o que você vai comprar tem zero calorias, zero gordura e é tão bom para você quanto couve.

Susan riu.

— Se você encontrar algo assim e que também seja gostoso, me avise. Definitivamente, adoraria comprar.

Ela voltou a encher o carro, deixando Becca paralisada.

Poderia ser realmente assim tão simples? Delicioso, nutritivo e amigo da perda de peso, disponível com o clique de um botão?

Com o seu conhecimento em informática, ela poderia criar um site bonito de olhos fechados. Seria igualmente simples projetar um programa para pedidos, controle de inventário e qualquer outra coisa que a empresa necessitasse. Provavelmente, mais barato e mais eficiente do que qualquer equivalente que existia. Talvez ela precisasse de ajuda com assuntos legais e marketing. Talvez com novas receitas para testar sabores também.

Quando Susan voltou com outra caixa, Becca a pegou, colocou-a no carro e girou para abraçar a mãe.

— Você é um gênio — ela riu. — É isso que eu vou fazer!

— O quê? — Susan perguntou. — Do que você está falando?

— Estou saindo do emprego — Becca disse a ela. — Você pode me ajudar a ajustar algumas receitas. Usaremos purê de maçãs ou ameixas secas para reduzir a gordura. Néctar de agave em vez de açúcar. Linhaça moída para diminuir o número de ovos. Todos ingredientes naturais, sem

produtos químicos ou conservantes. Produzidos em pequenas quantidades, embaladas individualmente para controle de porções. O que acha?

Susan piscou.

— Vai sair do seu emprego?

— Na verdade, eu já saí. Na semana passada.

— Mas por quê? Achei que você gostasse de trabalhar com computadores.

Becca torceu o nariz.

— Meu pai amava a ideia. Disse que se eu não podia trabalhar com pesquisa, que pelo menos eu poderia aprender a programar.

— O quê? Quando ele disse isso?

— Não importa — Becca falou. — Foi bom por um tempo, mas você realmente precisa amar para continuar fazendo isso. Escrever código até a madrugada e acordar no dia seguinte para fazer tudo de novo pode desgastar qualquer um. Eu era boa nisso, mas nunca amei o que fazia. E agora estou esgotada. Eu simplesmente não posso mais continuar.

— Ah, querida. — Susan abriu os braços e envolveu Becca em um abraço apertado. — Eu nunca soube disso. Por que não me contou?

Becca deu de ombros e esperou até a mãe soltá-la para recuar.

— Estou começando a descobrir as coisas por conta própria. Acho que nós duas estamos.

— Você tem razão — Susan falou. — E ficarei feliz em ajudar da maneira que puder.

— O que acha? — Susan perguntou. — *Delicioso e sem culpa?*

Becca tirou os olhos do laptop onde estava pesquisando os passos necessários para abrir uma confeitaria em casa. Alvará de funcionamento. Banco de dados. Curso de certificação para manipulação de alimentos. Ela marcou os sites relevantes.

— Desculpe mãe, o que você disse?

— *Delicioso e sem culpa* — Susan repetiu. — Como slogan para a Beijinhos da Becca?

— Eu gosto. — Becca sorriu. O nome que elas inventaram para o negócio também era bem criativo.

Ela ficou agradecida, embora surpresa, pela facilidade com que a mãe aceitou seus planos. Seu pai, que ainda não sabia de nada, ficaria lívido. Ela quase podia vê-lo balançar a cabeça com desgosto. *Você ficou louca?* ele perguntaria, elevando a voz a cada palavra. *Que desperdício de uma boa educação!*

Ela ficou muito satisfeita em adiar essa conversa. Não que precisasse da aprovação do pai para qualquer coisa. Mas sua mãe não era a única pessoa que havia passado anos se esgueirando sob as exigências, muitas vezes irracionais, de Richard Markham. Becca havia feito sua parte, mas agora acabou.

Não se tornaria mais um capacho. Ia viver a vida em seus próprios termos.

Ela não tinha ilusões de que seria fácil. Sem dúvida, encontraria muitos obstáculos, contratempos e decepções. Mas pelo menos estaria correndo atrás do seu próprio sonho em vez do de outra pessoa. A perspectiva era libertadora e assustadora. Se ela falhasse, não teria mais ninguém a não ser ela mesma. Tinha que trabalhar duro e fazer o possível para ter sucesso.

Com esse pensamento em mente, ela abriu um novo documento e começou a fazer uma lista de tarefas.

O prédio em que Leo morava abrigava uma academia de ponta com piscina olímpica e saunas úmidas e secas – comodidades que ele raramente usava, porque preferia correr ou andar de bicicleta ao ar livre.

O sábado amanheceu ensolarado e claro, a primeira interrupção na monótona “melancolia de junho” que se estendia até julho. Às oito da manhã, a temperatura já havia subido para vinte e um graus, embora uma brisa leve vinda do oceano fizesse parecer mais frio.

Leo tinha o fim de semana inteiro de folga. Com exceção do jogo de hóquei de amanhã à noite, sua agenda estava vazia.

Então, por que ele estava ali, enjaulado naquele lugar, descansando em um banco de madeira e respirando ar úmido?

Porque ontem à noite ele se comportou como um idiota. Apesar de ser o produto final de muitos milênios de evolução e uma vida de autodisciplina, aparentemente nem mesmo Leo resistia ao desejo de reagir com força bruta quando pressionado demais.

Especialmente quando provocado por John.

O fato de ter acontecido na garagem do hospital foi lamentável. Se John decidisse cumprir a ameaça de dar queixa contra Leo por agressão, provavelmente haveria imagens de câmeras de segurança para fundamentar sua alegação. Afinal, Leo deu o primeiro soco.

Ele tinha acabado de sair do consultório e estava a caminho da garagem do hospital quando John apareceu ao seu lado.

Por vários minutos, Leo conseguiu ignorá-lo.

Estavam quase chegando na fila de carros onde Leo havia estacionado, algumas vagas adiante do conversível de John quando o homem quebrou o silêncio.

— Algum grande plano hoje à noite?

— Não.

— Então por que você não me acompanha? — John perguntou. — Estou indo para o Bungalow. Tenho um encontro marcado.

— Não, obrigado.

— Tem certeza? — John sorriu. — Você pode ficar com ela depois que eu terminar, tendo em vista que você gosta de pegar meus restos.

Foi quando Leo bateu nele.

O que se seguiu foi uma boa e velha luta. Leo era mais alto, com a vantagem de um alcance um pouco mais longo, mas John era mais pesado, com um soco condizente.

No final, a sanidade prevaleceu. Leo até se ofereceu para levar John ao pronto-socorro para cuidar do olho roxo e do lábio cortado. O outro homem respondeu grunhido, sugerindo que Leo fizesse algo que era anatomicamente impossível. Então ele mancou até o carro, ligou o motor e acelerou, quase atropelando Leo no processo.

Agora, sentado na sauna para ajudar a relaxar os músculos doloridos, Leo tinha que admitir que descontar sua raiva e frustração em John havia sido imensamente satisfatório. Mesmo que fosse estúpido e potencialmente contestável.

Bem... se John decidisse entrar com uma ação, Leo lidaria com ela. Seu amigo Max tinha muitos advogados na família. Pensando bem, o sogro de Max não era juiz?

A porta se abriu.

— Te achei. Kolya disse que você estava vindo para cá... — Vlad parou quando viu o rosto de Leo. — O que aconteceu?

— Nada.

— Parece algo para mim. Você foi atacado?

— Não. — Leo se levantou e colocou uma toalha sobre os ombros. — Vou subir.

Vlad o seguiu. O guarda-costas, que estava levantando pesos na área principal da academia, abandonou o equipamento e seguiu atrás deles.

— Talvez o Kolya devesse estar *te* protegendo — Vlad comentou.

Leo apertou o botão para chamar o elevador.

— Isso não tem nada a ver com política. Ou nosso pai.

— Como sabe?

— Eu tive um desentendimento com uma pessoa, tá?

— Você? — Vlad ergueu as sobrancelhas. — Quem ganhou?

Atrás deles, o guarda-costas abafou uma risada.

Leo olhou para ele antes de voltar para Vlad.

— Achei que você tinha dito que ele não falava inglês.

— Ele está aprendendo. Isso o mantém longe de problemas.

Kolya bufou.

Dessa vez, Leo o ignorou.

— E aí — falou quando entraram no elevador —, você desceu para me incomodar ou precisava de algo?

— Não tem café — Vlad comentou. — Eu ia comprar e achei que talvez você gostaria de ir junto.

— Claro — Leo respondeu. — Me dê alguns minutos para tomar banho. depois, vamos ao supermercado.

Vlad piscou.

— Supermercado? Eu estava pensando naquele pequeno café perto das docas.

— O café só abre as onze e meia. — Leo abriu a porta do apartamento. — Além do mais, você não pode comer fora o tempo todo.

— Sei disso — Vlad respondeu. — É para isso que serve a entrega em domicílio.

Leo balançou a cabeça e caminhou pelo corredor até o banheiro principal. Às vezes, ele se esquecia de que Vlad havia crescido com empregados em tempo integral que atendiam a todos os seus caprichos. Mas quando Vlad abria a boca, Leo se recordava mais uma vez da grande diferença de educação que receberam.

— Cinco minutos — Leo falou olhando para trás. — Você vai ver como a outra metade vive.

— Precisa que eu fique e te ajude? — a mãe de Becca perguntou.

— Não, tudo bem. — Becca saiu do caminho quando dois entregadores carregaram mais uma caixa enorme da IKEA. Ela os direcionou para a parede oposta, onde itens fechados de uma remessa anterior já estavam empilhados. — Você tem seu grupo de estudo hoje, então vá.

Susan colocou a mochila no ombro, mas hesitou.

— Se não fosse por esse projeto que deve ser entregue semana que vem...

Becca acenou para ela em direção à porta.

— Não se preocupe, mãe, as caixas ainda estarão aqui quando você voltar. Tem muita coisa para montar.

Uma hora depois, Becca se sentou no chão da sala, cercada por embalagens e peças de móveis, imaginando onde havia errado. As instruções não eram precisas.

Soprou uma mecha de cabelo dos olhos e deu um olhar irônico para a montanha de caixas ainda fechadas. Nesse ritmo, montaria os móveis até o Natal.

Quando o telefone tocou, ela pulou para atender, feliz pelo pretexto para uma pausa.

Ouvir a voz de Leo melhorou ainda mais seu humor.

Após trocarem cumprimentos, ela se encostou no balcão da cozinha e mordeu o lábio.

— Se lembra de quando você se ofereceu para me ajudar com a mudança?

— Claro — Leo respondeu. — Mas você já não fez isso?

— Mais ou menos. Eu precisava de uns móveis novos que chegaram hoje. Fiquei imaginando se você poderia me ajudar a montar.

A respiração acelerada dele a fez se lembrar da sua última conversa sobre móveis. Especificamente, a nova cama que ela havia comprado no fim de semana passado. Estava em seu quarto, totalmente montada. Em uma explosão de otimismo, ela até escondeu uma caixa de preservativos na

gaveta da mesa de cabeceira. Teriam tempo suficiente para usá-los antes que a mãe voltasse?

Esqueça as estantes de livros. Ela podia tentar montar depois. Talvez encontrasse um vídeo do YouTube para ajudar.

Leo pigarreou.

— Quando?

— Você está ocupado agora?

— Estou a caminho — ele respondeu. — Pode me enviar uma mensagem com o endereço?

Ela enviou, se sentindo tonta.

E então, com apenas um olhar para a bagunça que havia deixado na sala, correu para o chuveiro.

Ele devia ter pego o caminho mais longo ou parado em algum lugar no caminho, porque Becca teve tempo de tomar banho, depilar as pernas, usar creme hidratante, trocar de roupa duas vezes, debater se deveria ou não abrir um vinho, porque eram cinco horas em algum lugar, trocar de roupa mais uma vez, procurar um abridor nas gavetas da cozinha, arrumar um prato com queijo, uvas e mini confeitos de castanha que ela vinha testando nos últimos dias, fazer uma tentativa sincera de juntar as embalagens que havia espalhado, abandonar o esforço e começar a questionar sua decisão de tê-lo convidado.

Quando a campainha tocou, mal podia ouvir sua própria voz por causa das batidas do coração.

— Só um momento!

Assim que abriu a porta, viu porque ele tinha demorado tanto. Em uma mão, ele tinha um vaso de plantas. Na outra, carregava uma cesta de piquenique de vime como as que ela admirava no catálogo da loja de utensílios de cozinha Williams Sonoma, o tipo antiquado que lembrava um baú em miniatura da virada do século passado.

— Becca. — Ele sorriu e lhe ofereceu a planta. Devia ter uns dezoito centímetros de altura, com folhas verdes e um aroma doce vagamente familiar. — É uma árvore de limão Meyer. O vendedor disse que é mais doce que os limões comuns e ótimo para usar em pratos que vão ao forno.

— Isso é adorável — alfa falou, tentando organizar as palavras. — Obrigada.

Ele levantou a cesta.

— Não tinha certeza se você tinha comido, então também trouxe o almoço.

— Ah... — ela se interrompeu, notando de repente a leve descoloração e inchaço na mandíbula dele e os machucados recentes em sua bochecha esquerda, logo abaixo do olho. — Você está machucado! O que aconteceu?

— Nada — ele murmurou, corando.

— Mas seu rosto... — Ela abraçou a planta contra o peito e levou a mão livre à bochecha dele. Hesitou, os dedos pairando sobre a área machucada.

Ele segurou sua mão e deu um leve beijo na palma. Ela estremeceu, sentindo a vibração até seu âmago.

Seus olhos escureceram e ele entrelaçou seus dedos.

— Vai me convidar para entrar?

— Sim, é claro — respondeu, confusa. — Não repare a bagunça.

— Parece que você esteve ocupada.

— Sim, mas sinto que estou lidando com o código Hydra. Cada correção causa mais dois bugs. — Ela liderou o caminho pela sala em direção à cozinha. — Pode colocar a comida no balcão. Tem um pouco de vinho, se quiser. Eu não tinha certeza do que você gosta, ou se bebe vinho, e sei que é cedo...

— Becca. — Leo a deteve com um puxão suave da mão. — Não precisa ficar nervosa.

Era o que *ele* pensava. Suas habilidades de sedução estavam tão enferrujadas que um pouco de álcool podia ajudar.

— Me deixe colocar isso na varanda. Lá bate sol de manhã e esse bebê provavelmente precisa de muito sol. Volto já.

Ela abriu a porta de vidro, que envolvia toda a área de estar/jantar, e saiu para o ar livre. O alívio momentâneo lhe permitiu respirar fundo e fechar os olhos. Ela ficou lá, segurando o vaso de barro com as duas mãos, absorvendo o calor do meio da tarde. Seu batimento cardíaco estava começando a diminuir quando dois braços fortes a envolveram por trás e a pressionaram contra um peito masculino duro. Ela ofegou com o contato inesperado e abriu os olhos. Instintivamente, se virou para o lado e bateu o cotovelo no tórax de Leo.

Ele estremeceu e soltou um gemido suave. Embora seu aperto tenha afrouxado, ele manteve um braço ao redor dela enquanto resgatava a planta com o outro.

— Sinto muito! — Becca exclamou. — Eu te machuquei?

— Não. Mas talvez da próxima vez eu use um sino. — Ele colocou a planta no chão. — Pronta para entrar?

— Sim. Tem certeza de que está bem?

— Estou — falou, levando-a de volta para dentro. — *Svad'bi zazhivyyot*.

— O que isso significa?

— *Antes de eu me casar, sara*. — Ele riu da expressão duvidosa dela, depois esticou as costas. — É um antigo provérbio russo.

Ela reparou na maneira cuidadosa como ele se moveu e a pontada de culpa virou preocupação.

— Posso pelo menos pegar um pouco de gelo? Ou aspirina?

Ele olhou para os móveis meio montados na sala de estar.

— Sim, talvez. Tem ibuprofeno? Parece que o efeito do último comprimido está passando.

— Sente-se — ela acenou para ele em direção à mesa de jantar. — Vou ver o que tenho.

Por meio segundo, ela pensou que ele se recusaria a aceitar suas instruções, talvez até insistisse em segui-la até o banheiro e mexer em seu armário de remédios. Ela se perguntava o que ele acharia do seu estoque variado de pílulas para tudo, desde dores de cabeça a cólicas menstruais e indigestão. Tinha o anticoncepcional que ela tomava religiosamente desde a faculdade e os suplementos vitamínicos que ela raramente se lembrava de tomar, além de alguns suplementos energéticos que comprou para as raras ocasiões em que tinha um prazo iminente e precisava virar algumas noites seguidas. E havia uma caixa de preservativos reserva – caso os do quarto acabassem.

A lembrança do seu estremecimento e os hematomas inexplicáveis em seu rosto a fizeram perceber que seguir seu plano original de seduzir Leo quando ele estava com dores seria egoísta e insensível.

Hoje não seria a última vez que a mãe sairia para se encontrar com o grupo de estudos. O que significava que haveria outras oportunidades para Becca e Leo testarem o colchão. Pelo menos, ela esperava que sim.

Pegou a embalagem de ibuprofeno, parou na cozinha para pegar um copo de água e se juntou a Leo na sala de jantar. Enquanto ela o observava engolir as pílulas, se perguntou mais uma vez o que havia acontecido para machucar aquele rosto lindo, e qual a extensão dos machucados em seu corpo.

— Quer comer agora? — perguntou.

— Depende — ele respondeu. — Está com fome?

Ah, se ele soubesse. Ela suspirou.

— Que tal algo leve por causa da medicação, e uma refeição de verdade mais tarde?

— Parece um bom plano. — Ele se levantou para acompanhá-la até a cozinha. — A propósito, onde está a sua mãe?

— Saiu. Ela está tendo aulas e o grupo de estudo se reúne aos sábados. — Becca abriu a cesta de piquenique e examinou o conteúdo, retirando recipientes de saladas, carnes defumadas e um pequeno pedaço de pão artesanal. — Uau isso é incrível. Quantas pessoas você estava planejando alimentar?

— Três, na verdade. Mas se sua mãe não está aqui — ele sorriu — o que você está fazendo aí tão longe?

As mãos dela pararam.

— O que você tinha em mente?

Ele se aproximou, desta vez cuidando para permanecer na sua linha de visão. Ela prendeu a respiração quando os dedos dele desceram por seu braço, acariciando a pele sensível da parte interna do cotovelo antes de deslizar para cobrir sua mão. Ela podia sentir o calor dele em suas costas. Os lábios macios roçaram sua orelha. Ela inclinou a cabeça, oferecendo-lhe maior acesso. A respiração de Leo arrepiou seu pescoço enquanto os lábios traçavam padrões preguiçosos até o ombro, onde ele afastou a alça fina da sua blusa.

Inquieta e dolorida, ela arqueou a coluna, pressionando o traseiro contra ele. Sua respiração sibilou e seus quadris se contraíram, retornando a pressão.

Ah, caramba. A forte evidência de sua excitação dissipou qualquer dúvida que ela pudesse ter sobre suas intenções.

— Becca...

— Sim...?

A mão de Leo se moveu para as costelas dela, hesitando logo abaixo do peito.

— Por favor, diga que você quer isso.

— Sim — respondeu, segurando sua mão e a guiando para seu peito.

— Eu quero.

Os dedos dele apertaram o seio, o polegar circulou o mamilo até que ele ficasse eriçado e, em seguida, ele o acariciou entre o polegar e o indicador, apertando com força suficiente para fazê-la se contorcer, acalmando-a com uma carícia suave.

— Não se mexa — ele disse. Solto a mão dela no balcão, mas antes que Becca pudesse questionar o que ele estava fazendo, sentiu a perna dele deslizar entre as suas e pressionar, forçando-a a se abrir. Em seguida, ele começou a acariciar sua coxa, deslizando cada vez mais para cima, em direção ao ápice.

Ela gemeu de frustração quando a costura grossa do jeans entrou no caminho. Devia ter ficado com a saia que tinha colocado, mas ficou preocupada que enviasse uma mensagem flagrante demais e, se *acabassem* indo montar móveis, a saia seria completamente inapropriada.

Ele mordiscou seu pescoço, e ela soltou um grito assustado.

— O que...

— Você está se mexendo — ele grunhiu.

Seus dedos estavam impossibilitando não fazê-lo.

— Leo...

Ela queria se virar, abraçá-lo com as pernas e os braços e se esfregar com força. Precisava dele dentro dela, não provocando-a e dizendo para ela ficar quieta.

— Becca... — Seus dedos encontraram um novo ponto e pressionaram. De repente, a costura não estava mais atrapalhando, mas sim, agindo como um estímulo no lugar certo, inflamando seus nervos e roubando-lhe o ar.

Ele solto seu seio com um aperto final. Antes que ela pudesse pensar em protestar, sentiu o botão do jeans ceder, o zíper deslizar para baixo e sentiu Leo tirar sua roupa. Apoiou as duas mãos no balcão enquanto ele se abaixava, empurrando o jeans e a calcinha até o chão, deixando-a completamente exposta da cintura para baixo.

Ela ouviu sua respiração acelerada. Houve uma breve pausa e, em seguida, o toque fugaz dos lábios dele sobre a plenitude da sua nádega. Ela estremeceu em constrangimento, mas ele voltou e ela se esqueceu de

qualquer outra coisa, porque Leo estava pressionado em seu corpo com o peito duro nas suas costas e o tecido rígido do jeans roçando na sua pele nua.

A palma da mão de Leo encontrou a pele macia abaixo do umbigo dela. A outra mão deslizou por baixo da blusa, desta vez sem nenhuma hesitação, tirando o sutiã do caminho para segurar seu seio.

Ele enterrou o nariz em seus cabelos, respirando com dificuldade.

— Queria tanto isso... te quis tanto, por tanto tempo — ele falou com a voz abafada contra a sua pele. — Parece que faz uma eternidade...

Ela fez uma careta. Como poderia ser? Até algumas semanas, ela estava com John.

O pensamento mal surgiu antes de desaparecer novamente sob o toque de seus dedos. Aqueles dedos espertos e ágeis que acariciavam e provocaram seus mamilos, alternando os lados até que ambos enrijeceram. E justamente quando ela achou que não podia aguentar mais estímulos, a outra mão aumentou a aposta, acariciando entre as pernas dela, circulando o polegar cada vez mais perto do centro de todo o prazer antes de recuar diversas vezes.

— Leo... — Suas pálpebras estavam pesadas. Ela suspirou e inclinou a cabeça no ombro dele.

— Sim? — Ele penetrou um dedo, e ela estremeceu.

— Sim, o quê? — Ela não conseguiu formar um único pensamento coerente. Ele retirou o dedo, e ela gemeu em protesto, desejando-o de volta mais profundamente e com mais intensidade. Ele deve ter sentido seu desejo, porque inverteu a direção, acrescentando um segundo dedo, pressionando-a e esticando-a à medida que o polegar procurava seu clitóris novamente, acariciando com firmeza e aumentando o ritmo enquanto a penetrava com os dedos, encontrando um ponto lá no fundo. O prazer era tão intenso que a fez gemer e estremecer. Ele afastou a mão, e ela quis pedir para que não fizesse aquilo. Mas não conseguiu dizer uma única palavra.

Sentiu o ar frio em suas costas, a perda do calor do corpo dele, e de repente, o mundo se inclinou e ela não podia sentir o chão sob seus pés. Ela piscou.

— O que...?

Ele grunhiu, ajeitando-a seus braços.

— Onde é o quarto?

— Ah, não, suas costelas! — Apertou o ombro dele. — Me coloque no chão.

— Em um minuto — falou, já seguindo pelo corredor. — Qual porta? Ela desistiu de protestar.

— Da esquerda.

Leo a colocou ao lado da cama.

— Quanto tempo nós temos?

Atordoada, Becca olhou para o relógio de cabeceira.

— Uma hora? Talvez duas?

O sorriso malicioso fez seu pulso voltar a acelerar.

— Ótimo. Vamos tirar essas roupas.

Ele alcançou a bainha da blusa e, em segundos, ela ficou completamente nua, a pele arrepiada por uma combinação de ar condicionado e excitação.

— Linda — ele sussurrou, observando lentamente seu corpo. — Mais bonita do que eu imaginava.

Ele se aproximou, emoldurando sua bochecha com a palma da mão. Ela o encontrou no meio do caminho, beijando-o, explorando a boca de Leo com a língua. Suas mãos, finalmente livres, se familiarizaram com o corpo masculino. O peito largo, a curva dos quadris, os sulcos duros do abdômen.

— Você está muito vestido — ela falou, puxando a camisa dele.

Ele a obedeceu e tirou a camisa, jogando-a de lado. Becca viu sua careta e sentiu um lampejo de preocupação.

— Podemos parar se você estiver sentindo muita dor.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não tenho certeza de que parar fará muito pela minha dor.

Os olhos de Becca seguiram seus movimentos enquanto ele desabotoava lentamente a calça jeans e ela corou, percebendo que, embora ele *a* tivesse levado ao clímax, Leo ainda estava completamente excitado. O deslizar do zíper soou estranhamente alto no quarto silencioso.

Ela o observou, com a respiração ofegante, enquanto ele terminava de se despir. *Ah, nossa.* E ele achava que ela era linda? Ela ficaria feliz em observá-lo nu o dia todo.

Mas eles não tinham o dia todo.

Ela recuou até suas pernas baterem na cama. Se ela era pouco graciosa, ele não parecia notar. Ele se aproximou. Ao mesmo tempo, ela o alcançou, colocando uma mão em seu quadril e o envolvendo com a outra.

Ele respirou fundo e paralisou.

Seus olhos se encontraram e ficaram presos um no outro. Lentamente, ela acariciou sua ereção, maravilhada com a maneira como parecia inchar ainda mais em suas mãos. Becca umedeceu os lábios, e ele gemeu, inclinando a cabeça para frente e fechando os olhos.

O gesto pareceu liberar todas as suas inibições. Ela se inclinou para a frente e suspirou. Uma pequena gota de líquido brilhou na cabeça do pênis de Leo. Becca a capturou com a língua e, em seguida, colocou os lábios ao redor dele e o sugou. Leo emitiu um som estrangulado e a puxou com força, o que a encorajou a levá-lo mais fundo, movendo a mão no ritmo da boca.

— Chega — ele disse, passando os dedos pelos cabelos dela e puxando gentilmente até que ela o soltasse.

— Espere... — ela se inclinou na direção da gaveta da mesa de cabeceira. — Preservativo.

Ela abriu o pacote, mas seus dedos tremiam tanto que ele assumiu o controle naquele momento, colocando o preservativo com tanta eficiência que ela se perguntou quanta prática ele tinha. Não que isso importasse. Ela não tinha direito a ele além de hoje, além deste momento. Esse pensamento provocou uma inesperada pontada de arrependimento, que ele rapidamente dissipou com um beijo. A sensação da pele contra pele, a ondulação dos músculos enquanto seus membros se entrelaçavam e a pressão deliciosa de seu corpo enquanto ele entrava e saía, os levou em direção ao clímax que ele se recusava a apressar. Finalmente, o doce alívio do orgasmo a atingiu, deixando-a exausta demais para se mover.

Leo se mexeu.

— Nós deveríamos nos vestir antes que a sua mãe chegue em casa.

Estavam deitados na cama. Leo estava de costas e Becca, enrolada ao seu lado com a cabeça apoiada em seu peito e os dedos acariciando lentamente o contorno das suas costelas.

— Em um minuto — ela falou. — Primeiro, quero saber como você se machucou. E não me diga que você bateu em uma porta.

— Não, claro que não. A desculpa da porta é muito usada. — Ele tratou de fraturas suficientes no pronto-socorro para saber disso.

Não estava certo do que era pior: deixar Becca tirar suas próprias conclusões sobre suas lesões ou confessar o que, em retrospecto, representava uma birra pueril. Ele era adulto. Altamente educado, culto e bem-sucedido. Pelos padrões convencionais, um homem esclarecido. Mas homens esclarecidos não rolavam no chão em uma briga para resolver suas diferenças.

— Você tem razão — Becca falou. — A minha mãe costumava bater muito em portas. Quando eu era pequena, achava que ela era a mãe mais desajeitada do mundo.

Leo ficou tenso e cobriu a mão dela com a sua, interrompendo o movimento que ela fazia.

— Seu pai?

— Sim. — Ela suspirou e se afastou. — Ele não é um homem fácil de se conviver.

— Fácil ou não — Leo respondeu, se sentando —, não há desculpa para bater em uma mulher. Ou em uma criança.

Sua pesquisa indireta por mais informações ficou sem resposta. Em vez disso, ela sorriu.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por dizer isso. Por acreditar nisso.

Leo saiu da cama, afastando a irritação. Ela deveria ter poucas expectativas se sentia a necessidade de agradecê-lo pelo que deveria ser um princípio fundamental do comportamento humano.

Claro, ele e John se enfrentaram, mas eram homens adultos. Por outro lado, um homem que usava violência contra alguém menor e mais fraco não passava de um covarde, um monstro que merecia ser preso.

Leo pegou suas roupas espalhadas do chão.

— É bom que sua mãe o tenha deixado.

— É mesmo. — Becca saiu da cama e pegou um roupão que estava jogado sobre uma cadeira.

Leo observou, momentaneamente distraído, enquanto ela apertava o cinto em volta da cintura fina e puxava os cabelos despenteados para fora. Ele queria enfiar os dedos de volta naquela massa sedosa, enterrar o nariz naquela mistura inebriante e erótica de jasmim, baunilha e mulher viciante.

— Não chegamos a comer — ela falou, entrando no banheiro. — Me dê um minuto, e eu te encontro na cozinha.

Dez minutos depois, Leo se serviu de uma segunda fatia de rolinho de nozes.

— Isso é incrível.

— Que bom que você gostou — Becca falou. — Estou experimentando novas receitas.

Ele saboreou o último pedaço e depois se levantou para ajudar a limpar a mesa.

— As enfermeiras têm perguntado por você. Acho que elas estão sentindo falta dos seus doces.

Ela fechou o último recipiente de plástico e o guardou na geladeira.

— Ando um pouco ocupada ultimamente.

Ele olhou para a expressão de Becca. Ela costumava ir ao hospital e à clínica regularmente, deixava doces e conversava com a equipe. Mesmo que não fosse lá para vê-lo, ele gostava das visitas e sentia falta de ter o prazer de sua companhia no meio do dia.

— À propósito — ele falou —, a maior parte dos cuidados pós-operatórios é feita pelos residentes e enfermeiros. É provável que você não encontre o John, mesmo que decida ir ao hospital.

Ela corou.

— Todo mundo deve saber...

— Becca. — Leo a segurou pela cintura e a puxou para o calor de seus braços. — Você não tem nada para se envergonhar. *Ele* foi o idiota. Acredite, a simpatia de todos é para você.

Ela apoiou a cabeça no ombro dele por alguns instantes, depois se afastou e mudou de assunto.

Leo não pôde deixar de sentir que ela havia acabado de afastá-lo. Certo, talvez ela precisasse de um pouco mais de tempo.

Na sala, eles resolveram montar os móveis novos. Leo examinou as instruções enquanto Becca tentava explicar onde havia parado.

Ele balançou a cabeça e enquanto ela falava, removeu alguns parafusos, reposicionou uma das peças finais e remontou o móvel como se tivesse feito isso a vida toda.

— Pronto — ele falou. — Viu? Moleza.

Ela balançou a cabeça.

— Talvez para você.

— É como fazer uma substituição da articulação. — Ele pegou outra caixa. — Só que sem o sangue e a responsabilidade.

Ela sorriu.

— Isso vindo de um cirurgião ortopédico.

— Como eu disse, amo o que faço. Vamos lá, vamos montar o resto.

Eles entraram no ritmo de trabalho, Becca fazendo o papel de enfermeira, entregando a ele todas as partes que ele pedia enquanto Leo fazia o trabalho pesado.

— Preciso providenciar umas ferramentas melhores para você — Leo falou depois de um tempo. — Isso seria muito mais fácil com uma furadeira.

Becca olhou em volta.

— Estamos quase terminando.

— As estantes, talvez. O que há nessas caixas? — Ele apontou para a pilha fechada no canto.

— Mesas de canto. Gabinetes. — Ela deu de ombros. — Vou montá-los em algum momento.

— Que tal amanhã? Tenho um tempo livre antes do jogo de hóquei.

Isso que era comprometimento.

— Tem certeza?

— Resposta errada — ele falou. — Agora, repita comigo: *sim, obrigada, Leo*.

Ela sorriu.

— Sim, obrigada, Leo. — Como se para garantir que não houvesse mal-entendidos, ela acrescentou: — A minha mãe estará aqui.

— Tudo bem. Vou tentar me comportar. Agora vamos levantar essas estantes e prendê-las na parede. — Ele a ajudou a se levantar. — Onde você quer colocá-las?

— Lá — ela apontou.

Ele assentiu e começou a bater na parede, ouvindo a mudança de som.

— Você não teria um scanner de parede por aí, não é? Preciso encontrar algo duro.

Ela arqueou uma sobrancelha com os olhos brilhando.

— Por que eu precisaria de algo duro?

— Isso é drywall — Leo explicou. — Não serve quando se está tentando pendurar coisas pesadas.

Sua risada o fez parar no meio do caminho. O som era tão cheio de vida e alegria que ele não pôde deixar de sorrir em resposta. *Esta* era a

Becca por quem ele se apaixonou, a mulher pela qual poderia acordar feliz o resto da vida.

— Me desculpe — ela disse, rindo. — Às vezes me esqueço de que minha língua não é seu idioma nativo.

— O que eu disse?

Ela caminhou até ele e colocou uma mão em seu peito, usando a outra para traçar um caminho suave pelo seu braço e ombro.

— O problema de coisas duras é que... — Ela passou um dedo provocador na curva da sua orelha, na mandíbula e sobre o seu lábio inferior. — Uma garota só precisa de uma. Supondo que essa coisa seja bem rígida. E você tem algo muito, muito bom. É lindo demais. E é incrivelmente sexy. Um verdadeiro Adonis.

Ele apoiou as mãos nos quadris dela, puxando-a contra si.

— Adonis, é? — Ele sorriu e mordeu o dedo dela. — E eu que estava achando que você gostava de mim pelo meu cérebro.

— E gosto — ela falou, beijando seu queixo. — E seu adorável senso de humor. E seu grande...

A boca de Leo cobriu a sua, interrompendo o que ela estava prestes a dizer. Ela tinha sabor de tâmaras, nozes e mel. Ele gemeu, segurou seu bumbum e a ergueu, envolvendo as pernas dela na cintura dele. Ela se acomodou e a leve pontada de dor na lateral do seu corpo não era nada comparada ao prazer de tê-la completamente aberta para ele. Leo se virou, pressionando as costas dela na parede e ajustando seu aperto para manter o apoio em suas coxas enquanto impulsionava a pélvis em sua direção.

Ele estava tão concentrado no momento que não ouviu a fechadura da porta. Só quando alguém disse:

— Ah, querida... me desculpe!

Foi que ele percebeu que não estavam mais sozinhos.

Ele interrompeu o abraço e abaixou Becca lentamente até que ela estava solta.

Apoiando a testa na dela, ele murmurou:

— Se ela for sua vizinha e estiver aqui para pedir uma xícara de açúcar emprestada, diga para voltar mais tarde.

Becca espiou por cima do ombro dele, recuou rapidamente e balançou a cabeça.

— Não. Não é minha vizinha.

Ele assentiu e respirou fundo, desejando que sua ereção diminuísse.

— Me dê um minuto, tá?

Ela sorriu e levantou a voz.

— Oi, mãe. Estamos colocando prateleiras. Tem comida na geladeira. Fique à vontade. Nos juntaremos a você em um segundo.

— Sem pressa, querida. — A porta se fechou e os passos se afastaram.

Ótimo. Leo fechou os olhos. *Que ótima maneira de causar uma boa impressão.*

— Então, Leo — a mãe de Becca falou, passando a cesta de pães para ele. — Vocês se conhecem há muito tempo?

— Quatro anos — Leo respondeu.

— É mesmo? — Susan ergueu as sobrancelhas. — Estranho que ainda não tivéssemos nos encontrado.

Eles estavam sentados à mesa de jantar, desfrutando de uma refeição que Becca e sua mãe haviam feito juntas. Becca teve que dar crédito a ele. Apesar do início estranho, Leo conseguiu encantar sua mãe. Susan insistiu para que ele ficasse para jantar e depois de um olhar suplicante para Becca, que ela ignorou, ele lavou as mãos e foi ajudar a colocar a mesa.

— Este frango está delicioso — Leo falou. — A minha avó costumava fazer algo parecido na Rússia.

— Ah, você é de lá? — Susan perguntou. — Sempre quis viajar para a Rússia e ver São Petersburgo. Todos aqueles museus e palácios.

— Sim, os museus são impressionantes — Leo comentou.

Becca percebeu sua falta de entusiasmo e interveio.

— Leo se mudou para os EUA quando tinha quinze anos, mãe. Talvez ele possa contar mais sobre a Filadélfia do que sobre São Petersburgo.

Por alguns minutos, eles conversaram sobre o bairro de Old City, da Filadélfia, que Susan se lembrava de ter visitado quando criança em uma excursão pelo Salão da Independência, na Elfreth's Alley street e a Betsy Ross House, a casa onde a primeira costureira da bandeira americana supostamente morou.

— Sua família ainda está na Filadélfia? — Susan perguntou.

— A minha mãe está.

— Você a vê com frequência?

— Sempre que posso — Leo falou. — É mais fácil para ela viajar para cá devido ao meu horário de trabalho. Além disso, ela gosta do clima quente, especialmente no inverno.

— Imagino que seja bom fugir do frio — Susan comentou. — Que tipo de trabalho você faz?

— Sou médico.

— É mesmo? — Susan olhou para Becca.

— Sim, mãe — Becca comentou, antecipando a próxima pergunta. — O Leo é ortopedista. Ele e John trabalham juntos.

— Ah. — Susan lançou um olhar desconfortável para Leo.

Ele sorriu.

— Espero que isso não seja um ponto contra mim, sra. Markham.

— Não, não, claro que não. E, por favor, me chame de Susan. — Ela se levantou para limpar a mesa. — Becca, querida, acho que estamos prontos para a sobremesa.

Leo se levantou para ajudar, mas Susan acenou para ele voltar a se sentar.

— Só vai levar um minuto. Você quer chá ou café?

— Chá, por favor.

Susan assentiu e desapareceu na cozinha. Alguns minutos depois, ela voltou com pratos e xícaras. Becca a seguiu com uma chaleira fumegante e uma caixa de chás variados.

— Becca cozinhou para um batalhão — Susan comentou depois de outra ida à cozinha para fatiar limão, pegar açúcar e leite.

Ela serviu o chá enquanto Becca trazia uma bandeja de potes arrumados de forma artística, contendo uma variedade de doces em miniatura.

— Me diga qual você mais gosta — Becca pediu.

— Adoro tudo o que você faz — ele falou, se servindo do que parecia um bolo do tamanho de uma noz polvilhado com cacau em pó.

— Por favor, não se sinta obrigado a ser educado — Becca falou. — Quero um feedback honesto.

— É importante — a mãe dela acrescentou. — Queremos que a Beijinhos da Becca cause uma primeira impressão forte.

Leo se engasgou e começou a tossir. Susan colocou um copo de água na sua mão enquanto Becca dava tapinha em suas costas.

— Estou bem — Leo disse, acenando para elas. Ele enxugou os olhos.
— Acho que perdi algo na tradução...

— Ele não sabe sobre os negócios? — Susan perguntou, erguendo uma sobrancelha para Becca. — Sinto muito. Não sabia que era segredo.

— Não é. — Becca se recostou na cadeira. — Eu só não tinha mencionado ainda.

— Que negócios? — Leo perguntou.

— Estou pensando em abrir uma confeitaria online.

— É mesmo? E você vai chamar de Beijinhos da Becca? — Ao vê-la assentir, Leo sorriu. — Isso é ótimo. Adorei o nome. Mas onde você encontrará tempo para fazer isso?

— O que você quer dizer?

— Bem, você já tem um emprego.

— Estou em transição — ela explicou. — Saí do emprego para abrir meu próprio negócio.

O sorriso de Leo desapareceu.

— Mas... você é engenheira de software.

— Eu era engenheira de software — Becca falou. — Agora vou ter uma confeitaria. Você mesmo disse que gosta dos meus doces.

— Sim, mas... você tem um diploma em ciência da computação. Qualquer um pode fazer doces. Nem todo mundo pode escrever códigos de computador.

Ela deveria ter esperado essa reação. Teria esperado se estivesse conversando com o pai. Ou com John.

Ela até adiou contar a Anna, que vivia e respirava o ar acadêmico, por medo de que sua melhor amiga zombasse da ideia, da mesma forma que zombou quando a irmã anunciou que estava abandonando a faculdade.

Mas Leo? De alguma forma, Becca esperava que ele entendesse. Ou, pelo menos, que ele tentaria entender antes de julgá-la por algum padrão de mente estreita que dividia as pessoas em dois campos: aqueles cujo trabalho exigia diplomas e todos os outros.

Parecia que ela estava otimista demais.

Lutando para manter o tom suave, ela disse:

— Esta não é uma decisão coletiva, Leo. É a minha vida e estou fazendo o melhor para mim.

Ele não reconheceu o aviso ou optou por ignorá-lo.

— Como pode ser melhor trocar uma renda garantida por algo que não oferece nenhuma garantia? — ele perguntou. — Quais são as estatísticas? Só no primeiro ano, cerca de noventa por cento dos restaurantes fecham.

— Esse é um equívoco comum — Becca falou, feliz por poder refutar pelo menos esse argumento graças a sua pesquisa recente. — Os números reais são mais como um quarto dos restaurantes fecham dentro de um ano, cinquenta por cento em três anos e setenta por cento em dez anos. Além disso, não estou falando de restaurante. Meus custos iniciais e despesas gerais serão muito menores.

— Leo — a mãe de Becca interrompeu, empurrando o prato de doces para mais perto dele. — Por que você não experimenta este? É bolo de limão com cream cheese adoçado por dentro.

Becca observou enquanto ele provava o doce. Ela quase podia ver o momento em que o gosto se registrou em seu cérebro e sentiu uma pequena satisfação quando ele olhou duas vezes, examinando o mini bolo que estava segurando antes de terminar com prazer óbvio.

Por alguns minutos, eles ficaram em silêncio enquanto Leo tomava seu chá e contemplava a variedade de doces que ela havia feito. Finalmente, ele olhou para cima, concentrando seus intensos olhos verdes em Becca.

— Você já administrou um negócio?

— Não, mas aprendo rápido e sei trabalhar duro. Não vou entrar nisso às cegas.

Ele apoiou o cotovelo na mesa.

— Está planejando fazer tudo sozinha ou contratar alguém?

— Ainda não sei.

— E quanto a um sócio? Se você tivesse ajuda e capital desde o início para alugar um espaço, investir em qualquer equipamento necessário e contratar pessoas, poderia facilitar.

Ela piscou.

— Você tem alguém em mente?

— O meu irmão. Eu te falei que ele está procurando oportunidades de investimento, certo?

— Você disse um milhão ou mais. Praia do Silício ou coisas assim. Não é exatamente o que estou planejando aqui...

Mas agora Leo parecia determinado a continuar.

— Não diga não até encontrá-lo, ok? No mínimo, ele poderia te ajudar a montar um plano de negócios. Descobrir o que você precisa e como

organizar as coisas.

Quando Becca não respondeu de imediato, sua mãe falou.

— Parece uma grande oportunidade. O que o seu irmão faz, Leo?

— Ele terminou o MBA em administração. No momento, acho que podemos dizer que ele está procurando uma empresa iniciante para investir.

Susan se virou para Becca.

— Não faz mal encontrar o jovem e ver o que ele tem a dizer.

— Ótimo — Leo disse, como se estivessem de acordo.

O que Becca supôs que estavam. Relutar apenas por princípio era besteira. Uma reunião não a obrigava a nada.

— Tudo bem — ela concordou. — Se você acha que ele não vai se importar.

— Deixa comigo — Leo falou, se levantando. — Vou conversar com o Vlad e organizar os detalhes.

— Ele é um jovem simpático. — Susan passou água no último prato e o colocou na máquina de lavar louça.

Becca deixou de lado a massa de biscoito que estava misturando e pegou um rolo de papel manteiga.

— Desculpe, o que você disse?

Sua mãe limpou as mãos em uma toalha de papel e se encostou no balcão, observando Becca dividir a massa em quatro partes iguais e modelar cada uma em um rolo.

— Leo. Ele parece legal.

— Sim, ele é. — Ela embrulhou os rolos em papel manteiga, torceu as pontas e as transferiu para a geladeira. Quando olhou para cima e viu a expressão da mãe, ela franziu a testa. — Ah, não. Mãe, não é assim, então não tenha ideias.

Susan ergueu as sobrancelhas.

— Eu não disse nada.

— Sei o que você está pensando e pode parar agora. — Ela jogou a tigela e os utensílios na pia e abriu a torneira. — Leo e eu somos apenas amigos. Tá?

Mesmo quando as pronunciou, Becca se perguntou sobre a exatidão de suas palavras.

Até algumas semanas atrás, eles eram mais como conhecidos.

E então, de repente, parecia que um interruptor havia sido acionado. Eles passaram de mensagens simpáticas para brincadeiras sobre testar camas novas e, *mal posso esperar por isso*, transar no meio da tarde.

Talvez *amigos coloridos* fosse uma descrição mais precisa? Isso já era mais do que amizade?

E como isso se encaixava em Leo ajudá-la a montar móveis e prometer voltar amanhã com uma furadeira para terminar? Ou com a retirada das caixas após o jantar, um processo que exigiu três viagens até os fundos do prédio onde ficavam as lixeiras?

E que tipo de acordo incluía passar a noite de sábado jantando com Becca e sua mãe? Ou apresentar Becca ao irmão, porque ele achava que isso a ajudaria com um negócio que ela ainda não havia montado?

E depois de tudo isso, ele puxou Becca para o corredor, onde a beijou profundamente antes de lhe dar boa noite e voltar para casa.

Que tipo de amigo – colorido ou não – fazia tudo isso?

— Becca? — Sua mãe estendeu a mão e desligou a água. — Você parece um pouco pálida. Você está bem? Aqui, sente-se.

Becca afastou os pensamentos.

— Estou bem, mãe. Só um pouco cansada. — *E confusa. E talvez mais do que um pouco desequilibrada.*

— Foi um dia longo — Susan comentou.

— Sim — Becca concordou. — Com certeza foi.

— Uma *confeitaria*? — Vlad quase deixou a caneca cair, derramando café quente no pé descalço no processo. Ele xingou e colocou a caneca no balcão da cozinha com um baque. — Você quer que eu administre uma *confeitaria*?

— Você não precisa administrá-la — Leo falou, entregando uma toalha de papel a ele. — Apenas ajudar a Becca a estruturá-la e fazer o investimento inicial. Você terá a prova que precisa enviar ao governo de um novo negócio e do número de trabalhadores envolvidos. Ela terá a oportunidade de começar seu negócio com equipamentos, espaço e equipe que precisa para fazer dar certo. É uma situação em que todos saem ganhando.

— Você está falando sério. — Vlad balançou a cabeça. — Você quer que eu financie o hobby da sua namorada.

Leo queria refutar as palavras do irmão. O problema era que ele estava igualmente cético em relação ao projeto de Becca. Para ele, a única razão para se desistir de um emprego respeitável e bem remunerado era se surgisse uma oportunidade melhor. Uma confeitaria via internet não se encaixava nesse conceito. Ele achava que isso subutilizava os talentos e estudos de Becca e, pelo que ela mesmo havia dito, as chances de sucesso em um negócio desse tipo eram bastante reduzidas.

Mas ela estava decidida e não parecia disposta reconsiderar.

Respirou fundo.

— Olha, Vlad, você pode pelo menos deixar para julgar após conhecê-la e provar o que ela faz?

— Ah, claro. Você quer que eu pense com o estômago enquanto você pensa com o pau. Então me diga, isso é um suborno para que você possa entrar nas calças dela ou mais como um pagamento pelos serviços prestados?

— Meu Deus, Vlad, você pode simplesmente calar a boca? Do jeito que você fala, qualquer um pensaria que foi criado por lobos.

— Quase. — Vlad secou o café derramado e jogou a toalha de papel no lixo.

Leo empalideceu.

— Sinto muito.

Nenhum deles cresceu com uma família estável. Mas pelo menos, Leo havia sido criado por sua mãe e avôs. Vlad foi criado por uma série de babás, empregadas e amantes do pai, algumas quase tão jovens quanto próprio Vlad. A mãe dele foi uma dessas amantes, mas ela morreu quando ele ainda usava fraldas, deixando Vlad sob a supervisão do pai.

— Olha — Leo falou, se recompondo —, eu ficaria muito grato se você não falasse sobre a Becca dessa maneira. Ela é uma boa pessoa e está em um momento delicado agora. Então tenha um pouco de respeito, tá?

Vlad ergueu as sobrancelhas.

— Momento delicado... isso é uma metáfora para dizer que está grávida?

— O quê? — Leo olhou para o irmão. — Claro que não. Não seja ridículo.

Eles só transaram uma vez. E usaram camisinha.

Mas não fazia muito tempo que ela e John haviam terminado. E se ela *estivesse* grávida de John? Uma gravidez não seria fisicamente evidente nos primeiros meses, portanto, o fato de ela ainda estar magra não eliminava a possibilidade.

Será que ela tinha dormido com ele sabendo que estava carregando o filho de John e não contou nada?

Não. A Becca que ele conhecia não era capaz de tal coisa. Se ela soubesse que estava grávida, teria dito a ele.

Mas e se não soubesse?

Ele perdeu o equilíbrio e se sentou.

Ele amava Becca. Amava sua bondade, seu calor, sua inteligência. Adorava o som da sua risada e tê-la em seus braços.

Não havia dúvida de que ela era a mulher com quem ele queria passar o resto da vida. A mulher que imaginou como a mãe de seus filhos.

Mas a mãe do filho de outra pessoa? Isso não fazia parte da equação.

Ele fechou os olhos. Se ela estivesse grávida, ela e John voltariam a ficar juntos? Não. Tudo dentro dele se rebelou contra a ideia. John era passado e continuaria assim. Leo era seu futuro. Assim como qualquer filho que ela tivesse seria de Leo, independentemente de qual DNA tivesse contribuído para a concepção da criança.

Ele sabia, por experiência própria, como era crescer sem pai. De jeito nenhum ficaria parado e permitiria que a mesma coisa acontecesse. Ele e

Becca estavam nisso juntos e se ela já estivesse grávida, Leo seria o pai que amaria, protegeria e criaria aquela criança e quaisquer irmãos que viessem depois.

Ele respirou fundo e sentiu o aperto ao redor do peito afrouxar.

— Atingi um ponto fraco? — Vlad perguntou.

Leo olhou para cima e franziu o cenho para a expressão divertida do irmão.

— Vá se foder.

— Tudo bem. — Vlad levou o café para a mesa e se sentou em uma cadeira de frente para Leo. — Vou me encontrar com ela e ver o que ela tem a dizer. Se pudermos encontrar algo que seja benéfico para nós dois, ok. Se não, nada feito. Sem mágoas, tá?

— É justo — Leo concordou. — E você vai ser legal com ela.

— Não se preocupe. — Vlad piscou. — Serei o cara charmoso de sempre.

Isso não era particularmente reconfortante. Ah, Leo não tinha dúvidas de que seu irmão sabia como se comportar de forma educada. Vlad havia passado tempo suficiente em escolas de elite para adquirir bastante polimento social. O problema era que ele parecia ter um certo ressentimento e que frequentemente se manifestava como um comportamento deliberadamente abrasivo. Leo tinha que confiar que o encontro do seu irmão com Becca não seria um desses momentos.

Ele olhou o relógio. Tinha algumas tarefas a fazer antes de ir até a casa dela para ajudar com os móveis. E depois disso, os dois iriam ao seu jogo de hóquei.

— Vou marcar uma reunião no próximo fim de semana. Você estará disponível?

— Porque esperar? — Vlad perguntou. — Se você está tão ansioso para começar, por que não hoje?

— Porque eu e a Becca já temos planos para hoje.

— Tudo bem, então veja se ela está livre amanhã.

— Segunda-feira de amanhã. Estou trabalhando.

Vlad sorriu.

— Melhor ainda. Poderemos conversar sem que você fique em cima da gente.

— Não vou ficar em cima de vocês — Leo protestou. Ele só queria ter certeza de que as coisas iriam bem.

— Tanto faz. — Vlad tomou o café e se levantou para colocar a caneca vazia na pia. — Vamos fazer isso ou não?

— Vamos — Leo respondeu. — Com certeza. Vou falar com a Becca e te aviso.

Leo, Becca e a mãe dela conseguiram montar todos os móveis e colocar cada peça no lugar naquela mesma tarde.

— Você tinha razão — Becca falou enquanto Leo dirigia até a pista de hóquei. — A furadeira facilitou tudo.

O sorriso dele provocou um frio na sua barriga. Ela desejou, pela vigésima vez hoje, que estivessem indo para um quarto isolado em vez de passar o dia cercado por outras pessoas. Primeiro sua mãe e agora, toda a equipe e amigos de hóquei de Leo, além dos espectadores nas arquibancadas. Pelo menos, ela estava vestida de maneira mais adequada do que no último jogo, com uma jaqueta acolchoada e calça de lã que a manteriam aquecida, apesar das temperaturas baixas dentro da arena esportiva.

Quando chegaram, encontraram Max e Eva.

— São as batatas fritas — Max falou em resposta ao olhar surpreso do amigo. — A Eva diz que são melhores aqui do que em qualquer outro lugar. Não pergunte.

Os homens se dirigiram para o vestiário enquanto Becca e Eva seguiram para o café no andar de cima.

— Como estão indo as coisas? — Eva perguntou depois de fazerem os pedidos.

Durante a hora seguinte, entre comer e assistir Leo e seus companheiros de equipe derrotarem o time adversário, Becca atualizou a amiga sobre algumas mudanças das últimas semanas.

Eva, por sua vez, a ajudou com uma solução para o problema de escoamento de produtos de confeitaria que Becca ainda não podia vender e nem tinha para quem dar.

No passado, o hospital e a clínica eram a opção automática de Becca sempre que ela se animava em fazer doces. Mas, apesar das garantias de Leo de que era improvável que ela se deparasse com o ex, não estava pronta para enfrentar todos os que haviam feito parte dessa vida. Talvez ela estivesse sendo excessivamente sensível, mas não podia deixar de imaginar quem, dentre os funcionários, poderia saber sobre as traições de John.

Quem poderia tê-lo ajudado a encobrir ou até ter participado da sua infidelidade.

Então o hospital estava fora de cogitação.

Ela ignorou a vozinha em sua cabeça que dizia que não era apenas o mundo de John que ela estava evitando. Era o mundo de Leo também.

Não que isso fizesse diferença. Ela e Leo estavam só dormindo juntos. Não é?

Tudo bem, ele era um bom ouvinte, fácil de conversar e a fazia rir. E sim, ele a estava ajudando a seguir em frente com sua vida. Montando seus móveis. Tirando-a de casa para comer, assistir jogos de hóquei e se encontrar com amigos. Lembrando-a de prazeres simples, dentro e fora do quarto.

Ela fez uma careta.

— Foi só uma ideia — Eva comentou.

Becca voltou a se concentrar na conversa.

— Sinto muito, não ouvi o que você acabou de dizer. Algo sobre a Nina?

— Nina, não — Eva falou. — A minha outra cunhada, Grace. Ela supervisiona uma clínica sem fins lucrativos para um grupo de abrigos. Ela diz que está sempre buscando doações de alimentos.

— Essa é uma ótima ideia — Becca falou. — Você pode nos colocar em contato?

— Claro. — Eva pegou o celular e começou a mandar mensagens. — Será uma boa publicidade para quando você abrir o negócio também. E talvez você possa conversar com a avó da Grace. Ela é envolvida com vários conselhos e oferece inúmeros bailes de gala para captação de doações. É possível que haja uma oportunidade aí. Imagino que muitos restaurantes e empresa de bufês terceirizem as sobremesas.

— Terceirizam mesmo — Becca falou. — Sou muito grata, Eva. Obrigada.

Mais tarde, a caminho de casa, Becca mencionou a conversa com Leo.

Ele respondeu com muito menos entusiasmo do que ela esperava.

— A coisa dos serviços de bufê é legal — ele falou —, mas os abrigos...

— O que tem?

— Não gostaria que você fosse até lá. Pelo menos, não sozinha. Não é seguro.

Ela piscou.

— Está brincando, né?

Ele olhou para ela de forma breve antes de voltar sua atenção para a estrada.

— Sei que você é muito independente, mas acho que você não entende como são esses lugares. As coisas que podem acontecer com uma mulher lá.

Ela o encarou, dividida com o que considerava mais ofensivo: o preconceito, o tom condescendente ou a presunção de que ele tinha o direito de ditar suas ações.

— Sou perfeitamente capaz de me cuidar — ela falou com rigidez. — *E* de decidir para onde ir e o que fazer.

Os dedos dele apertaram o volante.

— Pelo menos me prometa que vai me contar quando e para onde pretende ir para que eu possa te acompanhar.

Ela reprimiu o aborrecimento. A única coisa que ela apreciava em seu relacionamento com John era o fato de que ele nunca tentou controlar sua liberdade. É verdade que ele também não havia demonstrado nenhum interesse pelas suas atividades, então sua falta de interferência pode ter sido uma simples apatia. Independentemente disso, ela se acostumou a agir por conta própria, sem ter que consultar outra pessoa antes. A aparente determinação de Leo em se intrometer em seus assuntos, por mais bem-intencionada que fosse a motivação, a irritou.

— Becca... — A mão dele cobriu a sua, acariciando seus dedos.

Ela fechou os olhos e se recostou no banco, se apoiando no toque sedutor dele.

— Nem conversei com a cunhada da Eva ainda, então tudo é hipotético.

— Tudo bem — ele falou. — Vamos voltar a falar sobre isso *depois* que você tiver essa conversa.

Não se ela pudesse evitar. Abriu os olhos e estudou o perfil de Leo, iluminado pelas luzes do tráfego. A testa alta, os olhos profundos, o queixo forte.

Ela suspirou. Ele podia parecer uma pessoa tranquila, até mesmo fácil de lidar quando não o conhecia. E não havia como negar que ele era gentil e atencioso.

Mas sua expressão não mentia: havia muita determinação por trás desses belos traços. Leo era um homem acostumado a estar no comando. Um homem que não recuava diante de um desafio. Alguém com inteligência e perseverança para conseguir o que queria. O. Tempo. Todo.

Ela mordiscou o lábio e desviou o olhar. Era demais. Ela se sentiu sobrecarregada. Precisava de tempo e espaço para resolver a confusão de emoções que ele evocava.

Quando ele parou na calçada em frente ao seu prédio, ela saiu do carro antes que ele tivesse a chance de dar a volta e abrir a porta.

Ele a alcançou e segurou seu braço.

— Vou te acompanhar.

— Não precisa — ela falou, acelerando o ritmo.

As pernas compridas combinaram com o passo dela.

— Você está chateada com alguma coisa?

— Não. Quero dizer, gostei da noite.

— Eu também. — Ele a fez parar do lado de fora da entrada do prédio.

— Becca, olhe para mim. O que há de errado?

— Nada. — Ela permaneceu olhando para o chão. Os pés dele entraram na sua linha de visão. — Não quero discutir.

— Isso é bom. — Ele segurou sua bochecha, acariciando a mandíbula.

— Nem eu. Especialmente quando não há o que discutir. Há?

Ele inclinou seu queixo para cima.

— Não — ela sussurrou.

Os lábios de Leo se curvaram em um sorriso lento que a fez recuperar o fôlego e depois enrijecer.

— Não — ela repetiu com mais firmeza. — Desde que concordemos que somos dois adultos aqui. Não vou te dizer como viver sua vida e você não me diz como viver a minha.

Por um momento, nenhum dos dois se mexeu. E então, ele assentiu lentamente.

— Entendo.

Não era o mesmo que *concordo com você*, mas ainda parecia uma vitória.

Ele a olhou, seus olhos cintilando no brilho fraco da lâmpada externa. Ela se sentiu impotente para desviar o olhar. Entreabriu os lábios. Seus dedos o alcançaram como que por vontade própria, mesmo quando a beijou.

Ah, sim.

Isso.

Era *isso* que ela queria.

Não importava o quanto ele poderia ser arrogante. Nem o quanto ele podia forçar seus limites.

Era *isso* que ela ansiava. Nada mais importava. Nada mais existia. Apenas esse acúmulo lento de calor, estimulado por cada movimento dos lábios, cada carícia da língua, cada respiração misturada. Ele a envolveu, se sentindo fora de controle como um fogo que atingia uma densa vegetação rasteira, consumindo tudo em seu caminho.

Ela se sentiu desequilibrada, tonta. O chão oscilava embaixo dela. Segurou sua jaqueta em busca de apoio.

Até que ele começou a se afastar, e ela quis protestar. *Não... por favor! Não vá!* Mas não conseguia dizer nada.

Ele não se afastou por completo, apenas o suficiente para permitir que o ar fresco da noite tocasse suas bochechas e pescoço corados.

— Sentiu isso? — ele disse.

Ela estremeceu um pouco.

— O quê?

— O terremoto. Pelo menos, eu acho que foi um.

Em algum lugar distante, uma porta bateu. Um cachorro começou a latir.

Becca suspirou. Que romântico! Aparentemente, o chão realmente se moveu. Não o suficiente para causar algum dano, mas o suficiente para quebrar o clima.

Ela afrouxou o aperto em seu casaco.

— Acho melhor eu entrar.

Ele passou o polegar pelo lábio inferior de Becca e assentiu.

— Não se esqueça... amanhã às quatro.

A testa dela franziu.

— O que...?

— A sua reunião com o Vlad — ele explicou. Já haviam falado sobre isso a caminho do jogo de hóquei. — Sinto muito por não poder estar presente.

— Tudo bem. — Ela procurou as chaves na bolsa. — Tenho certeza de que vai dar tudo certo.

Ele se inclinou para um beijo muito breve antes de soltá-la.

— Boa noite. — Ela deu alguns passos para trás e depois se virou e subiu as escadas para o seu apartamento.

Quando olhou pela janela, viu Leo parado ali, esperando.

Por um momento, Becca achou que tinha errado o endereço.

O homem que abriu a porta parecia um bandido: cabeça raspada, nariz torto, pescoço grosso, músculos fortes e mãos grandes que flexionavam em câmera lenta enquanto a olhava como se ela fosse uma alguém suspeito.

Becca deu um passo involuntário para trás, parando quando um homem mais jovem apareceu atrás do cara durão e colocou a mão no ombro dele.

— *Ne pugai 'yeyo.* — *Não a assuste,* ele disse. Em seguida, ele sorriu e gesticulou para que ela entrasse no apartamento. — Você deve ser a Becca. Não se incomode com o Kolya. Ele tem cara de quem assusta criancinhas, mas na verdade é bem inofensivo.

Kolya bufou e fechou a porta.

— *Vedi sebya.* — *Comporte-se,* ele grunhiu antes de desaparecer pelo corredor.

— Vladislav Snezhinsky — o jovem falou, estendendo a mão. — Mas todo mundo me chama de Vlad.

— Prazer em conhecê-lo, Vlad. — Ela levantou a sacola de lona que havia levado. — Posso colocar isso na cozinha?

— O que é?

— Amostras. — Ao ver a expressão de Vlad, ela esclareceu — Caixas de doces em miniatura. Não sei o quanto seu irmão lhe contou sobre o motivo de eu estar aqui...

— Ah, os famosos doces. — Ele sorriu. — Venha.

Ela o seguiu e ofegou ao ver pela primeira vez a grande cozinha iluminada com metros de bancada de granito e aparelhos de aço inoxidável reluzentes. Havia algo como inveja de uma cozinha? As coisas que ela poderia fazer se tivesse espaço assim à sua disposição...

A voz de Vlad a fez lembrar da reunião.

— É sua primeira vez aqui?

— Sim. — Ela foi para a imensa ilha e desempacotou meia dúzia de caixas de doces que havia arrumado cuidadosamente pela manhã.

Vlad a observou em silêncio.

Ela abriu e arrumou as caixas, depois olhou para ele que estava encarando seu decote. *Sério?* Ela cruzou os braços.

— Estou aqui em cima, Vlad.

Ele a olhou com um sorriso abusado.

— Desculpe. Como você quer fazer isso?

— Por que não começamos com um chá ou café? — ela sugeriu.

— Tudo bem. As xícaras estão ali. — Ele acenou de forma vaga em direção a uma fileira de armários suspensos. — Vou ferver um pouco de água.

Ela procurou até encontrar as xícaras, pratos, uma caixa de Earl Gray e uma gaveta com talheres variados. Considerando todo o espaço de armazenamento e comodidades disponíveis, os armários estavam bem vazios. Por outro lado, quanto tempo Leo tinha para passar em casa, dadas as demandas da sua carreira?

Quarenta minutos depois, Vlad limpou os lábios e se recostou na cadeira com um suspiro.

— Não acredito que você fez isso do zero.

Ele havia demonstrado seu apreço de várias formas entre pedaços de bolo de cenoura umedecidos com uma pitada de manteiga e leite com baixo teor de gordura em vez de óleo, biscoitos de aveia feitos com molho de maçã, merengues de framboesa que eram leves como flocos de neve e derretiam na língua.

— Esse é o ponto — ela falou. — Estão frescos.

— E deveriam ser saudáveis?

— Uma alternativa mais saudável à maioria das sobremesas por aí que contêm toneladas de gordura, açúcar e conservantes.

Ele colocou um braço sobre o encosto da cadeira e se virou para encará-la.

— Você está falando sério sobre iniciar este negócio?

— Já saí do emprego — ela falou. — Meu futuro financeiro depende de tornar esse negócio um sucesso.

Ele a observou com os olhos semicerrados.

— Posso ser sincero?

Ela assentiu.

— Meu irmão parece pensar que você tem uma boa ideia e, obviamente, sabe fazer os doces. Mas há mais na construção de um negócio do que apenas saber como criar um produto.

— Sei disso.

— E, sem ofensas, mas não posso me dar ao luxo de investir dinheiro por capricho ou por causa de outra pessoa. Amo meu irmão. Acho que ele é um cara legal. Inteligente e dedicado. Um baita médico. Mas ele não é um homem de negócios. E não vou simplesmente dar um dinheirão para que ele possa continuar... desfrutando da sua companhia.

O quê? Ela respirou fundo, incapaz de expressar seu choque sobre o que ele havia acabado de sugerir. Era isso que ele pensava?

Empurrando a cadeira para trás, ela se levantou e pegou a bolsa. Dentro, estava a pasta com o plano de negócios cuidadosamente detalhado, projeções financeiras, menu provisório e ideias preliminares para o site.

— Isso foi um erro — falou.

Ele a seguiu para fora da cozinha.

— Aonde você vai?

— Para casa.

— Se você quer dar as costas e fugir ao primeiro sinal de adversidade, não deveria tentar fazer negócios.

Ela se virou para encará-lo.

— Não estou fugindo. Estou simplesmente tomando uma decisão sobre quem eu quero ou não envolvido nos meus negócios. Não pedi a porcaria da sua ajuda...

— É mesmo?

— ... e também não pedi a ajuda do seu irmão. Foi ideia do Leo que eu viesse aqui e falasse com você. Mas sabe de uma coisa? Vou me sair bem sozinha. Sei trabalhar duro. Pesquisei, analisei os números, descobri exatamente o que eu precisava e como conseguir. As receitas, o site, as licenças. Posso até cuidar dos custos iniciais e não me sobrecarregar. Então, francamente, não tenho certeza do que ainda estou fazendo aqui, falando com você.

Ela se virou e caminhou em direção à porta.

Vlad chegou primeiro, bloqueando o seu caminho.

— Tudo bem — ele falou. — Sinto muito.

— Certo. Está desculpado. *Agora* posso ir?

Ele não se mexeu.

— Me escute antes.

— Já ouvi o suficiente. Não estou interessada.

— Espere. Eu só estava testando sua coragem. Que tal se sentar e conversar de verdade?

Ela apertou a alça da bolsa.

— Você estava me testando?

— Sim. Por favor... — ele tocou seu braço. — ...dez minutos. Depois disso, se você ainda não estiver interessada, te acompanharei até lá embaixo.

Ela o observou, tentando avaliar sua sinceridade.

— Cinco minutos — ela disse. — Seja rápido.

Ela o deteve quando ele chegou na parte de terem cerca de dez funcionários.

— Espere — ela falou. — Você não tem um MBA de uma das melhores escolas de negócios do mundo?

— Wharton. Mas como...?

Ela dispensou a surpresa dele com um aceno impaciente de mão.

— O Leo se rasgou em elogios a você. De toda forma, por que você não arranja um emprego e deixa que a empresa se responsabilize pelo seu visto?

— Porque eu preciso tirar meus irmãos da Rússia também. E a fila para vistos de imigração baseada em parentesco pode durar uns quinze anos ou mais.

Foi a vez dela de se surpreender.

— Não sabia que você e o Leo tinham outros irmãos.

— *Papa* gostava de se manter ocupado — Vlad explicou. — Somos quatro. Leo, Dmitri, eu e Emilia. Além disso, tem outro garoto a caminho...

— Ele parou. — Esqueça que falei isso. O Leo não sabe, e prefiro não ser eu a contar.

— Por quê?

Vlad se remexeu na cadeira.

— O Leo é um pouco... antiquado. Ele acha que um homem deve se casar primeiro e *depois* ter filhos.

— Não há nada de errado nisso — Becca falou e, em seguida, corou sob o olhar afiado de Vlad. — Quero dizer, se você gosta desse tipo de coisa.

— Que tipo de coisa? Casamento? Ou bebês?

— Os dois. — Ela fez uma careta. — Obviamente, não é para todos. Ele levantou uma sobrancelha.

— E você, Becca? Está interessada nessas coisas?

Ela cruzou os braços e olhou para ele.

— Isso é uma proposta? Assim você pode conseguir um *green card* com facilidade?

— Casamento por um *green card*? — Ele riu e balançou a cabeça. — Obrigado, mas, não. E acredite, não estou tentando te insultar. Você parece uma pessoa legal e meu irmão gosta de você. Mas consigo pensar em uma dúzia de maneiras mais fáceis de conseguir um *green card*.

— Como aplicar um milhão de dólares como garantia?

— Tipo isso. Então, o que acha de voltarmos a discutir seu plano de negócios?

Becca suspirou.

— Não sei, Vlad. Eu adoraria ajudá-lo, mas...

— Estaríamos nos ajudando — ressaltou.

— Não posso. É demais. Não preciso de dez funcionários.

— Na verdade, nove já é o suficiente — ele falou. — Já que o décimo emprego seria seu. CEO e presidente da Beijinhos da Becca. O que acha?

Ela balançou a cabeça.

— Eu *nem* preciso de funcionários no começo. O ponto principal é começar pequeno para que eu possa fazer tudo sozinha, aprender o necessário e expandir os gradualmente. Talvez, mais pra frente, eu terceirize coisas como marketing ou até contrate um assistente ou alguém para me ajudar a cozinhar. Tudo vai depender de como as coisas caminharão.

Vlad olhou para ela.

— Não entendo por que você quer fazer as coisas em pequena escala quando tem a oportunidade de fazê-las de maneira muito maior.

Becca se inclinou o suficiente para estender a mão e apoiar no antebraço dele.

— Eu trabalhava dezesseis, dezoito horas por dia, Vlad. Era uma boa hacker, mas odiava.

— Você era hacker?

— O título oficial era engenheira de software sênior.

— E agora você quer ser *confeiteira*?

— Sim — ela respondeu, se irritando com o quanto essa conversa estava começando a soar familiar. Aparentemente, Vlad tinha mais em comum com o irmão mais velho que apenas aparência. Ela resistiu à tentação de simplesmente se levantar e sair.

Vlad não parecia reconhecer que estava entrando em águas perigosas.

— Se você acha que seus dias serão mais curtos administrando uma pequena empresa — ele falou —, vai se decepcionar.

Ela rangeu os dentes.

— Talvez. Mas pelo menos estarei no controle. Se eu começar a sentir que estou indo muito rápido, posso desacelerar. Essa é a beleza de se trabalhar por conta própria.

A risada de Becca foi a primeira coisa que Leo ouviu ao entrar no apartamento. Ele sorriu e tirou os sapatos.

Um aroma divino vindo da cozinha fez seu estômago roncar, lembrando-o de que ele não havia almoçado. Trabalhou direto durante a tarde, esperando sair da clínica na hora pela primeira vez. E ele teria conseguido se não fosse uma visita inesperada do diretor de recursos humanos.

Aparentemente, uma queixa havia sido registrada contra John Hunter, alegando assédio sexual a vários membros da equipe, e uma investigação estava em andamento. Leo não tinha dúvida de que o processo seguiria seu curso. E, embora o resultado não fosse garantido, ele não achava que o homem teria muito futuro com o grupo de professores do hospital universitário.

Jogando o paletó sobre a cadeira mais próxima, Leo foi para a cozinha. Foi aí que ele os viu: a cabeça de Becca se inclinou para perto dos cabelos loiros de Vlad enquanto eles espiavam o forno. O ciúme o pegou de surpresa.

— Como sabe que eles não estão prontos? — Vlad perguntou.

— Precisa ficar dourado — Becca explicou. — Espere mais um minuto ou dois.

— Foi o que você disse da última vez. — Vlad se endireitou e avistou Leo na porta. — Ah, aí está você. A Becca está me ensinando a cozinhar.

— É mesmo? — Leo perguntou.

Ela se virou e sorriu quando ele se aproximou.

— Kolya foi comprar os mantimentos. O jantar está quase pronto. Se quiser lavar a louça e ajudar a arrumar a mesa...

— Em um minuto. — Leo colocou a mão em seu quadril e a puxou para um beijo profundo que não deixou dúvidas sobre o que ele realmente queria.

O desejo súbito de marcá-la como sua e, portanto, fora dos limites para qualquer outro homem nas proximidades – inclusive o irmão – rapidamente se transformou em um abraço abrasador que queimava os restos de qualquer autocontrole que ele tinha. Vagamente, ele sentiu o afundar das unhas através de sua camisa, a pressão da pélvis contra a sua e o som de risadas ao fundo.

O que, finalmente, o fez voltar ao presente foi o estrondo de um alarme de incêndio e o cheiro de fumaça saindo do forno.

— Ah. — As pálpebras de Becca tremeram, e então ela franziu o nariz dela. — *Ah!*

Vlad abriu a porta do forno e enfiou a mão no interior.

Seu xingamento pareceu estimular Becca a entrar em ação. Ela pegou um pano de prato e empurrou Vlad do caminho, resgatando a bandeja de pãezinhos queimados. Pelo menos, Leo achava que era isso.

— *Chto sluchilos? O que houve?*

Leo olhou para a porta, onde o guarda-costas estava franzindo a testa.

— Abra as janelas. — Ele disse em russo. — Agora. E você — ele apontou para Vlad —, coloque a mão na água fria.

Sem esperar para ver se suas ordens estavam sendo seguidas, Leo pegou a cadeira mais próxima e posicionou-a sob o alarme. Cinco segundos depois, ele desarmou o aparelhinho. O barulho parou.

A fumaça começou a diminuir. Leo pulou da cadeira e foi até a pia.

— Sinto muito, Vlad — Becca falou, jogando os restos queimados no lixo. — Como está sua mão?

— Doendo pra caralho.

Leo deu uma cotovelada nas costelas do rapaz.

— Comporte-se. — Em seguida, olhou para os dedos do irmão. — Me deixe ver.

Vlad desligou a água e mostrou a queimadura. Já estava começando a formar bolhas.

— Sinto muito — Becca repetiu, se aproximando do outro lado. — Isso não deveria fazer parte da aula de culinária.

Vlad se afastou de Leo.

— O que está tentando fazer, piorar as coisas?

O guarda-costas voltou.

— *Nuzhna pomosch? Precisa de ajuda?*

— Uma tigela de água gelada — Leo disse a ele e depois se virou para Vlad. — Mais dez, quinze minutos de imersão e vamos enfaixá-lo. Não se preocupe. Vai *svad'biy zazhivvyot*. Vai ficar tudo bem.

Enquanto Vlad cuidava da mão na sala de estar, com a TV alta para distraí-lo, Becca olhou em volta.

— Talvez seja melhor eu ir embora — ela falou. — Está quase tudo pronto.

— Não. Por favor, fique. — Leo abraçou sua cintura por trás e apoiou a bochecha na têmpora dela. — Vamos jantar, depois você me conta como foi a reunião, tá?

— O jantar deveria ser uma oferta de paz. Agora... — Ela parou.

— Nada mudou — ele disse, afastando temporariamente sua preocupação com a curiosa escolha de palavras dela. Eles conversariam a esse respeito. Mais tarde. No momento, ele tinha algo mais convincente para fazer. E esperava que Vlad e Kolya ficassem fora da cozinha.

Becca apoiou as mãos sobre as dele.

— Mas o Vlad...

— Vai ficar bem. — Ele acariciou sua orelha, apertando o lóbulo. — Vamos, Becca. Diga que você vai ficar.

Ele podia sentir sua resistência enfraquecendo. Seu corpo relaxou um pouco, mesmo quando o dele endureceu. Um apertão não tão sutil em seu bumbum a fez suspirar.

— Foi isso que nos causou problemas — ela falou, inclinando a cabeça quando ele deu beijinhos em seu pescoço.

— Diga que você vai ficar — ele repetiu.

Ela disse.

Juntos, eles arrumaram a mesa. Becca fez a salada e preparou o prato principal.

Entre as idas e vindas da cozinha para a sala de jantar, eles trocaram beijos suaves e toques persistentes que elevaram a tensão sexual a alturas quase insuportáveis.

Graças a Deus pelas toalhas de mesa. Ele não tinha certeza de como teria sobrevivido sem ela, com seu irmão e um silencioso Kolya à mesa.

Durante o jantar, ele ouviu distraído Becca e Vlad conversarem sobre lugares para visitar na Califórnia. Só quando Vlad mencionou dirigir até San Francisco, Leo voltou toda a atenção para a conversa.

— Espere — ele falou, pousando o garfo. — Você vai embora?

Vlad assentiu.

— Em um dia ou dois.

— Mas... e quanto a ajudar Becca?

Vlad olhou para ela com as sobrancelhas levantadas.

— Não contou a ele?

Ela corou.

— Ficamos... distraídos.

— Me contou o quê? — Leo perguntou.

Becca arrumou o guardanapo.

— Decidimos que meus planos não se alinham realmente às necessidades de Vlad. Então liguei para a Anna, e ela conhece um professor em Berkeley que está montando uma *startup*. Para encurtar a história, Vlad vai encontrá-lo na sexta-feira.

Vlad levantou o copo.

— Então, que tal bebermos à novas oportunidades?

Leo piscou. Vlad estava indo embora?

Claro, estava feliz pelo irmão. Ele desejava o melhor para Vlad e esperava que isso se transformasse na oportunidade necessária para iniciar o processo de imigração.

Mas ele se acostumou com a presença do rapaz e sentiria falta de tê-lo por perto.

E então, outro pensamento surgiu. Um egoísta. Com Vlad e o guarda-costas indo embora, Leo teria seu apartamento de volta. E com isso, ele e Becca teriam bastante privacidade. Nada de beijos furtivos. Nada de interrupções. Não teriam mais a pressão para limitar o sexo a um determinado local e horário.

Eles poderiam levar um tempo explorando o corpo um do outro. Imaginou acordar Becca com beijos longos e vagarosos. Fazer amor com ela em sua cama. Adormecer com seus corpos ainda unidos e seus braços a envolvendo.

Sentiu a antecipação o atingir.

Olhando nos olhos de Becca, ele sorriu e levantou o copo.
— Às novas oportunidades.

No trabalho, os colegas de Becca fizeram uma festa de despedida.

Era oficial: estava desempregada.

Ou melhor, se tornou *autônoma*. Estava embarcando em um novo empreendimento empolgante, onde qualquer gratificação e sucesso que ela alcançasse estava diretamente em suas mãos.

Era hora de parar de sonhar e começar a trabalhar.

Participou do curso online de certificação exigido pelo Estado para quem manipulava alimentos. Uma ida ao escritório da secretaria do condado lhe rendeu uma licença comercial. Agendar a inspeção em sua cozinha por alguém do departamento de saúde demorou um pouco mais. Enquanto esperava, trabalhou em seu site e agendou uma reunião com a cunhada de Eva, Grace.

As duas se deram bem imediatamente. Juntas, encheram o carro de Grace com todos os doces que Becca havia feito nos últimos dias e foram até a clínica sem fins lucrativos em Crenshaw que Grace ajudava a administrar. Ocupava um prédio pequeno e velho que também abrigava os escritórios administrativos da organização, que operava uma série de abrigos para mulheres e crianças, fornecia assistência emergencial e intervenção em crises, além de oferecer treinamento, moradia transitória ou a longo prazo e serviços de recolocação de emprego a vítimas de violência doméstica.

A diretora do programa aceitou as doações de alimentos e conseguiu convencer Becca a se voluntariar algumas vezes por mês como instrutora de informática no centro vocacional.

— E depois que começar sua empresa — a mulher continuou — talvez você consiga contratar alguns dos nossos alunos. Eles são motivados e ansiosos para aprender, e Deus sabe que seria muito útil terem uma mãozinha para voltar ao mercado de trabalho.

Becca não contou isso para Leo, racionalizando que como não tinha ido sozinha, não havia necessidade de perturbá-lo. Quanto ao resto... sua primeira aula não aconteceria em semanas. Teria tempo de sobra para terem essa conversa. Supondo que os dois estivessem juntos até lá.

O pensamento a fez parar.

Com a partida de Vlad, ela passava cada vez mais tempo na casa de Leo. Às vezes, eles começavam com o jantar e depois o abandonavam no meio do caminho. Outras, eles nem se incomodavam com a comida. Qualquer superfície plana que estivesse por perto servia: o sofá, o balcão da cozinha, a parede. Eventualmente, eles chegavam à cama.

E ali, depois do sexo, naqueles momentos tranquilos entre o descanso e o sono, ela se via procurando desculpas para ficar onde estava, envolvida nos braços dele. Em vez de fazer o que deveria, que era se levantar, se vestir e ir para casa. Pelo menos para manter a ideia de que o que estava acontecendo entre eles ainda era casual.

Não ajudava que ele murmurasse em protesto quando — e se — ela tentasse se afastar.

— Não vá — ele sussurrava. Em seguida, acariciava seu pescoço, beijava seu ombro ou passava as pontas dos dedos pelo seu quadril, e ela se derretia e se aconchegava ao corpo dele. E assim, nenhum dos dois dormia por um tempo.

Com maior frequência, ela passava a noite na casa dele. E de manhã, em vez de sair em silêncio antes que ele acordasse, ela o observava enquanto ele dormia, tentando descobrir o que havia naquele homem que ela achava tão atraente.

Seriam os cílios loiros, que eram longos o suficiente para despertar a inveja de qualquer mulher? A barba de dois dias por fazer parecia surpreendentemente erótica quando ele roçava a mandíbula na pele delicada da parte interna da sua coxa e a lambia lentamente até chegar no seu ápice? Ou seria os músculos duros que flexionavam e enrijeciam sob seu toque cada vez que ele se enterrava dentro dela?

Ah, sim. Tudo isso e mais.

Muito mais.

Além da sua aparência e do sexo, havia o jeito que ele a ouvia, se concentrando em Becca e no que ela estava dizendo em vez das cento e uma outras coisas que competiam por sua atenção. E a maneira como ele a observava, com os olhos cheios de luxúria, ternura e algo mais, algo que a despojava de todas as defesas, todas as resistências.

Isso a assustava.

Ela não podia fazer isso. Não podia permitir que alguém tivesse tanto controle sobre ela. Estava na hora de recuar. Precisava colocar um pouco de distância entre eles e recuperar a perspectiva.

A ajuda veio de uma fonte inesperada: o relatório final do inspetor de saúde sobre a cozinha da sua casa. Nele, o inspetor relacionou várias violações que exigiam reparação. A menos que ela quisesse se limitar a uma autorização de operação para comida caseira, que restringiria suas vendas brutas a cinquenta mil dólares ao ano, Becca precisava cumprir os padrões mais rigorosos de um estabelecimento varejista de alimentos. O que significava que, além da pia que já possuía, precisava instalar mais duas a fim de acomodar estações separadas para lavar as mãos, preparar a comida e lavar a louça. Também precisava trocar o exaustor e providenciar um mais refrigerador.

Em outras palavras, o apartamento que alugou não serviria. Ou ela teria que alugar uma cozinha industrial, o que neste momento seria muito caro, ou teria que se mudar.

Uma breve conversa ao telefone com Nina, que a ajudou na busca por apartamentos anteriormente, reduziu ainda mais suas opções. A única maneira de Becca poder pagar um imóvel que também tivesse cozinhas adequadas era se ela buscasse fora de Los Angeles

— Posso conseguir um bom negócio para você em um apartamento de dois ou três quartos no Valley — Nina falou, citando um aluguel muito abaixo do valor que ela havia mencionado para qualquer um dos bairros perto de onde Becca morava. — O proprietário anterior era chef, então você teria o mais próximo possível de uma cozinha industrial em uma residência.

Becca hesitou.

— Ainda não tenho certeza de que estou pronta para comprar. Você acha que o vendedor consideraria alugá-lo?

Nina prometeu retornar com uma resposta.

A mãe de Becca acolheu a ideia com mais entusiasmo.

— Você está investindo no seu próprio negócio agora — Susan falou enquanto almoçavam na pequena varanda. — Tem que fazer o que for preciso para correr atrás dos seus sonhos.

Becca afastou o prato.

— E quanto a você?

— Estou trabalhando nisso — Susan falou. — Ainda tenho um longo caminho a percorrer antes de me formar.

— O que eu quis dizer foi: se eu me mudar, você vem comigo?

Susan balançou a cabeça.

— Ah, não. Não me entenda mal, agradeço que você tenha me recebido e me ajudado a me reerguer. E sou grata por termos tido a chance de passar algum tempo juntas. Mas se você não se importar, prefiro ficar aqui. Posso assumir o seu contrato. A localização é perfeita para mim. A faculdade fica nas proximidades e tudo o que eu preciso fica a apenas cinco ou dez minutos de carro.

Becca olhou para ela. Era a mãe que estava falando? A mesma mulher que há apenas algumas semanas parecia tão derrotada e com medo de fazer alguma coisa sozinha?

— Tem certeza? — Becca perguntou.

— Claro. Vou ficar bem — Susan sorriu, estendendo a mão para apertar a de Becca. — Tenho uma filha maravilhosa. E uma ótima advogada.

Becca piscou. Advogada? O que isso tinha a ver?

Até que a ficha caiu. Graças à mulher que estava lidando com o divórcio, Susan estava batalhando um acordo financeiro muito maior do que o previsto. E, embora o acordo final pudesse levar meses ou até anos para se concretizar, a promessa de segurança financeira significava que ela não precisava mais depender do apoio de Becca. Não era de admirar que ela estivesse tão segura de si.

Becca suspirou. Ela desejava ter metade da confiança recém-descoberta da mãe. A perspectiva de se mudar pela segunda vez em um espaço tão curto não era atraente, especialmente quando parecia que ela estava começando a se instalar.

Por outro lado, precisava de uma cozinha maior e mais bem equipada para a Beijinhos da Becca. E não havia nada que a mantivesse em Los Angeles. Não tinha mais o trabalho de dez anos. O relacionamento que durou seis anos com John havia acabado.

E Leo....

Seu cérebro parou por um momento.

Era estupidez se deixar influenciar por algo que ela nem tinha certeza de que queria. Ou — se fosse completamente honesta — que estava com medo de querer.

— Vai se mudar para o *Valley*? — Leo perguntou, se sentando de forma tão abrupta que a tirou da posição em que estava depois que fizeram amor, aconchegada a ele e com a cabeça apoiada no seu ombro.

Becca se sentou mais devagar, puxando o lençol sobre o peito e prendendo-o debaixo dos braços. Ela não esperava que ele reagisse com tanta indignação. Ou talvez estivesse esperando. Talvez estivesse, de forma subconsciente, procurando uma briga.

— Não está fechado ainda — ela falou. — O proprietário pode querer vender em vez de alugar. Ainda estou esperando notícias da Nina.

— Não posso acreditar. — Ele se levantou e vestiu a calça jeans que havia tirado há menos de uma hora. — Sabe quanto tempo leva para dirigir daqui até o *Valley*? Uma hora. E isso se não tiver trânsito.

Ela levou os joelhos até o peito e abraçou as pernas.

— Eu sei.

— Entre o meu horário de trabalho e o seu, não vamos conseguir nos ver. Especialmente porque você insiste em cuidar de tudo sozinha.

Ela fez uma careta.

— O que isso deveria significar?

— O Vlad me contou como foi a reunião de vocês. — Ele procurou uma camiseta nova e a vestiu. — Foi você quem recusou a oferta e não o contrário. Se você tivesse aceitado a ajuda dele, teria o capital de giro e recursos humanos necessários para fazer as coisas. Mas em vez disso, está trabalhando como louca e fazendo tudo sozinha.

Ela não podia acreditar. Leo estava colocando a culpa de tudo isso nela?

— Você quer falar sobre trabalhar como louco? — Ela saiu da cama, arrastando o lençol consigo. — Olhe para si mesmo. Você quase nunca está em casa antes das oito. Está de plantão a cada quatro noites, o que significa que não consigo te ver nesses dias, porque você acaba ficando no hospital...

— Você sabia como eram os meus horários desde o início, Becca. É a mesma carga horária que o John cumpria e você não teve problema com isso durante seis anos.

— Bem, você não é o John...

— Com certeza, não.

— E *eu* também não sou a mesma pessoa que era quando estava com ele. — Ela chutou os lençóis do caminho e começou a juntar suas roupas.

— Nunca mais vou fazer vista grossa e nem serei mais a única a me comprometer.

— Não estou te pedindo para fazer vista grossa. — Leo deu a volta na cama e puxou a roupa das mãos dela, aproveitando o fato de que ela não podia resistir sem perder o lençol. Ele colocou a pilha em cima da cama e se virou para encará-la.

— Leo...

— Becca, seja razoável. — Ele passou as mãos nos braços dela, puxando-a até que ela ficou colada ao seu corpo. Fechou os olhos e respirou fundo, sentindo uma pontada cítrica e de especiarias, misturadas com o aroma fresco do amaciante.

— Faz quatro anos que terminei a residência — ele falou, roçando os lábios em sua têmpora. — A minha carreira está começando a decolar. Ainda não posso reduzir meu horário ou ditar minha agenda. Em alguns anos, talvez, mas não agora. E com certeza não consigo me mudar para o meio do nada. Preciso estar perto do hospital — pelo menos a uns trinta minutos de carro, de acordo com o meu contrato. No final do ano, quando os residentes e demais colegas tiverem mais experiência, posso ficar de sobreaviso em casa, mas ainda assim, tenho que chegar rapidamente à sala de operação se necessário.

Os dedos dele acariciaram a pele exposta de seu ombro e a parte superior das costas. Becca estremeceu.

— Não é para sempre — ele continuou. — Mas, por enquanto, preciso estar aqui e estar acessível. Você entende?

Ela suspirou.

— Sim.

— Ótimo. Então está resolvido. Ligue para a Nina e diga a ela que não está interessada.

— Espere... *o quê?* — Ela se afastou, segurando o lençol. — Não vou fazer isso.

— Mas nós concordamos.

— Não, nós não concordamos.

— Becca, *zlotka... querida.*

— Não me venha com *zlotka*.

— Tudo bem, se acalme. Só me responda: por que o Valley? Você pode abrir uma empresa em qualquer lugar. Tudo que você precisa é de um forno e um site.

— Não posso ter um “forno e um site” adequados no Westside.

— Então venha morar comigo. Este lugar é grande o suficiente para nós dois... *e para essa porcaria de empresa.*

Ela abriu a boca.

— *Porcaria de empresa?*

Ele estremeceu.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Então o que você quis dizer? — ela perguntou. — Porque me pareceu bastante desdenhoso.

— Becca, vamos lá, você está extrapolando.

— Não, acho que não. — Ela semicerrou os olhos quando um pensamento repentino a atingiu. — Você tem agido de forma complacente comigo o tempo todo, não é? Você acha que o que estou fazendo é uma piada. Como se fosse só uma fase.

— Eu não disse isso.

— Nem precisava. — Ela pegou a ponta do lençol e a jogou por cima do ombro como se fosse uma toga. Pegou as roupas da cama e foi para o banheiro.

— Becca...

Ela não diminuiu a velocidade até entrar, fechar a porta e trancá-la. Em seguida, deslizou para o chão, abraçando as roupas.

— Becca?

Ela ignorou a voz abafada e as batidas.

— Becca, me desculpe. — Houve um breve silêncio — Você está bem?

Não. Ela engoliu a palavra e apoiou a testa nos joelhos, fechando os olhos para conter o fluxo de lágrimas. Não deu certo. Elas continuavam escorrendo pelas pálpebras fechadas e umedecendo o lençol.

Por que não tinha visto isso antes? Naquele dia em que contou que estava saindo do emprego para abrir uma confeitaria online, aquilo já estava ali, tão claro quanto um erro fatal no computador antes que aparecesse a tela azul.

Ela deveria ter prestado atenção.

Você tem um diploma em ciência da computação, ele disse. Qualquer um pode fazer doces. Nem todo mundo pode escrever código de computador.

As palavras ecoaram em sua cabeça.

Qualquer um pode fazer doces.

Cinco palavrinhas repletas de desdém.

Qualquer um pode fazer doces.

Era sua culpa tê-lo deixado se aproximar demais. Devia ter seguido o seu plano original. Sexo sem compromisso. Sem expectativas. Apenas prazer.

Em vez disso, mergulhou nas emoções confusas. Ele a fisgou com sua inteligência e charme, e depois a envolveu com bondade. Mesmo agora, ela não conseguia deixar de se lembrar da paciência que ele demonstrou com sua mãe, do esforço que ele havia dedicado a ajudá-la, a preocupação genuína e generosidade com que tratou o irmão.

Como um homem assim podia ser tão... tacanho e egoísta? E tão errado?

— Becca, por favor...

Ela limpou as bochechas e respirou fundo. Estava na hora de se vestir e ir para casa.

Dez minutos depois, ela abriu a porta. Quase desabou de novo ao vê-lo sentado na beirada da cama, com os cotovelos apoiados nas coxas e a cabeça baixa e aninhada nas mãos.

Ele olhou para cima e depois se levantou lentamente.

— Sinto muito. Não quis te magoar.

Ela desviou o olhar, endurecendo contra a atração daqueles olhos verdes atordoados.

— Também sinto.

— Podemos conversar?

— Está tarde — ela disse. — E acho que já dissemos o suficiente por hoje.

Ele a seguiu para fora do quarto, pelo corredor e para a sala onde ela tinha deixado os sapatos e bolsa.

— Vou te levar para casa.

— Não há necessidade. — Ela se calçou. — Meu carro está lá embaixo.

— Então vou te acompanhar até lá.

Ela pegou a bolsa. Não valia a pena discutir.

Eles esperaram o elevador em silêncio.

— Sinto muito — ele disse novamente no caminho. — Falei sem pensar. Quero que você seja feliz. Quero que sejamos felizes juntos.

— Como podemos ser felizes juntos — ela respondeu, mantendo os olhos grudados no visor acima da porta —, se você não respeita o que eu faço?

A hesitação dele durou um pouco demais.

As portas se abriram e ela saiu.

Ele correu atrás dela, segurando seu braço.

— Becca, ouça...

Ela se livrou do seu aperto e aumentou o ritmo, desejando ter estacionado mais perto.

— Não tive a intenção de te insultar — ele falou. — A última coisa que eu gostaria de fazer é te magoar. Eu te amo.

Ela tropeçou. Sua bolsa caiu no chão.

— O quê?

— Eu te amo — ele repetiu baixinho.

Dessa vez, quando ele a tocou, ela não se afastou. Ficou parada, quase sem conseguir respirar enquanto o polegar dele roçava sua bochecha.

Ele a amava?

As feições dele ficaram borradas e ela percebeu que estava chorando de novo.

— Becca... — Ele a abraçou, e ela apertou sua camisa, enterrando o rosto no seu pescoço.

Ele a amava.

Uma sensação feroz de desejo a percorreu. Ela estremeceu.

Quando isso aconteceu? Como?

Uma brisa leve agitou seus cabelos e arrepiou a pele de seus braços. Ela pensou no que ele havia dito antes e no que ele não havia dito.

Talvez ele a amasse. E talvez ela o amasse.

Mas o amor sem respeito não era suficiente.

Ela fungou e forçou os dedos a relaxarem, soltando a camisa. Por um momento, apoiou a palma da mão no peito dele, sentindo a batida forte e constante do seu coração. E então ela endireitou a coluna.

— Preciso ir.

Os braços dele a apertaram.

— Becca...

— Não. Por favor. — Ela empurrou seu peito e deu um passo para trás, forçando-o a soltá-la. — Preciso de um tempo.

— Quanto tempo?

Ela olhou em volta, viu a bolsa no chão e a pegou.

— Não sei.

Ele a observou com uma expressão sombria. Em seguida, assentiu.

— Tudo bem. Te ligo amanhã.

Mas no dia seguinte, o inferno explodiu. E quaisquer que fossem as intenções que ele pudesse ter, se perderam em meio ao caos que se seguiu.

A notícia chegou às duas da tarde de sexta-feira.

Becca tinha acabado de pegar uma caixa de formas de alumínio de um fornecedor de equipamentos usados para restaurantes e estava voltando para casa pela I-10. No meio da Nona Sinfonia de Mahler, a transmissão da rádio foi interrompida por um boletim de notícias de última hora.

— Acabamos de receber a notícia de que houve um tiroteio em Westwood, no campus da UCLA — o locutor falou. — Informações preliminares indicam que o incidente ocorreu no prédio de Ciências Matemáticas logo após a uma da tarde.

Jesus. O prédio de Ciências Matemáticas? Era ali que Anna trabalhava. E o pai de Becca também.

Ela aumentou o volume.

— O campus está fechado e a polícia bloqueou as ruas vizinhas enquanto a busca pelo suspeito continua. Um porta-voz da polícia de Los Angeles disse que o suspeito está agindo sozinho. Ele foi descrito como um homem branco ou hispânico, com idade entre dezoito e trinta anos, cerca de um metro e oitenta, fortemente armado e usando roupas pretas. Segundo a equipe de emergência que está no local, pelo menos seis pessoas estão mortas e treze feridas. Fique ligado na KUSC para saber mais informações.

Com os nós dos dedos brancos, Becca parou na saída mais próxima e começou a ligar.

O celular de Anna foi diretamente para a caixa postal. Becca não teve sorte com o telefone do trabalho ou o de casa.

Depois, tentou o pai. Ele atendeu no segundo toque.

— Pai! Você está bem. Graças a Deus.

— Rebecca? — Ela podia ouvir a surpresa na voz dele.

— Onde você está? — ela perguntou.

— Em casa. Por quê?

— A UCLA está bloqueada. Não consigo falar com a Anna.

— Bloqueada? Do que você está falando? Eu estive lá hoje de manhã.

— Houve um tiroteio...

— O quê? Não, espere. Ao fundo, ela pôde ouvir o som de uma televisão. Menos de um minuto depois, ele estava de volta. — Cristo, está

no noticiário. Você não está no campus, está? E a sua mãe... ela está bem?

— Sim. — A pergunta sequer lhe ocorreu. Susan não tinha motivos para estar em qualquer lugar perto de Westwood desde que deixou o marido e foi morar com Becca. Mas não faria mal se certificar. Becca ligaria para ela assim que desligasse o telefone com o pai. — Ouça, pai, a Anna não está atendendo ao telefone. Você tem alguém para quem possa ligar, alguém que ainda possa estar no prédio?

— Estamos nas férias de verão. Duvido muito. Mas me deixe ver o que consigo e te retorno.

Foi a conversa mais razoável que ela teve com o pai em um bom tempo. Provavelmente porque essa crise em particular não era algo que ele pudesse culpar Becca ou a mãe. Ou estava sendo dura demais? Afinal, ele expressou preocupação com a segurança delas. Será que ele estava amolecendo? Lamentando transgressões passadas? Ou era apenas uma aberração temporária em seu comportamento provocada pelo choque?

Seja qual fosse o caso, qualquer reflexão adicional sobre as motivações do pai teria que esperar.

Depois de garantir que a mãe estava segura em casa, Becca mudou de estação no rádio até encontrar uma de notícias que fazia cobertura ao vivo da cena do crime. Voltando para a estrada, ela foi para o campus.

O mais próximo que chegou foi Tiverton, ao sul do antigo complexo hospitalar. Demorou uma eternidade para encontrar uma vaga. Várias ruas estavam bloqueadas. Vans de emissoras e equipes de filmagem estavam por toda parte. Multidões entupiam as calçadas e se espalhavam pelas ruas em volta das barricadas da polícia.

O telefone de Becca tocou. Era a irmã mais nova de Anna, Klara, ligando de São Francisco. As notícias já haviam chegado por lá e ela estava histérica. Becca tentou acalmá-la e lhe dar garantias, apesar do seu próprio nervosismo e preocupação crescente diante da falta de informações.

As próximas horas se arrastaram. Ela pensou em ligar para Leo. Sem dúvidas, ele ainda estava no trabalho. Mas qual era o objetivo? Se ele não estivesse ciente do que estava acontecendo, ela não queria ser a responsável por deixá-lo preocupado. E se ele soubesse, era improvável que tivesse mais notícias.

Continuou tentando entrar em contato com Anna por telefone, ficando cada vez mais ansiosa.

Quando o bloqueio foi finalmente suspenso, ela foi para o prédio onde ficava o escritório da amiga, mas encontrou o lugar isolado com a fita amarela da polícia. Repórteres e suas equipes estavam por ali, atualizando os telespectadores.

Sete mortos, incluindo o atirador. Treze feridos. Dois ainda desaparecidos.

Um policial que fazia guarda diante de uma das portas balançou a cabeça.

— Desculpe, senhora, você não pode entrar aí. Não, não sei dizer onde sua amiga pode estar. Todos que precisavam de cuidados médicos foram levados para o hospital...

Dane-se, ela ia ligar para Leo. Se Anna estivesse entre os feridos, será que ele poderia procurar o nome dela?

Seus dedos tremiam quando ela discou. Uma voz feminina desconhecida atendeu.

O coração de Becca parou. Ela olhou para a tela do iPhone para ter certeza de que tinha ligado para o número certo. Tinha.

Uma sensação familiar de pavor se instalou na boca do seu estômago. Ela levou o telefone de volta ao ouvido.

— Alô? — a mulher repetiu do outro lado. — Como posso ajudar?

Becca pigarreou.

— Estou tentando falar com o dr. Kogan.

— Sinto muito, mas ele está em cirurgia no momento. Posso anotar seu recado?

— Espere... este é o serviço de recados dele?

— Não, senhora. O dr. Kogan deixou o telefone comigo antes de seguir para a cirurgia. Meu nome é Karen. Sou uma das enfermeiras da área de pré-operatório. Como posso ajudá-la?

Becca fechou os olhos. O nó em seu estômago se afrouxou lentamente. Quaisquer que fossem os defeitos que Leo pudesse ter, ele não era um traidor.

Arrogante? Sim. Teimoso? Com certeza.

Mas se ele dissesse a uma mulher que a amava, não havia como trair essa confiança.

E ontem à noite, ele disse essas palavras a Becca.

Ela respirou fundo. Agora não era hora de pensar nisso. Precisava se concentrar na questão do momento: o paradeiro de Anna.

— Quando o dr. Kogan sair da cirurgia — respondeu à enfermeira —, pode avisar que a Becca ligou?

Desligou e olhou para o telefone, pensando no que faria a seguir.

Então discou o número principal do hospital. Foram necessárias várias tentativas para conseguir falar com alguém. Com os dedos cruzados, pediu para que a transferissem para o quarto de Anna Lazarev.

— Por favor, aguarde — o atendente falou.

Becca mordeu o lábio enquanto ouvia a música baixa, intercalada com anúncios sobre vários serviços de saúde. Ela estava prestes a desligar e ligar de volta quando o atendente retornou.

— Sinto muito, senhora, parece que a srta. Lazarev ainda está em cirurgia.

Anna estava em cirurgia? *Obrigada, Deus.* Se estava em cirurgia, significava que estava viva. Quaisquer que fossem seus ferimentos, ela estava viva.

— Pode me dizer quem é o cirurgião?

— Não, senhora. Mas posso transferi-la para a sala de espera cirúrgica. Talvez eles tenham mais informações.

Levou mais vinte minutos e várias transferências para que ela tivesse a resposta. A surpresa foi seguida pela euforia.

Voltou para o carro. No caminho, ela buscou o registro de chamadas e encontrou o número de Klara.

A chave reserva estava no lugar habitual. Becca entrou no apartamento de Anna e acendeu as luzes.

Quando Anna acordasse da cirurgia, com certeza desejaria suas próprias roupas e produtos de higiene pessoal em vez das coisas do hospital.

Becca estava arrumando uma mala quando o celular tocou.

— Desculpe não ter ligado antes — Leo falou. — Aqui está parecendo um zoológico.

— Como a Anna está?

— Está bem. Espere, como você sabia que... — Ele parou. — Deixa pra lá. Não posso te dar mais detalhes, e ela se recusou a me deixar ligar para alguém até a cirurgia acabar. Eles vão transferi-la para o pós-operatório agora.

— Ela pode falar ao telefone?
— Ainda não. Ela está sedada.
— Posso chegar aí em meia hora. Vou poder vê-la?
— Venha daqui a uma hora. Se houver algum problema, envie uma mensagem de texto e eu te busco.
— Obrigada. — Ela olhou para o relógio, surpresa ao ver que já passava das dez. — Você está trabalhando até tarde.
— Estou de plantão durante o fim de semana.
— Ah. — Ele havia mencionado isso em algum momento? Talvez. Ela tinha uma vaga lembrança – antes de toda aquela loucura. — Tudo bem, então. Não vou te prender.
— Bec, sobre a noite passada...
Ela o interrompeu.
— Conversaremos mais tarde, tá?

As portas duplas se abriram. Becca foi para o posto de enfermagem. Se sentiu estranhamente nua ao chegar na unidade de atendimento pós anestésico sem sua variedade habitual de doces para a equipe. Mas até este momento, nem lhe ocorreu ir para casa e buscar alguma coisa.

Além disso, não era uma visita social.

Anna era a coisa mais próxima que ela tinha de uma irmã. Após os horríveis eventos de hoje, Becca temia o pior. Graças a Deus, isso não aconteceu.

Ainda estava ansiosa, mas o pânico que a dominou durante a maior parte do dia diminuiu. Leo era um excelente cirurgião. Becca ouviu as enfermeiras elogiando-o durante anos – e não só porque ele era bonito. O fato de Anna precisar de um cirurgião ortopédico e não de trauma também era tranquilizador. Isso significava que era improvável que seus ferimentos fossem fatais.

— Becca!

Ela olhou para cima bem a tempo de se preparar quando a irmã de Anna correu e a abraçou.

— Klara. — Ela largou a bolsa no chão e retribuiu o abraço da mulher mais jovem. — Como ela está?

— Bem. Um pouco grogue, mas acordada. — Klara se afastou, sorrindo através das lágrimas. — Está com o braço todo enfaixado e na tipoia, e tem machucados inacreditáveis, mas vai ficar bem. Ethan está com ela agora. Acho que eles precisam de um minuto. Sabia que ele fretou um avião para nos trazer até aqui? Foi épico. Vamos lá, vamos ver se eles já disponibilizaram um quarto para ela.

— Mas...

— Sério, você não quer entrar lá agora, a menos que queira ver uma demonstração pública de afeto gratuita.

— Ah.

— Sim, estou te dizendo, o cara está mal. Sabe como ele conseguiu entrar aqui? — Ela baixou a voz. — Ele alegou ser o marido da Anna. Sr. Lazarev. Não estou brincando.

— Não. — Pela primeira vez desde que esse dia de pesadelo começou, Becca sentiu um sorriso escapar de seus lábios. — Sério?

Klara revirou os olhos.

— Cara, isso soa como algo que eu inventaria? Ah, olhe, ali está a enfermeira que estava cuidando dela. Vamos lá.

Becca olhou para a fileira de cortinas de privacidade ao longo da parede oposta. Anna estava atrás de uma delas. Becca ainda queria vê-la, mas a urgência havia desaparecido. Parecia que sua amiga ficaria bem e, por enquanto, isso era tudo o que importava.

— Como está a paciente? — Leo perguntou, entrando no cubículo com as cortinas fechadas e verificando o monitor de sinais vitais de Anna. Sua frequência cardíaca e pressão arterial estavam um pouco altas. A dose de opioide que ela recebeu no final da cirurgia provavelmente estava acabando. — Ainda está se sentindo grogue?

— Um pouco — Anna respondeu.

Um homem alto de terno amarrotado estava sentado ao lado dela, segurando sua mão boa como se fosse uma tábua de salvação.

Ela tentou se sentar, mas não conseguiu.

— *Chort poberi.* — Droga.

— Calma — Leo falou. Quando contornou a cama do hospital para alcançá-la, o homem já estava lá, ajudando-a a se recostar nos travesseiros.

— Tem uma placa e doze parafusos aí dentro — Leo a lembrou. — Você não quer desfazer toda a minha obra incrível.

Seu rosto empalideceu, mas ela conseguiu dar uma resposta fraca.

— *Egoísta.*

— Na verdade, não. — Leo abaixou a grade lateral e se sentou na cama ao lado de seu quadril. Ao mudar para o russo, ele brincou: — Se eu afirmasse ser o melhor cirurgião do mundo, *aí* seria egoísta.

Leo olhou para o companheiro de Anna, que estava semicerrando os olhos.

Esse deveria ser o infame Ethan Talbot.

Nem mesmo há três meses, Anna havia criticado as opiniões equivocadas do homem sobre educação. Ela chegou ao ponto de chamá-lo de demônio encarnado em uma postagem de blog que se tornou viral. Aparentemente, o demônio tinha uma casca mais grossa e mais perseverança do que ela pensou.

As revistas de fofoca agora tinham muito assunto ao narrar seu relacionamento tempestuoso, com “fontes confiáveis” prevendo uma separação iminente. Se a postura protetora de Talbot fosse alguma indicação, essas “fontes confiáveis” só estavam falando mentira.

Leo estendeu a mão.

— Desculpe, ainda não nos conhecemos. Eu sou Leo Kogan.

O aperto do homem foi forte o suficiente para deixar marcas.

— Ethan Talbot. O marido.

— É mesmo? — Leo arqueou as sobrancelhas e olhou para Anna. — Você se casou e não me convidou para o casamento?

— O Ethan está brincando — Anna respondeu. — Não somos casados.

— Ainda não — Talbot grunhiu.

Anna franziu o cenho para ele.

— Ethan...

Leo sorriu com a interação. O homem claramente não apreciava a familiaridade de Leo e Anna. Tudo bem. Ciúme era algo que Leo podia entender. Ele conviveu com esse sentimento diariamente por quatro torturantes anos.

Enquanto Talbot o mantivesse contido, tratasse Anna bem e não tentasse restringir sua independência, Leo não planejava incomodar o homem.

— Certo, Anush — Leo falou. — Vamos dar uma olhada.

Ele tentou ser gentil, mas ela estremeceu várias vezes durante o exame.

— Tudo bem? — ela perguntou enquanto ele continuava examinando.

— Eu trabalho bem.

Isso trouxe o sorriso que ele esperava.

— Eu sei — ela respondeu. — Estou feliz por você ter me atendido.

— Eu também. Agora feche os olhos.

— Por quê?

— Porque estou pedindo. — Ele olhou para Talbot. — Ela é chata assim com você?

— Não.

— Homem de sorte. Vamos, Anush, feche os olhos. Boa menina. — Ele tocou um ponto distal ao local da incisão. — Consegue sentir isso? E agora? Certo, pode olhar.

Sua amplitude de movimento e força estavam razoavelmente bem preservadas, dado ferimento em seu braço.

Ela finalmente se encostou nos travesseiros.

— Deveria doer tanto?

— Te demos um medicamento para a dor. Considerando tudo, você tem sorte de ter só o úmero atingido. Vai passar.

— E o tornozelo?

— Vai precisar mantê-lo para o alto por alguns dias. Depois, você vai ficar com ele imobilizado. Em duas ou três semanas você vai se esquecer de que o torceu. — Ele se levantou da cama e se virou para a enfermeira que estava ali perto. — No prontuário dela, há uma prescrição de morfina. Cinco miligramas devem ser suficiente. E vamos instalar uma bomba de analgesia controlada pelo paciente. — Ele olhou de volta para Anna. — A enfermeira vai te mostrar como usá-la. Se houver algum problema esta noite, me mande uma mensagem, tá?

— Obrigada, Leo.

— Não tem o que agradecer. — Ele se virou para Talbot. — Se certifique de que ela não levante nada com esse braço.

O homem assentiu.

— Em quanto tempo vou poder levá-la para casa?

— Talvez amanhã ou depois — Leo respondeu. — Dependendo de como as coisas vão progredir. — Ele olhou de volta para Anna. — E se você se comportar.

Anna foi transferida para a unidade cirúrgica do oitavo andar logo após a meia-noite.

— Não havia quartos — Klara contou a Becca enquanto desciam até a garagem onde ela havia estacionado. — Ethan teve que fazer alguns contatos. Aposto que o hospital precisa de uma nova ala ou algo assim. Ainda bem que ele é bilionário.

Becca sorriu. Sim, sua amiga definitivamente teve sorte com Ethan Talbot – e dinheiro tinha pouco a ver com isso. O homem a amava. Era simples assim. Ele a amava e estava disposto a mover montanhas, se isso fosse necessário para fazê-la feliz.

O que quer que ele tenha feito, foi tratado discretamente por telefone, já que ele se recusava a sair do lado de Anna. Ele só se sentou na cadeira perto da janela quando ela lhe disse, exasperada, que não ia fazer xixi na frente dele. A enfermeira que a ajudou a ir e voltar do banheiro, ajustou os acessos e depois lembrou a eles que apenas um acompanhante era bem-vindo para passar a noite.

Se houvesse alguma dúvida sobre quem seria, Ethan acabou com ela no momento em que a enfermeira saiu do quarto. Ele simplesmente foi para a cama e se acomodou ao lado dela, tomando cuidado para não encostar em nada.

— Boa noite, senhoras — ele falou, olhando para trás. — Vejo vocês amanhã.

Becca foi deixar Klara em casa e voltou para a sua, ouvindo as últimas notícias no rádio. A contagem de mortos agora era de oito e catorze feridos, sendo dois em estado crítico.

Milagrosamente, Anna foi uma das sobreviventes. Ela ainda enfrentaria uma longa recuperação, tanto em termos de reabilitação física do braço quanto ao lidar com as consequências emocionais do trauma. Mas ela era guerreira. E tinha o apoio da família, amigos e um homem que a amava.

Quanto às vítimas que não haviam conseguido... Becca não conseguia imaginar como seus entes queridos se sentiam. Como eles poderiam continuar vivendo após uma perda tão devastadora.

As famílias, amigos e parceiros que ficaram, lamentariam todas as negligências e discussões mesquinhas que apimentaram os dias, semanas e meses anteriores? Eles lamentariam todas as oportunidades não aproveitadas, as palavras não ditas? Teriam feito as coisas de maneira diferente se soubessem que a tragédia os esperava?

Becca subiu as escadas para o apartamento. No piloto automático, tirou a roupa e ligou o chuveiro. Escovou os dentes. Vestiu um short e uma camiseta.

Mas quando se deitou na cama, não conseguiu dormir. Cenas do dia continuavam se repetindo em sua cabeça como um GIF de loop infinito.

Finalmente, ela se levantou e foi até a cozinha fazer a única coisa que sempre a acalmava.

Juntou farinha, manteiga, açúcar mascavo e coco. Fazendo tudo à mão para não acordar a mãe, preparou a cobertura caramelizada e a colocou na geladeira para esfriar. Depois, juntou os ovos, iogurte, óleo e baunilha e peneirou os ingredientes secos. As mangas que havia comprado no mercado no início da semana estavam no estágio perfeito de maturação, com a casca lisa o suficiente para que a faca afundasse e liberasse a doce fragrância do verão. Lavou e cortou a fruta em cubos, colocou-a na massa e dividiu a mistura igualmente entre as formas de muffins.

— Problemas para dormir?

Becca quase deixou a bandeja cair. Olhou para cima e viu a mãe parada na porta de roupão e chinelos.

— Não tive a intenção de te acordar — Becca falou, fechando a porta do forno e ajustando o cronômetro.

— Não me acordou. Me levantei para ir ao banheiro e vi a luz. Quer conversar?

Em meio a todo o drama do dia anterior, Becca não havia contado à mãe sobre Anna. Ela colocou uma chaleira no fogo.

Começou a contar a história enquanto tomavam chá e comiam os muffins ainda quentes. Só quando o sol nasceu, riscando o céu de vermelho e roxo, Becca finalmente ficou em silêncio.

Ela pretendia contar à mãe sobre Anna, e havia contado.

Mas, de alguma forma, se desviou do assunto e acabou falando sobre Leo na maior parte do tempo.

Sua atitude, pelo menos em relação ao trabalho de Becca, era clara. E talvez, dado ao que sabia sobre o passado dele, Leo tivesse boas razões para

se sentir assim.

Crescer pobre, com uma mãe solteira e sem apoio era difícil. E, além do mais, lidar com a imigração na adolescência, deixando para trás tudo o que era familiar, tendo que aprender um novo idioma e costumes — quem, em sua posição, não desejaria estabilidade?

Não era à toa que ele achava que as escolhas de Becca eram mal concebidas.

Uma pequena empresa que dependia do gosto variável dos consumidores, dos caprichos de uma economia instável e de um mercado em constante mudança, certamente não oferecia garantias de renda ou segurança.

Mas ela cresceu com dinheiro. E havia trabalhado muito durante anos em um emprego convencional bem pago. Isso não a fez feliz.

Para ela, transformar um hobby de que gostava em uma carreira que amava fazia total sentido, e ela mal podia esperar para que isso acontecesse.

— Quer o meu conselho? — a mãe perguntou.

Becca assentiu.

— Na aula — Susan começou — estamos estudando sobre a hierarquia de necessidades de Maslow. Já ouviu falar?

— Não.

— É como uma pirâmide, com cada nível representando certas necessidades. Na base, há o básico. Comida, casa, segurança física, saúde, segurança financeira. Isso você tem. Em seguida, estão as necessidades sociais. Sentimento de pertencimento. Você tem amigos, família — ela alcançou a mão de Becca — e amor. Mas, além disso, nos níveis mais altos, estão os intangíveis. Como autoestima. Auto realização.

— Fazendo coisas que te satisfazem — Becca falou — o que te faz feliz.

— Exatamente. — Susan apertou sua mão. — Você precisa fazer o Leo entender que esse é o seu sonho. Que é isso que vai te fazer feliz. Um homem que te ama irá te apoiar e encorajar. Ele não irá tentar te deter. E se ele fizer isso, então ele não é o homem para você.

Anna recebeu alta do hospital na manhã de domingo.

Enquanto Klara ajudava a irmã a se vestir e Becca embalava tudo para voltarem para casa, Ethan cuidava da documentação.

— Não se preocupe — ele disse a Leo. — Já contratei uma enfermeira particular e uma fisioterapeuta. Os medicamentos serão entregues esta tarde. E iremos ao seu consultório amanhã para fazer o acompanhamento.

Leo abriu um sorriso.

— Tem certeza de que não quer ficar mais um dia?

— Tenho, sim. — Ethan dobrou a receita e a colocou no bolso do paletó. — Queria agradecer por cuidar tão bem dela. Nos últimos dias... — ele pigarreou. — Não sei o que eu faria se...

Ele parou de falar.

— Ela vai ficar bem — Leo disse. — Só se certifique de que ela siga as instruções e não tente fazer muito esforço. A Anna sofre da síndrome clássica dos superdotados.

— Sim — Ethan falou. — Eu sei.

A porta do banheiro se abriu. Anna surgiu, usando um vestido de gola alta, uma tipoia e apoiada na irmã.

Ethan caminhou para o lado dela.

— Pronta?

— Não tão rápido — Leo falou. — Alguém virá com uma cadeira de rodas.

Anna fez uma careta.

— Não preciso de cadeira de rodas.

— Regras do hospital. — Leo deu de ombros. — Para sair daqui, tem que esperar o transporte.

Becca fechou a bolsa.

— Tudo pronto. Precisa de ajuda para carregar as coisas?

— Não — Ethan disse. — Pode deixar, obrigado.

Dois minutos depois, após se despedirem e prometerem visitar Anna no dia seguinte, Becca foi atrás de Leo.

Ele estava parado ao lado do elevador, digitando algo em seu telefone. As luzes fluorescentes aumentavam suas olheiras. Parecia que ele não fazia

a barba há dias.

Ela parou ao lado dele.

— Oi.

Ele olhou para cima e enfiou o telefone no bolso da calça.

— Becca. Está indo para casa?

— Sim — ela respondeu. — Você parece cansado.

— Foi um fim de semana difícil.

O elevador se abriu, impedindo mais conversas. Leo a seguiu para dentro. Mais pessoas se juntaram, forçando os dois a se aproximarem. O braço dele roçou o dela. Ela respirou fundo, mas ele parecia não perceber, encostado na parede com os olhos semicerrados.

A viagem levou uma eternidade. As pessoas entravam e saíam em todos os andares, se apertando para abrir espaço para outros corpos. Desta vez, foi ela quem se encostou nele. O corpo de Leo ficou rígido, mas mesmo assim, ele não a olhou.

Eles foram os últimos a descer no térreo.

Ele se virou para a cafeteria.

— Você comeu?

— Ainda não — ela respondeu. — Eu trouxe muffins para a equipe...

Os cantos dos olhos dele franziram.

— De que tipo?

— De manga com cobertura caramelizada de coco.

— Ah. — Ele suspirou. — A essa altura, já devem ter acabado.

— Provavelmente. Mas tem mais um. — Ela enfiou a mão na bolsa e tirou um recipiente de plástico em miniatura. — Guardei para mais tarde.

Ele parou bem no meio do corredor, olhando do pote para o rosto de Becca.

— Para mim?

— Vou dividir com você — ela falou, guardando o pote de volta na bolsa. — Se você me comprar um café.

— Vou comprar o que você quiser — ele falou, passando a mão em seu braço.

Ela respirou fundo, tentando reprimir a vibração em seu peito.

— Sua cozinha poderia ter outro forno.

Ele franziu a testa.

— O que há de errado com aquele?

— Nada — ela respondeu. — Mas vou precisar de um segundo. E mais duas pias. Ah, e talvez uma geladeira extra.

Ele piscou.

— Você vai se mudar?

— Recusei a oferta da Nina.

— A oferta da Nina... você quer dizer a casa no Valley?

— Sim. Ela ligou ontem à tarde. Pensei a respeito, mas então eu percebi que você estava certo. Nunca nos veríamos. Então eu recusei.

Ele permaneceu calado. Muito distante da resposta entusiasmada que ela esperava. Ela havia cometido um erro? Tinha entendido mal? Ou havia hesitado demais e perdeu a chance?

Ela deu um passo para trás.

— Sinto muito. Talvez não tenha sido uma boa ideia...

— Espere. — Ele a segurou pelo braço, impedindo-a de se afastar. — Você recusou a oferta da Nina. E agora? Você precisa de um lugar para morar com dois fornos, três pias e uma geladeira extra?

Essa conversa definitivamente não estava indo do jeito que ela imaginou.

— Achei que você queria que eu fosse morar com você — ela falou. — Você ofereceu...

— Não foi só isso que eu ofereci.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, uma voz os interrompeu.

— Olá, doutor. — Um homem idoso, vestindo a jaqueta azul royal de voluntário do hospital mancou, parando a alguns metros de distância. Com um floreio, ele levantou a perna e sorriu. — Olhe, a perna está nova em folha!

Leo sorriu.

— Isso é ótimo, Hank. Quando menos esperar, você estará treinando para a maratona de Los Angeles.

— Da sua boca ao ouvido de Deus. — O homem riu. — Te vejo por aí, doutor.

Becca se remexeu.

— Talvez devêssemos discutir isso mais tarde, quando não estivermos no meio do corredor.

Leo a puxou para longe do movimento, parando quando a apoiou contra a parede. Ele ficou na sua frente, uma mão segurando seu braço e a

outra na parede ao lado da sua cabeça. Suas costas largas a protegiam dos olhos curiosos, fornecendo pelo menos a ilusão de privacidade.

— E então? — ele perguntou. — Melhor?

Devia ter sido uma pergunta retórica, porque ele não parecia inclinado a se afastar tão cedo.

Becca olhou para os lábios dele. Leo não estava mais sorrindo. Na verdade, ele parecia totalmente sombrio.

— Então — ele disse. — Onde estávamos?

— Hum... discutindo arranjos de moradia?

— Não. — Suas narinas dilataram. — Estávamos discutindo sobre nós. Você e eu. Nosso futuro juntos.

— Sim. Sobre isso... — Ela umedeceu os lábios. — Você me disse em algum momento que ama ser médico. Que você não poderia imaginar fazer outra coisa para viver.

— Adoro ser cirurgião ortopédico — ele a corrigiu. — Mas o que isso tem a ver com...

— Tenha paciência comigo por um minuto, tá?

— Certo.

— A razão pela qual você não pode se imaginar fazendo outra coisa — ela falou — é porque você ama o que faz. Bem, a maioria das pessoas não tem essa sorte. Elas trabalham porque precisam do salário. Não têm escolha. Estão presas a um trabalho que as sustentam, mas não traz orgulho, alegria ou satisfação. — Ela inclinou a cabeça para encontrar o olhar dele. — Comigo era assim. Antes de sair do emprego, há algumas semanas, e começar a trabalhar na Beijinhos da Becca.

Por vários minutos, ele não disse nada. Então, lentamente, sua expressão suavizou.

— A Beijinhos da Becca te faz feliz?

Ela soltou um suspiro.

— Sim. É a minha cirurgia ortopédica.

Ele assentiu.

— Bem, então acho que temos que fazer algumas reformas na cozinha. A alegria borbulhava dentro dela.

— E comprar outro forno?

— E mais duas pias e uma geladeira. — Ele emoldurou seu rosto. — E o que mais for preciso para te fazer feliz.

— Está falando sério?

— Claro. Contanto que eu possa provar as mercadorias.
Ela sorriu.
— Ainda estamos falando de confeitaria?
Sua boca estava a um centímetro da dela.
— O que você acha?
— Eu acho que te amo — ela respondeu e depois selou o acordo com um beijo de tirar o fôlego.

— Quantos filhos você quer? — Leo perguntou, alguns dias depois. Eles estavam deitados na cama, os lençóis caídos e os travesseiros espalhados pelo chão – todos, exceto o que estavam compartilhando.

— Não sei. — Ela estremeceu quando os dedos dele encontraram um ponto particularmente sensível ao longo da curva da sua coluna. — Não pensei nisso.

A mão dele parou.

— Não?

— Não — ela respondeu.

Se Leo tivesse feito essa pergunta há algumas semanas, ela a ignoraria. Mas estava aprendendo que quando se tratava de certas coisas – como o relacionamento deles – ele era orientado a objetivos. Não era uma conversa educada. Leo estava negociando. O que significava que ele estava pensando em filhos. Com ela.

Ela fechou os olhos e se concentrou na respiração.

— Levarei um tempo para colocar a Beijinhos da Becca em funcionamento. Você não se importa de esperar, não é?

Quando ele não respondeu, ela abriu os olhos.

— O que foi? Por que você está me olhando assim?

Ele balançou a cabeça e se inclinou, capturando sua boca em um beijo que elevou sua temperatura e a pulsação.

— Já te falei o quanto te amo?

Ela sorriu.

— Sinta-se livre para me dizer novamente. Acho que nunca vou me cansar de ouvir isso.

— Eu te amo — ele falou, passando os lábios por seu pescoço.

E repetiu enquanto descia, se deliciando com os seios dela.

E novamente quando colocou seus joelhos sobre os ombros dele e se acomodou entre suas pernas.

— Ah... — Ela se moveu, enterrando os dedos nos cabelos dele. —
Sim.

Eles voltariam ao assunto de crianças.

Em algum momento.

O tópico do casamento também.

Porque, como Vlad havia apontado, de certa forma, Leo era bastante antiquado.

Só não faziam isso agora.

E por esse motivo, quando seu corpo arqueou de prazer, ela ficou muito, muito agradecida.

Fim.